



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO “PROFª. MARIA ELISA DE ALBUQUERQUE MAIA” –
CAMEAM
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

**TEREZA BATISTA E RAMI: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO
DISCURSO FEMININO EM JORGE AMADO E PAULINA CHIZIANE**

DORALICE DE FREITAS FERNANDES

Pau dos Ferros/ RN

2013

DORALICE DE FREITAS FERNANDES

**TEREZA BATISTA E RAMI: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO
DISCURSO FEMININO EM JORGE AMADO E PAULINA CHIZIANE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *Campus Avançado Professora. Maria Elisa de Albuquerque Maia*, para obtenção do título Mestre em Letras. Área de concentração: *Estudo do texto e do discurso*.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Marques Cardoso

Pau dos Ferros/RN

2013

Catálogo da Publicação na Fonte.

Fernandes, Doralice de Freitas.

Tereza Batista e Rami: uma análise da representação literária do discurso feminino em Jorge Amado e Paulina Chiziane / Doralice de Freitas Fernandes. – Pau dos Ferros, RN, 2013.

128 f.

Orientador (a): Prof. Dr. Sebastião Marques Cardoso.

Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de Concentração: Estudos do Discurso e do Texto.

1. Discurso Literário – Dissertação. 2. Estudos Culturais – Dissertação. 3. Subjetividade – Dissertação. 4. Identidade Feminina – Dissertação. 5. Literatura Brasileira – Dissertação. 6. Literatura Moçambicana – Dissertação. I. Cardoso, Sebastião Marques. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título. UERN/BC CDD 401.41

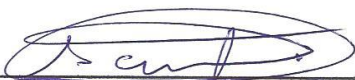
DORALICE DE FREITAS FERNANDES

**TEREZA BATISTA E RAMI: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO
LITERÁRIA DO DISCURSO FEMININO EM JORGE AMADO E PAULINA
CHIZIANE**

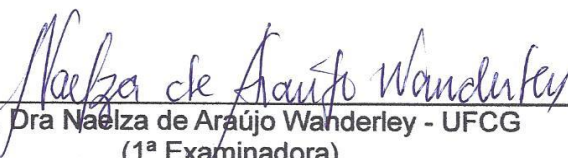
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *Campus Avançado Professora. Maria Elisa de A. Maia*, para obtenção do título Mestre em Letras. Área de concentração: *Estudo do texto e do discurso*.

Aprovada em ____ de _____ de 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Sebastião Marques Cardoso - UERN
(Presidente)



Prof. Dra. Naelza de Araújo Wanderley - UFCG
(1ª Examinadora)



Prof. Dr. Manoel Freire Rodrigues - UERN
(2º Examinador)

Prof. Dr. Wellington Medeiros de Araújo - UERN
(Suplente)

PAU DOS FERROS
2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família.

À minha querida mãe **Maria de Freitas Sá**, que sempre me apoiou e me motivou em todas as etapas de minha vida.

Ao meu querido pai **Francisco Fernandes de Sá**, que não está comigo fisicamente, mas permanece espiritualmente (*in memoriam*).

“No amor, as mulheres são um exército derrotado, é preciso chorar. Depor das armas e aceitar a solidão. Escrever poemas e cantar ao vento para espantar as mágoas. O amor é fugaz como a gota de água na palma da mão”.

Paulina Chiziane

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos a mim concedidas, entre elas, o ingresso e a conclusão do mestrado.

Aos meus familiares e amigos, pelo apoio e pelas palavras de incentivo.

A Gardenes Brito, pelo apoio e pela compreensão durante o curso.

À Maria Eveuma de Oliveira, pela confiança e acolhida em sua residência e, principalmente, pela amizade conquistada.

Aos meus amigos e colegas de mestrado Maria Gorete Paulo Torres, Sérgio Wellington Freire Chaves, Francisco Gomes da Silva, Francisco Vieira da Silva, Celina Freitas pelo companheirismo e pela amizade nos momentos de estudo e descontração durante a caminhada do curso.

Ao professor Sebastião Marques Cardoso, pela dedicação e paciência com que me orientou na produção desta dissertação.

A Marília e Ricardo, secretários do Programa de Pós-Graduação em Letras, pela ajuda prestada nos momentos em que precisei de suas orientações.

À Banca Examinadora, por aceitar convite para avaliar o meu texto.

A todos os membros do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *Campus* de Pau dos Ferros, por me proporcionarem a oportunidade de alargar meu universo do conhecimento por meio das disciplinas ministradas.

FERNANDES,D.F. **TEREZA BATISTA E RAMI: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO DISCURSO FEMININO EM JORGE AMADO E PAULINA CHIZIANE.** 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de Concentração: Estudos do Discurso e do Texto.

RESUMO

Este trabalho, de caráter crítico-analítico, tem como objetivo analisar, por meio de uma perspectiva comparatista, a representação literária do discurso feminino presente nas protagonistas Tereza Batista, de *Tereza Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado, e Rami, do romance *Niketche: uma história de poligamia*, da autora Moçambicana Paulina Chiziane. Parte-se do pressuposto de que o discurso contribui para a formação de identidades sociais e posições do sujeito, além de estar relacionado à construção das relações sociais. Nas obras, estão presentes traços marcantes da crítica social nas relações de dominação e poder impostas às mulheres. Tais condições remetem à questão de gênero, possibilitando observar como se dão as relações de poder e como elas são exercidas no contexto da obra literária. Compartilhando fundamentos teóricos afins sobre as relações entre gênero e poder, elucidaremos, sobretudo, como este é exercido através de ideologias transmitidas pela sociedade para mascarar a situação de dominação entre os indivíduos, inibindo, assim, as contradições sociais. Enfim, observaremos como essas personagens femininas podem, por meio do discurso apresentado, com atitudes e comportamentos próprios, quebrar barreiras e construir uma identidade diferente, que se desvincula e se distancia dos estereótipos convencionais moldados pela sociedade tradicional e discriminadora. Nosso trabalho está ancorado nas teorias de BEAUVOIR (2000), BOURDIEU (2005), BHABHA (1998), ABDALA JUNIOR (2002, 2007), ROUGEMONT (2003), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso Literário e Estudos Culturais; Subjetividade e Identidades Femininas; Literaturas Brasileira e Moçambicana.

ABSTRACT

This work, character critical-analytical, has as to purpose to analyze, through a comparatist perspective the literary representation of female discourse which is present in the protagonists Tereza Batista in *Tereza Batista tired of war*, Jorge Amado's novel, and Rami in *Niketche: a story of polygamy*, of Mozambican author Paulina Chiziane. It begins of the assumption which the speech contributes to the formation of social identities and subject positions, besides being related to the construction of social relations. In the works are present hallmarks of critical social in relations of domination and power imposed on women. These conditions relate to gender enabling observe how happen the power relations and how are performed in the context of the literary work. Sharing similar theoretical foundations on the relationship between gender and power, we elucidate, especially as this is exercised through ideologies borne by society to mask the situation of domination between individuals, thus inhibiting social contradictions. Finally, we look at how these female characters can through discourse presented, attitudes and behaviors, break down barriers and build a different identity, which detaches and mark away from conventional stereotypes shaped by traditional society and discriminating. Our work is grounded in theories of BEAUVOIR (2000), BOURDIEU (2005), BHABHA (1998), ABDALA JUNIOR (2002, 2007), ROUGEMONT (2003) among others.

KEYWORDS: Speech Literary and Cultural Studies, Female Subjectivity and Identity; Brazilian Literatures and Mozambique.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1-TEREZA BATISTA: CANSADA DE GUERRA PRONTA PARA A VIDA	14
1.1 Tereza Batista: estereótipo da sensualidade da mulher brasileira	34
1.2 Tereza Batista: da desconstrução à construção do mito do amor romântico.....	40
2- NIKETCHE: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM MOÇAMBIQUE	57
2.1 Poligamia: símbolo de opressão para as mulheres moçambicanas	60
2.2 Rami: da construção à desconstrução do mito do amor romântico	68
3-TEREZA BATISTA E RAMI: O FEMININO EM JORGE AMADO E PAULINA CHIZIANE.....	93
3.1 Tereza Batista e Niketche: a representação do feminino em trajetórias marcadas pelo sofrimento	104
3.2 Tereza Batista e Rami: confronto entre discursos e culturas, construção e desconstrução do mito do amor romântico	111
4-CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
5- REFERÊNCIAS	126

INTRODUÇÃO

Os escritores Jorge Amado e Paulina Chiziane têm sido constantemente estudados como autores que tematizam a figura feminina apresentando perfis de mulheres destemidas, audaciosas, que enfrentam a sociedade para conseguir sair do jugo dominador e lutar contra o patriarcalismo e a opressão imposta às mulheres.

Na produção literária do escritor baiano Jorge Amado, destacam-se quatro romances que apresentam perfis femininos, a saber: *Tereza Batista*, *Gabriela*, *Tieta* e *Dona Flor*. Em Paulina Chiziane, encontra-se a representação social de personagens femininas que abordam a situação feminina em Moçambique, destacando-se por que partem da submissão imposta às mulheres, desvencilhando-se das amarras sociais para lutar contra a cultura patriarcal e buscar a liberdade, como é o caso de Rami e Sarnau, protagonistas, respectivamente, das obras *Niketche: uma história de poligamia* e *Balada de Amor ao Vento*.

Como os dois escritores retratam perfis femininos, efetivamos um estudo comparativo entre as representações literárias dos discursos das protagonistas; para tanto, optamos pela representação literária dos discursos de Tereza Batista, no romance *Tereza Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado e de Rami, do romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane.

Preferimos as protagonistas Tereza Batista e Rami por se tratarem de personagens criadas por autores de países, culturas e ideologias distintas, mas que mostram, com suas trajetórias literárias, a desenvoltura das mulheres brasileiras e africanas que vivem em um contexto social machista e precisam ser corajosas para desmistificar costumes, crenças e a moral social para conseguirem seus objetivos.

Observamos como as protagonistas dialogam entre si no que se refere à sociedade em que estão inseridas e de que maneira irão construir e desconstruir o mito do amor romântico no decorrer de suas trajetórias.

Outro fator primordial em nossa pesquisa é que faremos uma análise comparatista entre a literatura brasileira e a de um país emergente, qual seja, Moçambique, que há pouco tempo conseguiu sua independência, começando a exportar produções literárias. Logo, desviamos, intencionalmente, nosso olhar das literaturas canônicas e hegemônicas dos grandes centros, notadamente, da Europa.

Portanto, na análise que ora apresentamos, delineiam-se as diretrizes básicas sobre os procedimentos necessários para realizar a pesquisa proposta, ou seja, um estudo comparativo e intercultural entre os discursos das referidas personagens. Para tanto, partimos do pressuposto de que tanto Tereza Batista quanto Rami apresentam discursos, ações e comportamentos que, no decorrer do enredo, vão se destacando pela resistência aos costumes culturais e sociais desempenhados pelas mulheres.

Notamos que, no Brasil, o regime de casamento adotado oficialmente é a monogamia, entretanto, com Tereza, encontramos a representação do que também acontece no contexto social: a personagem exerce a profissão de prostituta, que lhe foi imposta pelas conjunturas sociais nas quais a protagonista estava inserida.

Já tocante ao contexto de Rami, é privilegiada a poligamia masculina. Tendo em vista que as obras retratam culturas diferentes de países distintos, Brasil e Moçambique, buscaremos efetivar um estudo comparativo entre as culturas, as relações sociais que podem ser permeadas através da literatura.

Notamos que em ambos os casos a mulher não dispõe de liberdade para exercer livremente seu papel na sociedade. Logo, o estudo privilegiará a análise dos procedimentos linguísticos e literários na elaboração de um discurso crítico sobre a condição da mulher no contexto cultural brasileiro e moçambicano.

Dessa forma, trabalhar com a temática feminina é de grande relevância para a sociedade em que estamos inseridos, principalmente, por se tratarem de culturas tão distintas, mas que, por meio dos mecanismos de poder, ainda tratam a mulher como um ser inferior e subjugado ao domínio masculino. Logo, a pesquisa contribui para a valorização dessa temática na sociedade.

Levando em consideração que não existem muitos trabalhos comparativos entre as literaturas de Brasil e Moçambique, especialmente entre os autores Jorge Amado e Paulina Chiziane, nosso trabalho tem ainda mais teor valorativo, visto que pode servir de estímulo para despertar o interesse em tal temática e aproximar cada vez mais as literaturas em Língua Portuguesa, notadamente, a literatura afro-brasileira, tanto no âmbito acadêmico, quanto nos demais seguimentos educacionais.

Este trabalho é de caráter crítico-analítico e consiste na análise da representação literária do discurso das personagens Tereza Batista e Rami numa perspectiva comparatista. Em relação às técnicas e aos instrumentos de coleta, esta pesquisa tem caráter bibliográfico, fundamentada principalmente, na análise dos romances *Tereza Batista cansada de guerra* de Jorge Amado e *Niketche: uma história de poligamia* de Paulina Chiziane, como também textos que abordam a questão das relações entre literatura, sociedade, cultura, teorias de gênero e poder. Para atingir os objetivos estabelecidos, partimos do pressuposto de que o discurso contribui para a formação de identidades sociais e posições do sujeito, além de estar relacionado à construção das relações sociais.

Esta pesquisa tem início com a leitura de textos de críticos feministas, sobre as relações de poder. Além disso, será feito um estudo dos textos literários *Tereza Batista cansada de guerra* de Jorge Amado e *Niketche: uma história de poligamia* de Paulina Chiziane, de forma a se estabelecer um referencial que nos permita observar até que ponto o texto literário abraça a sociedade de 1972 e 2004, no Brasil e em Moçambique, respectivamente, no que tange às relações de poder relativas ao contexto sócio-histórico e cultural dos séculos supracitados.

Nesse sentido, abordaremos os discursos femininos, com base nas leituras dos romances em questão e no referencial teórico, buscando captar particularidades das obras literárias para, assim observar a situação feminina sob a ótica de dois escritores de países, culturas e épocas diferentes.

Em seguida, faremos uma análise da representação literária do discurso feminino de Tereza Batista, da obra *Tereza Batista cansada de guerra* de Jorge Amado, a partir de leituras sobre discurso, gênero, literatura, cultura nordestina

e representação do mito do amor romântico. Assim, observaremos como a personagem parte da desconstrução à construção do mito do amor romântico.

Da mesma forma, analisaremos a representação literária do discurso da protagonista Rami da obra *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, partindo das leituras sobre discurso, cultura moçambicana e representação do mito do amor romântico, observando como a personagem Rami desconstrói o mito do amor romântico.

Na sequência, faremos um confronto dos discursos das personagens Tereza Batista e Rami, na perspectiva comparatista da representação literária, buscando evidenciar as convergências e as divergências existentes entre eles. Partindo do pressuposto de que Tereza Batista, ao longo do enredo, constrói o mito do amor romântico, e de que Rami ao longo da narrativa desconstrói o mito. Os discursos serão analisados dentro do contexto sócio-histórico e cultural de cada obra e investigaremos como eles interferem na vida das personagens.

1- TEREZA BATISTA: CANSADA DE GUERRA, PRONTA PARA A VIDA

*Peste, fome e guerra, morte e amor, a vida de Tereza
Batista é uma história de cordel.
Jorge Amado*

O escritor Jorge Amado, baiano, modernista, engajado em causas sociais, dedicou em seus romances uma atenção especial à figura feminina, destacando-se em sua produção quatro obras, consideradas por críticos literários obras de “perfis femininos”, a saber, *Dona Flor e seus dois maridos*, *Gabriela cravo e canela*, *Tieta do agreste* e *Tereza Batista cansada de guerra*. Esta última foi escolhida para nossa análise.

Tomamos Jorge Amado como objeto de nossas reflexões, por se tratar de um autor ímpar no cenário da literatura brasileira, pois muitas de suas obras denunciaram a situação social dos menos favorecidos, notadamente a mulher. Por essa singularidade, suas obras foram adaptadas para a televisão e o cinema, sendo traduzidas em cinquenta e cinco países e para quarenta e nove línguas.

Em suas obras, Jorge Amado retrata a mulher de forma peculiar, mostrando a sensualidade, a força, a garra e a sabedoria feminina e, principalmente, abordando questões sociais, que são o foco da discriminação e do preconceito sofrido pelas mulheres, especificamente as de baixa escala social. Observamos que a falta de condições financeiras é um dos fatores preponderantes que transporta as mulheres para a margem da sociedade, contribuindo assim, para o fortalecimento da violência e do abuso masculino sobre o feminino. Outro ponto crucial é falta de educação e emprego, que impulsionam essas mulheres de baixa renda a exercer profissões que são discriminadas pela sociedade como a prostituição abordada na obra em questão.

Por meio do romance *Tereza Batista cansada de guerra*, faremos um estudo comparativo da representação literária do discurso feminino, tomando por base a relação da referida personagem com o discurso de Rami, protagonista da obra *Niketche: uma história de poligamia*, da autora moçambicana Paulina Chiziane.

Observando a narrativa da obra *Tereza Batista Cansada de Guerra* de Jorge Amado, percebemos que o enredo mostra a história da própria Tereza Batista que, aos oito anos de idade, ficou órfã de pai e mãe em um desastre de marinete e, por causa dessa fatalidade, passou a morar numa casa humilde com seus tios Rosalvo e Felipa. Tereza, ainda criança, ajudava sua tia nos afazeres domésticos.

Tereza é vendida aos doze anos de idade por preço irrisório, em troca de um anel de pedras falsas. O comprador foi o Coronel Justiniano Duarte da Rosa, homem sem escrúpulos, que se orgulhava de comprar meninas para tirar a virgindade, era conhecido como “a fera da Cajazeiras do Norte, desbravador de cabaços” (AMADO, 2008, p. 86) e possuía um colar com argolas de ouro para mostrar quantas meninas já haviam sido defloradas por ele.

Rosalvo foi contra a venda da sobrinha, mas não por motivos justos e nobres; ele não pensava em defender a menina inocente que brincava com os moleques subindo em árvores sem nenhuma malícia. O inescrupuloso tio a desejava para si e já arquitetava como seria o dia em que iria abusar sexualmente da sobrinha, como percebemos no trecho abaixo:

Um nó de raiva estrangula a garganta de Rosalvo: ah! Um sonho acalentado tantos e tantos anos, vendo-a crescer, formar-se dia a dia adivinhando-lhe a beleza rara, reprodução para melhor que fora a mãe Marieta, um esplendor. [...] Há quanto tempo vem contendo a pressa, acumulando essa ânsia, preparando seus planos? De repente, lá se ia tudo por água abaixo. [...] Todos esses anos tenho esperado na paciência e no desejo, Felipa, e a casa do capitão, tu bem sabe, é um inferno. A filha de tua irmã, Felipa, o que tu vai fazer é um pecado, tu não tem medo do castigo de Deus? (AMADO, 2008, p.78).

De acordo com a situação, o interesse de Rosalvo em tentar deixar a menina em sua casa não se atribui, em nenhum momento, ao carinho e ao afeto que naturalmente deveriam existir entre ele e a sobrinha (carinho paternal e filial), mas, sim, pelo desejo de possuí-la, tornando-a sua mulher, mesmo sendo a sobrinha ainda uma criança. O próprio Rosalvo afirma: “Ah se já fosse moça, capaz de aceitar homem eu a teria tomado por mulher, tenho tudo preparado, só faltava cavar a cova para enterrar, Felipa miserável, peito sem compaixão, mercadejando a sobrinha” (AMADO, 2008, p.78,79).

Observando o contexto em que Tereza Batista foi vendida, percebemos que Felipa vendeu Tereza não por precisar do dinheiro para sobreviver, e sim, porque queria ter lucro com a virgindade da sobrinha. Sabendo que o Capitão iria levar a menina de todo jeito, quis tirar proveito da situação. Observamos que no interior do nordeste, os coronéis tinham liberdade para colocar em prática todos os seus desejos, mesmo que estes passassem por cima do sentimento e da dignidade das pessoas. Como aconteceu com Tereza Batista como vemos no seguinte trecho:

Talvez um pouco verde, nem de vez ainda, se amadurecesse mais uns dois anos, estaria no ponto. Assim tão menina, não há como negar, é malvadeza entregá-la ao capitão, mas louca seria Felipa se resolvesse esperar ou se opor. Esperar para vê-la na cama com Rosalvo, ou nos matos com um moleque qualquer? Se opor para Justiniano levá-la à força, na violência e de graça? Afinal Tereza em breves dias completará treze anos. Pouco mais tinha Felipa quando Porciano lhe fez a festa e na mesma semana caíram em cima os quatro irmãos dele e o pai e como se não bastasse, lambuzou-a o avô o velho Etelvino, já com cheiro de defunto. Nem por isso morreria ou ficara aleijada. Não lhe faltou sequer casamento, com benção de padre. Também vocação de corno igual à de Rosalvo não conhecia na redondeza. Tão chifrudo como cachaceiro (AMADO, 2008, p. 76).

Na época em que se passa a história narrada, no nordeste, especificamente no interior, os coronéis tinham grande influência política, como no caso de Justiniano, que, apesar de ser quase analfabeto, conseguiu terras e dinheiro de maneira desonesta e violenta. Mesmo tendo conhecimento de sua falta de caráter, todos o respeitavam, mas não porque ele merecesse prestígio e, sim, por temê-lo.

Nesse sentido, percebemos que os coronéis tinham grande influência sobre a vida das pessoas, notadamente as camadas mais baixas da sociedade que, no contexto em destaque, formam a maioria. Como se configura nos regimes políticos, a grande massa é coordenada por uma pequena parcela que detém o poder.

Para José Murilo de Carvalho (1997, p. 02):

O coronelismo é, então, um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professora primária. O coronel

hipoteca seu apoio ao governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao presidente da República em troca do reconhecimento deste de seu domínio no estado.

Nessa perspectiva, os coronéis tinham o apoio do governo para desenvolver suas atividades ilícitas, mantendo o controle político e econômico das regiões em que, além de donos de terras, eram controladores da situação social por meio do sistema de troca de benefícios, ficando a população em geral subjugada a tais “senhores de terras”.

Dessa forma, a sociedade mantinha uma conjuntura na qual os pobres não tinham condições de se opor aos coronéis, pois, sendo eles o símbolo do poder econômico e político da região, quem se opusesse aos seus desejos e ordens era punido severamente, podendo até perder a própria vida.

Sendo assim, observamos que na obra em questão as relações de poder se dão de maneira brutal. Pois a Tereza foi espancada cruelmente várias vezes para que o capitão pudesse exercer seu poderio e alimentar seu ego que estava impregnado com ideologias machistas, que privilegiam os homens e desdenham as mulheres, tornando-as meros objetos para saciar prazeres.

E foi dentro desse contexto social que a menina Tereza Batista foi comprada pelo coronel Justiniano para satisfazer seus desejos e servir de instrumento para ele impor sua autoridade. No entanto, Tereza Batista, mesmo sendo uma criança, não cedeu aos caprichos do coronel. Ao chegar à fazenda e ser trancada em um quarto localizado nos fundos da casa grande, destinado, exclusivamente, para deflorar as meninas e assim, satisfazer os instintos libidinais do capitão, Tereza não aceita a ordem do coronel para se deitar no colchão.

Logo, já se percebe nas ações de Tereza que, mesmo estando em situação difícil, sendo oprimida e obrigada a fazer algo que não é de sua vontade, há uma insubordinação, o que a diferencia das outras meninas-mulheres que passaram pelas mãos do coronel, distanciando-a assim do perfil esperado e propagado pela sociedade de que a mulher deve ser subserviente ao homem e aceitar tudo que lhe for imposto sem reclamar ou se rebelar.

Na sociedade patriarcal, a mulher não tem como se expressar livremente, pois são designadas a cumprir o seu papel social servindo e

obedecendo às normas de conduta que lhes são impostas desde o seu nascimento. Sobre esse aspecto Virgínia Woolf in Bourdieu (2002, p.2) afirma:

Inevitavelmente, nós consideramos a sociedade um lugar de conspiração, que engole o irmão que muitas de nós temos razão de respeitar na vida privada, e impõe em seu lugar um macho monstruoso, de voz tonitruante, de pulso rude, que, de forma pueril, escreve no chão signos em giz, místicas linhas de demarcação entre as quais os seres humanos ficam fixados, rígidos, separados, artificiais. Lugares em que ornado de ouro ou de púrpura, enfeitado de pluma como um selvagem, ele realiza seus ritos místicos e usufrui dos prazeres suspeitos do poder e da dominação, enquanto nós, 'suas' mulheres nos vemos fechadas na casa da família sem que nos seja dado participar de nenhuma das numerosas sociedades de que compõe a sociedade.

Nessa perspectiva, a mulher na sociedade patriarcal é tida como um ser dependente, devendo ficar à disposição dos homens e acatar suas decisões; seu convívio deve restringir-se ao ambiente familiar, podendo, assim, sua participação ativa e efetiva na sociedade.

Percebemos que ainda hoje a sociedade é marcada pela política patriarcal, apesar de ter havido um grande avanço da condição da mulher no contexto social, mas mulheres ainda enfrentam o preconceito e passam por situações em que são tratadas como sexo inferior, muitas vezes sendo vítimas de exploração por seus companheiros e pela sociedade, que outorga poderes aos homens e deveres para as mulheres.

Entretanto, observamos que a representação literária do discurso de Tereza Batista, em muitos momentos, não coaduna com o discurso propagado e perpetuado pela sociedade. Tendo em vista que em muitas ocasiões a protagonista pronuncia discursos soberanos sobre os homens. Fato este, pouco comum na sociedade em que estava inserida. E levando em consideração que, para se analisar o discurso, o contexto histórico assume um papel de grande relevância, pois a produção do discurso depende do contexto e da posição social do sujeito, podendo assumir um valor diferenciado e ser considerado convincente ou não. De acordo com Fairclough (2001, p. 91), “os eventos discursivos específicos variam em sua determinação estrutural segundo o domínio social ou particular ou no quadro institucional em que são gerados”.

A partir do contexto, do *status* e da ideologia vigente, mesmo que implicitamente, o discurso denota qual é a situação do sujeito discursivo e em que dimensão ele interage com os demais. Segundo Orlandi (2000, p.15), “Na análise de discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

Logo, o discurso de Tereza Batista será analisado de acordo com o contexto social, visto que todo sujeito discursivo está inserido numa sociedade e recebe desta influências ideológicas que são propagadas e internalizadas imperceptivelmente no consciente dos cidadãos. Podemos citar a situação da mulher, que sempre foi subjugada aos domínios da sociedade patriarcal.

Como podemos observar, na fazenda do capitão, Tereza só acatou as ordens depois de muita resistência, e sua submissão se deu, exclusivamente, por medo e não por qualquer outro sentimento de acomodação. Sendo assim, observaremos como o discurso de Tereza Batista e as suas atitudes a distinguem das demais mulheres de sua época, que se rendiam facilmente às ordens dos coronéis. No trecho a seguir, o capitão tenta tirar sua virgindade na base da violência:

Deita aí!, ordena. Deita aí!, repete. Estende o braço para obrigá-la, a menina se afasta, sempre junto à parede. [...] O capitão gosta de conquistar, de sentir a resistência, o medo, quanto mais medo melhor. Ver o medo nos olhos das bichinhas é um elixir, um trago de bebida, retempera. [...] Vamos Lindeza! Dá um passo o capitão, Tereza se furta, recebe um tapa nas ventas. Ri de novo o capitão, é a boa hora do choro. O choro aquece o coração, acelera o sangue de Justiniano. Em vez de chorar, Tereza responde com um pontapé; treinada nas brigas de moleques, atinge o osso no meio da perna nua, unha do dedo grande arranha a pele – uma esfoladura, um pingo de sangue foi Tereza quem tirou sangue primeiro (AMADO, 2008, p.115, 116).

Notamos no trecho acima, percebemos que Tereza está sozinha em um quarto com seu algoz sem ter quem possa tirá-la da situação em que se encontra. O coronel demonstra toda sua frieza ao abusar da fragilidade da jovem menina, que trancada em um quarto não teria condições de fugir do seu algoz. Entretanto Tereza não aceita de bom gosto as ordens do capitão a protagonista entra num embate com o ‘seu dono’. Mesmo estando em

desvantagem, mesmo sendo ainda uma criança e o capitão um homem forte e experiente, não se entregou facilmente.

Percebemos que mesmo estando em desvantagem Tereza luta com todas as forças para não se render a Justiniano, entretanto, seu porte físico não lhe oferece condições para que ela possa vencer o capitão. Este segue em suas tentativas violentas para ‘ domar ’ Tereza. O capitão bate em Tereza com uma taca de couro cru para mostrar que não tem compaixão da menina e só deixa de espancá-la quando Tereza rola no chão semimorta, toda ensopada de sangue. E é dessa forma que se dá a primeira relação sexual de Tereza Batista como observamos na seguinte passagem da obra:

A taca atinge Tereza nas pernas, no ventre, no peito, nos ombros, nas costas, na bunda, nas coxas, na cara, a cada chicotada de sete chicotes, a cada dentada dos nós um lanho, um rasgão, uma posta de sangue. O couro é faca afiada, zunem os chicotes no ar. [...] Incansável o capitão: Tereza rola semimorta, o vestido empapado de sangue o capitão continua a bater um bom pedaço de tempo. [...] O capitão só deixa de bater quando Tereza para de gritar, posta inerte de carne. Descansa um instante, larga a taca no chão, descruza-lhe as pernas, toca o recôndito segredo. Ainda tenta a menina um movimento, dois tapas na cara e acabam de acomodá-la. O capitão ama descabaçá-las ainda verdinhas com cheiro e gosto de leite. Tereza, com gosto de sangue (AMADO, 2008, p. 118, 119).

Observamos que Tereza é violentada fisicamente, a cada batida do chicote ela sente seu corpo de dilacerar em dor. Para o capitão, a dor e o sofrimento de Tereza não significavam nada, já que ele se satisfazia ao ver o sofrimento alheio. A protagonista, maltratada, espancada, humilhada, já sem forças e quase morta, cede aos caprichos do capitão.

Percebemos que a violência é uma das maiores armas do capitão para manter sua autoridade diante das mulheres e também das outras pessoas. Isso mostra que muitas vezes, os homens tentam manter uma posição superior por meio da violência física. Principalmente os coronéis que usufruíam sua posição econômica para difundir o medo e a brutalidade diante das pessoas que conviviam com ele. Logo, o coronelismo serviu de âncora para que muitos desmandos fossem efetuados com autoritarismo e brutalidade sobre tais fatos Albuquerque Júnior (2011, p. 227) relata:

Os coronéis são mostrados como tipos autoritários que viviam nas casas de prostituição, gastando, jogando, bebendo. São homens para quem mulheres e filhas não passavam de empregadas, que tinham o poder sobre a alma e sobre o corpo de seus agregados, podendo surrá-los, multá-los ou matá-los quando bem queriam, determinando a vida de todos à sua volta.

Observamos que o capitão Justiniano propaga as atitudes dos coronéis de sua região: a selvageria, a brutalidade, a falta de humanidade para com os familiares, as mulheres, os empregados, e as amantes. Essas atitudes mostram que a vontade desses senhores de terras passava por cima de todo ato de amor e compaixão para com o próximo.

Assim, percebemos que Tereza foi mais uma vítima de um coronel carrasco e autoritário que não media esforços para chegar ao seu objetivo. Mesmo lutando com todas as suas forças para não ceder ao capitão, como era esperado, não tinha como a menina vencê-lo. Entretanto, Tereza Batista, em seus primeiros embates, não sentiu medo do capitão; sentiu raiva, dor, ódio, mas medo, ainda não. Pois, nas brincadeiras com os moleques, ela fora “Jagunço, soldado, comandante de brigas dos moleques, Tereza aprendera que guerreiro não chora e ela não há de chorar” (AMADO, 2008, p. 116).

No contexto em que Tereza foi criada, o choro representava fraqueza e fragilidade, tendo em vista que, nas brincadeiras que tinha com os moleques nos arredores da casa de tia Felipa, a menina brigava igual menino e não perdia nenhuma das empreitadas. Por isso, a jovem menina aprendeu desde cedo a ser forte e guerreira e a não chorar no primeiro obstáculo que aparecesse em seu caminho.

Entretanto, o capitão não se dá por vencido, só colocará a outra argola de ouro no colar, comemorando ‘mais uma’, “quando houver ensinado o medo e o respeito à cria indócil, quando a tiver domada aos seus pés, atenta as suas ordens e caprichos, rendida e súplice, pronta a lhe abrir as coxas ao menor aceno e a pedir mais” (AMADO, 2008, p. 120).

Tereza aguentou por muito tempo as surras, e os maus tratos do capitão:

Mais ou menos dois meses, Tereza aguentou. Cada vez que o capitão a teve, foi na porrada. Cada novidade custou tempo e

violência. Chupa, ordenava o capitão; a sediciosa trancava a boca, ele batia-lhe com a fivela do cinto em cima dos lábios: abre, cadela! Até abrir. Cada ensinamento durava noites e noites de aprendizagem; [...]. Até que as forças de Tereza faltassem e ela consentisse ou executasse. A fedentina de mijo, o sangue coalhado, os urros de dor, assim Tereza Batista se iniciou no ofício da cama (AMADO, 2008, p. 122).

Tereza em nenhum momento profere discursos de súplicas e desespero ao capitão, mas, como já se postulou, o discurso é pronunciado de acordo com o contexto social e a posição do sujeito discursivo, e vários fatores interferem na sua produção. Quando ela tenta fugir da fazenda, é capturada; diante da devastadora ameaça de ser queimada por um ferro de brasa, a jovem menina, pela primeira vez, se rende em pedidos de perdão e súplicas ao capitão como podemos observar:

Arregalaram-se os olhos de Tereza, o coração encolheu e então a coragem lhe faltou, soube a cor e o gosto do medo. Tremeu-lhe a voz e mentiu:

- Juro que não ia fugir, só queria tomar banho, tou grossa de sujo. [...]
- Não me queime, não faça isso, pelo amor de Deus. Nunca mais vou fugir, peço perdão; faço tudo que quiser, peço perdão. Pelo amor de sua mãe, não faça isso, me perdoe, ai, me perdoe!

Sorriu o capitão ao constatar o medo nos olhos, na voz de Tereza; finalmente! Tudo no mundo tem o seu tempo e o seu preço. (AMADO, 2008, p. 123).

Notamos, claramente, no discurso de Tereza, o pavor e o medo, a menina fora surrada, espancada, molestada e suportou tudo sem xingar, suplicar nem pedir perdão, mas quando se deparou com o medo de ser queimada, ao ver o ferro em brasas, Tereza faz uma súplica tentando sensibilizar o capitão. Entretanto, foi em vão, ele sem piedade e com um riso na face ao detectar que, finalmente, Tereza estava domada prosseguiu com sua ira e cumpriu a sentença:

A menina estava atada de cordas, deitada de barriga para cima. Justiniano Duarte da Rosa sentou-se no colchão diante das plantas nuas dos pés de Tereza. Aplicou o ferro de engomar primeiro num pé, depois no outro. O cheiro de carne queimada, o chiado da pele, os ouvidos e o silêncio da morte.

Depois de fazê-lo, o capitão a desamarrou; já eram necessárias cordas e vigilância, cabra no corredor, fechadura na porta. Curso completo de medo e respeito, Tereza por fim obediente. Chupa, ela

chupou. Depressa, de quatro e de costas. Depressa se pôs. Sozinha no mundo e com medo, Tereza Batista, argola no colar do capitão (AMADO, 2008, p.123, 124).

Observamos no trecho acima que Tereza é ferida de uma maneira totalmente desumana e sem piedade. “O cheiro de carne queimada”, “o chiado da pele” e “o silêncio de morte” são expressões que deixam nítida a angústia e a dor sentidas por Tereza ao ter seus pés queimados com um ferro de brasa pelo capitão. A violência foi tão grande que a menina rende-se totalmente aos desejos de Justiniano por medo de ser queimada novamente. Tereza passa a ser obediente ao capitão, por mais de dois anos, mora com ele na casa grande, como uma de suas preferidas, mas o medo é a matiz de sua obediência: prazer em servi-lo não há, muito menos na cama.

Jamais sentiu Tereza o menor prazer, o mínimo desejo ou interesse; todo e qualquer contato físico com Justiniano Duarte da Rosa foi moléstia e asco e só por medo concedeu e fez – fêmea à disposição, cordata e pronta. Nesse período de sua vida, os assuntos de cama e sexo significaram para Tereza apenas dor, sangue, sujeira, amargura, servidão.

Nem sequer imaginava pudessem tais coisas conter alegria, reciprocidade no prazer ou simplesmente prazer – sendo Tereza apenas vaso onde descarregar-se o capitão, nela vertendo seu desejo como vertia urina no penico. Que pudesse ser de outra maneira, com carinho, carícias, gozo, nem lhe passava pela cabeça. Por que sua tia Felipa se trancava com homens, não entendia. Desejo, ânsia, ternura, alegria não existia para Tereza Batista (AMADO, 2008, p. 131).

Dessa forma, Tereza Batista não conhecia o carinho, o afeto e muito menos o amor. Sua vida, desde o momento em que foi para a companhia do capitão Justiniano Duarte da Rosa, foi de sofrimentos e amarguras. Principalmente, no que diz respeito ao amor, e à convivência a dois entre homem e mulher.

A primeira vez que Tereza Batista apaixonou-se e sente prazer em uma relação sexual é com Daniel, “estudante de direito, doutor em malandragem com curso completo nos cabarés, castelos, pensões de mulheres” (AMADO, 2008, p. 143), que veio passear em Cajazeiras do Norte, na casa dos pais, filho do meritíssimo Juiz Doutor Eustáquio Fialho Gomes Neto. Tereza, ainda sem conhecer o amor (pois só aprendeu sofrimento, dor e medo nas mãos do

capitão Justiniano), ao ver Daniel, lembra-se da imagem do anjo no quarto dos fundos, onde ela foi molestada pelo capitão.

Ao vê-lo, acredita ser Daniel um anjo do céu, na medida em que o rapaz vai se aproximando, lançando seu olhar sobre ela, na frente do capitão, sem que este, por se sentir muito macho e poderoso, perceba. Daniel, com sua malandragem, finge estar paquerando as quatro irmãs Moraes que residem em frente ao armazém do capitão Justo para, assim, poder se aproximar de Tereza. As trocas de olhares, as rosas deixadas no balcão sem que o capitão percebesse fizeram acender em Tereza algo que ela nunca havia sentido, e ela deixava-se envolver:

Seduzia Tereza. Sem querer, sem saber por quê, à revelia de sua vontade, Tereza respondeu aos olhares – que olhos mais tristes, mais azuis e funestos, a boca vermelha, os anéis do cabelo, anjo caído do céu. Quando se foram rua afora, conversa de não acabar, Tereza escondeu no peito a flor trazida por ele. Nas costas do capitão, Daniel lhe mostrara a rosa fanada e tendo-a beijado, no balcão a pousou. Para ela a colhera e beijara no seboso balcão uma rosa vermelha, um beijo de amor (AMADO, 2008, p. 158, 159).

Nesse trecho podemos perceber como Daniel era astuto na arte de seduzir e Tereza, por ser muito ingênua e por estar muito carente, entrega-se facilmente aos encantos do jovem rapaz. A rosa vermelha, símbolo do amor, foi entregue em um balcão que se intitula sujo por pertencer ao capitão e por ser palco de muitas trapaças e desmandos, nesse cenário medíocre e vulgar – uma rosa que para Tereza seria a salvação, mas que se tornou sua perdição.

Depois dos galanteios recebidos às escondidas, Tereza, que nunca havia sentido a felicidade do amor, o gosto de um beijo, protagoniza a seguinte cena: “Daniel levou as duas mãos ao rosto de Tereza, emoldurando-o nos dedos, e a fitá-la nos olhos veio com a boca semi-aberta e tomou de sua boca” (AMADO, 2008, p. 161). Tereza até então não sabia que existia algo bom de uma coisa que para ela sempre foi ruim, o bafo e o cheiro do capitão lhes davam repugnância, mas com Daniel era diferente. “A boca de Dan, os lábios, a língua, longa, suave carícia, a boca de Tereza foi se entregando” (AMADO, 2008, p. 161).

Depois de entregar-se às carícias de Daniel, Tereza já não é mais a mesma, passa a desejar a presença do estudante de direito e a querer ficar

com ele o máximo de tempo possível. Na noite de São João, que o capitão todos os anos festeja no roçado de seu Mundinho Alicate, é o momento em que os amantes têm a oportunidade de se encontrarem e de finalmente se amarem.

Tereza, tímida, inocente, não conhece as carícias e a reciprocidade do amor na cama, pois sempre foi usada como objeto pelo capitão Justo. Ela agora passa a desvendar os mistérios do amor e o prazer de ser mulher.

Ai, meu amor! Ele volta a deitar-se ao seu lado, o peso da coxa sobre sua coxa, os cabelos do peito, arminho, pelúcia, veludo onde brincam os dedos de Tereza.

[...]

Daniel desvenda o mistério do cofre, a rosa forense no calor de uma brasa acendida, a primeira. Fagulhas se espalham nos bicos dos seios, nos lábios arfantes, nas orelhas mordidas, ao longo das coxas, no vale do ventre, no rego da bunda. A palpitante flor, espada flamejante. Abrem-se as pernas de Tereza, as coxas da menina, enfim mulher, é ela quem se desata, se oferece, se entrega, ninguém lhe dá ordens e não tem medo – pela primeira vez. Daniel deposita um beijo no tufo negro de pêlos antes de partir com a menina para a revelação da vida e da morte porque bom mesmo seria morrer naquele ensejo quando a noite de São João molhada de chuva se queimou nas fogueiras do amor e renasceu Tereza Batista. Ai, meu amor!, que ela repetiu na hora primeira e derradeira, ai (AMADO, 2008, p. 176,177).

Percebemos que Tereza é seduzida pelos encantos de Daniel, pois a menina ainda não conhecia o prazer e o gozo que podem existir em uma relação sexual. Tereza que antes era chicoteada, violentada forçada a manter relação com o capitão, agora se entrega, oferece-se palpitante e feliz no momento em que vai desvendando o mistério do prazer e do gozo sexual. Não há mais ordens, nem sofrimento o que existe é a alegria de estar nos braços de um homem que lhe abriu a porta do paraíso e para culminar o cenário de prazer na noite de São João nem a chuva pôde apagar as chamas que reluziam entre os corpos ardentes de desejo e paixão. Entregue e apaixonada, ela deseja morrer a ter que voltar aos braços do capitão, à cama de casal, ao mijo, à fedentina. Mas Daniel a faz entender que poderão se encontrar quando o capitão viajar.

Tocada pelo amor, com medo de permanecer na presença de Justiniano ela profere um discurso submisso para Daniel, suplicando para que a tirasse do capitão: “[...] Me leve daqui, posso ir de criada, com ele nunca mais. [...] se não

for para Bahia me mato, me enforco na porta, com ele é que nunca mais. Se não vai me levar não minta, me diga a verdade” (AMADO, 2008, p. 190, 191).

Observamos que Tereza teve uma mudança depois que descobriu o amor, não quer mais voltar para a vida de dor, sofrimento e asco com o capitão. Para sair dessa situação, a única pessoa que poderia lhe ajudar seria o seu Dan, se ele estivesse apaixonado. Entretanto, o jovem estudante só queria mais uma aventura, estava achando divertido manter uma relação adúltera com a amásia do capitão que se considerava o homem mais destemido de Cajazeiras do Norte.

Tereza só soube quais as reais intenções do seu amado na noite em que foram flagrados pelo capitão Justo em sua própria cama. Tereza, para não morrer, nem ver morto o seu amor, matou o capitão com uma faca de cortar carne seca, como podemos observar no trecho a seguir:

[...] quando o capitão sente a facada nas costas, o frio da lâmina, o calor do sangue. Volta-se e vê Tereza de pé, a mão erguida, um clarão nos olhos, a beleza deslumbrante e o ódio desmedido. O medo onde está, o respeito ensinado, tão bem aprendido, Tereza?
 - Larga essa faca, desgraçada, não tem medo que eu lhe mate?[...]
 - Medo acabou! Medo acabou, capitão! (AMADO, 2008, p. 193, 194).

Logo após o assassinato do Coronel Justiniano, Tereza foi presa erroneamente, pois era menor de idade. Daniel, que poderia ter ajudado a provar sua inocência, fugiu e colocou toda a responsabilidade da morte sobre Tereza, fazendo com que esta passasse a concebê-lo como o ser mais desprezível que já conheceu, até mais que o próprio Justiniano.

Ao saber da prisão de Tereza, o doutor Emiliano Guedes, 64 anos, um rico fazendeiro, casado, compadeceu-se da situação de Tereza e enviou seu advogado Lulu Santos para libertá-la da prisão. O Doutor colocou-a num convento para sua segurança, mas, por medo, Tereza acabou fugindo e foi para o prostíbulo da cafetina Gabi. Ao saber do paradeiro de Tereza, Emiliano vai resgatá-la da prostituição e a instala em uma casa na cidade de Estância, concebendo-a sua amásia.

Durante seis anos, a vida com o doutor Emiliano foi pura felicidade e prazer, ela não se incomodava em ser sua amante, para ela, bastavam apenas

sua dedicação, seu carinho e seu amor. Mas o inesperado aconteceu: Emiliano faleceu em pleno ato sexual: “Tereza Batista abraçada com a morte, tendo-a sobre o peito e o ventre, por entre as coxas a penetrá-la com ela fazendo amor. Tereza Batista na cama com a morte” (AMADO, 2008, p. 241).

Quando Tereza encontra-se sozinha, sem a proteção e o carinho do seu amado, diz palavras tocadas pela emoção:

Ai, Emiliano, como viver sem mais aguardar tua chegada sempre imprevisível, sem correr para porta do jardim ao reconhecer teu passo de senhor, ao ouvir tua voz de dono, sem me acolher no remanso de teu peito e receber teu beijo, sentindo nos lábios a cócega do bigode e a ponta cálida da língua? Como viver sem ti, Emiliano? Não me importam a pobreza, a miséria, o trabalho duro, o prostíbulo outra vez, a vida errante, só me importa a tua ausência, não mais ouvir tua fala, teu riso largo rolando nas salas, no jardim, em nosso quarto, não sentir contato de tuas mãos leves e pesadas, lentas e rápidas, agora frias, mãos de morto, nem o calor do teu beijo, a certeza de tua confiança, o privilégio de tua convivência. A outra será viúva, eu estou viúva e órfã (AMADO, 2008, p. 249).

Percebemos que Tereza, tocada pela dor da perda de seu amado e sentindo-se sozinha no mundo, pronuncia o discurso da mulher da sociedade patriarcal. Ela, sentindo que nunca mais irá ver, tocar e sentir o corpo e as carícias do homem amado, declara-se viúva e órfã. Logo a personagem encontra-se na solitária e triste por ter perdido um amor. Sobre tais sentimentos Freud (2010, p.39) posiciona-se: “Nunca estamos mais desprotegidos ante ao sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor”.

Dessa forma, o ser humano, na visão de Freud, fica totalmente vulnerável quando ama, pois tem medo de perder o objeto amado ou seu amor e, conseqüentemente, a felicidade. Felicidade esta que Tereza só aprendera nos braços e na companhia do doutor Emiliano Guedes e, agora, sem o amado, sem seu porto seguro, ficará desamparada.

Tereza Batista era amásia do Dr. Emiliano Guedes, fato este que mostra uma distorção do regime monogâmico instituído na sociedade brasileira. O doutor casado, pai de família, mantinha um relacionamento extraconjugal com Tereza, conservando-a numa casa afastada, na cidade de Estância.

Nesse sentido, percebemos a hipocrisia que perpassa a sociedade, visto que o Dr. Emiliano Guedes era Bacharel em Direito, empresário, coronel e dono de muitas terras e, sem ter quem se opusesse às suas vontades, cultivava relacionamentos fora do casamento, não só com Tereza, mas também com outras mulheres. Observamos, por meio desse comportamento, que o discurso social é subvertido, já que no Brasil a poligamia é crime, mas a população aceita tais situações como naturais.

No entanto, podemos observar que o próprio Dr. Emiliano Guedes, apesar de manter esses relacionamentos, demonstra em seu discurso, em suas atitudes, diferenças entre a esposa e a amásia. Pois, prezando os bons costumes, no início do relacionamento, ele mantém Tereza no anonimato, sendo elogiado pela sociedade:

Naqueles idos, o usineiro ainda não se mostrava na rua em companhia de Tereza, sozinho nos passeios noturnos à velha ponte, à represa, ao porto nas margens do rio Piauí, mantendo-a clandestina, escondida nas dobras da aparência, jamais vistos os dois juntos em público – “o doutor pelo menos respeita as famílias, não é como outros, que esfregam as raparigas na cara da gente”, elogiava dona Geninha Abib, dos Correios e Telégrafos, gorda e tenaz má-língua (AMADO, 2008, p. 268).

Dessa forma, apesar de amar Tereza, o doutor, por questões sociais, para manter sua integridade social, mascara a situação, não aparecendo com a amásia pelas ruas, nos passeios que fazia ao longo do dia e da noite. Mesmo quando, depois de alguns anos, resolveu assumir Tereza publicamente, passando a levá-la em seus passeios e deixando, assim, a população estarrecida, Emiliano não queria ter filhos fora do casamento e fazia distinção entre amantes e esposas:

Não quero filho na rua. – A voz educada porém crua, inflexível: - Sempre fui contra, é uma questão de princípios. Ninguém tem o direito de por no mundo um ser que já nasce com um estigma, em condição inferior. Ademais, quem assume compromisso de família não deve ter filhos fora de casa. Filho a gente tem com a esposa, se casa para isso. Esposa é para engravidar, parir e criar filhos; amante é para o prazer da vida, quando tem de cuidar de menino fica igual à outra, que diferença faz! Filhos na rua, não, é assim, que penso. Eu quero minha Tereza para o meu descanso, para me fazer a vida

alegre nos poucos dias que disponho para mim, não para ter filhos e amolações. De acordo, favo de mel? (AMADO, 2008, p. 282).

No discurso de Emiliano Guedes, percebemos, claramente, o discurso social, machista, patriarcal, que mostra o preconceito para com as crianças nascidas de relações extraconjugais, como é o caso do filho, ainda no ventre, de Tereza Batista que, pela vontade e pelo orgulho do próprio pai não veio ao mundo. Logo, percebemos que a sociedade é hipócrita, pois ao mesmo tempo em que aceita que os homens tenham relações fora do casamento, não aceita os filhos advindos dessas relações.

Compreendemos melhor a distinção social entre a esposa e a prostituta, amásia. Levamos em consideração que prostituta é a mulher que tem relações sexuais com vários homens em troca de dinheiro e amásia mulher que tem relação sexual com um homem casado, termo sinônimo de amante. Evidenciamos a distinção entre a esposa e a amásia /amante mostrada por Roberto Da Matta (1997, p. 146):

Realmente a mulher tem – no Brasil e no mundo mediterrâneo – uma posição ambígua, com duas figuras paradigmáticas lhe servindo de guia. A da Virgem-Mãe, isto é, da mulher que tem a sexualidade controlada pelo homem a serviço da sociedade e é mãe permanecendo virgem. E a da mulher como puta. A mulher que não é controlada pelos homens. Ao contrário, é controlada e centro de uma rede de homens de todos os tipos, pois quem é a puta senão aquela que põe todos os homens em relação? Como Virgem-Maria a mulher não tem sendo de comparação nem de medida, seu poder provindo da virtude. Como puta, ela reprime e susta seu poder reprodutivo (pois a mãe-puta é uma ofensa e uma contradição), tornando-se, por um lado, um centro de poder comparativo e controlador da sexualidade masculina. Assim, como a Virgem-Mãe a mulher abençoa e honra seu lar. E como puta ela confere masculinidade aos homens. Num caso, a mulher coloca os poderes reprodutivos acima dos favores (e prazeres) sexuais (é a Virgem-Mãe); no outro coloca sua sexualidade acima da reprodução (é a prostituta).

Tereza, assumindo sua posição de amásia e prostituta, não se encaixaria no perfil da mulher que poderia ter filhos e constituir família. Restaria a protagonista aceitar sua condição e abster-se da maternidade em detrimento dos prazeres sexuais.

Observamos que há um culto a virgem-mãe, a mulher aqui é colocada como parte de uma santidade, remetendo à Virgem-Maria mãe de Jesus.

Nesse sentido, a mulher casada, fiel ao seu esposo, dona do lar, teria características e atributos que a tornariam semelhante à Virgem-Maria. Já a mulher prostituta seria a representação do pecado, sendo assim impossibilitada de exercer o dom da maternidade e de conviver em sociedade como uma mulher digna.

Logo, Tereza Batista sendo amásia, mesmo tendo casa, carinho, amor e sendo tratada como senhora, sua situação no contexto familiar, não mudará, pois nem um filho poderia ter, já que não seria registrado com o nome do pai. Entretanto, Tereza, acreditando que não tinha capacidade de conceber filhos por ter passado por muita violência física, fica grávida, para sua própria surpresa e também de Dr. Emiliano, que sempre se posicionou contra tal possibilidade.

Confirmada a gravidez, Tereza fica com uma mistura de sentimentos: alegria por estar grávida e tristeza por saber que não poderia conceber o tão esperado filho. Podia ter filhos, uma alegria um filho nascido do amor entre ela e o doutor, entretanto, lembrou-se da conversa e da opinião de Emiliano, mas o médico amigo do doutor pediu para que ela esperasse a volta do seu amado para assim resolver o que fazer. Como já era esperado, Emiliano não muda sua opinião. No entanto, ele dá a chance para Tereza escolher entre ele e a criança que cresce em seu ventre:

- Ouça, Tereza, e decida você mesma. – Eu lhe quero tanto bem, que me disponho a lhe deixar ter a criança, se você faz questão, e a sustentá-la enquanto eu viver – mas não reconheço como filho, não lhe dou meu nome e com isso se acaba nossa vida em comum. Quero a você, Tereza, sozinha, sem filho, sem ninguém. Mas não lhe quero contrafeita, triste, ferida, e a ser ruim o que até agora tem sido tão bom. Decida, Tereza, entre mim e o menino. Nada lhe faltará, garanto, só não terá a mim (AMADO, 2008, p. 285).

Tereza, diante da situação, amando e devendo muitos favores ao Dr. Emiliano Guedes, mesmo sofrendo, decide fazer o aborto. “– Para mim o senhor passa antes de tudo” (AMADO, 2008, p. 286). Observamos que apesar de desejar o filho, Tereza põe seu amor e sua gratidão pelo doutor antes de tudo, até mesmo de sua vontade de ser mãe. Logo, notamos que o que prevalece é a decisão do homem; a vontade da mulher fica subjugada aos desejos do seu companheiro. O discurso de Emiliano é autoritário.

Observamos que mesmo aceitando a decisão do amante, Tereza sente antecipadamente a dor da perda do filho e diz palavras melancólicas e tristes ao seu filho que ainda está em seu ventre: “Adeus, filho que não conhecerei, desejado menino, adeus!” (AMADO, 2008, p. 286). Nessas palavras é possível ver a dor de Tereza ao ter que abortar seu filho. Entretanto, notamos que Tereza teve a oportunidade de escolher entre seu filho ainda no ventre e seu amante. Logo, evidenciamos que seu amor maternal não foi grande o suficiente para que ela arcasse com as consequências de dar à luz a seu filho. Escolhendo assim, o que lhe foi mais conveniente para aquele momento.

Compreendemos que dentro do contexto social brasileiro da época em que a obra em questão foi escrita, a ideologia patriarcal difundia preceitos em favor da moral e dos bons costumes, ficando à margem da sociedade as mulheres que não podiam interferir em seus próprios destinos, principalmente quando se tratava de mulheres marginalizadas, como as amantes e as prostitutas.

A protagonista Tereza Batista, no trecho em que se despede do filho, evidencia toda a submissão feminina aos homens, mostrando que seus sentimentos, sua dor em perder o filho tão amado e desejado não significam nada para o Doutor Emiliano e muito menos para a sociedade.

O Dr. Emiliano Guedes não aceitava ter filhos fora do casamento, era mais uma forma de manter as aparências, manter a hegemonia da família, mostrando assim uma conduta “satisfatória” para a sociedade, que mesmo sabendo da amásia, aceitava tal fato como se fosse natural, pois o doutor era uma figura ilustríssima em Cajazeiras do Norte e em toda a região.

Partindo do pressuposto de que a sociedade brasileira, pautada nos princípios do ocidentalismo, é conduzida pelo regime de casamento monogâmico, o qual é efetuado por meio de um contrato, em que ambos os cônjuges estão de comum acordo, contraindo, assim, uma série de deveres e compromissos, os quais nenhum dos dois pode quebrar, temos um paradoxo, visto que, em muitos casos, os homens têm várias mulheres, amantes, amásias, e são aceitos na sociedade, enquanto as mulheres não têm direito nem a se oporem à vontade destes.

Isso fica explícito na obra em questão quando comparamos as personagens masculinas com as femininas. Como personagens masculinas, é válido mencionar o capitão Justiniano Duarte da Rosa, O Dr. Emiliano Guedes, Cristóvão Guedes e tantos outros. Como referências femininas de submissão, encontramos Dóris, a esposa de Justiniano, Marina, esposa de Cristóvão Guedes, e Irene, esposa de Emiliano Guedes, entre outras, que acatam as ordens dos maridos sem questioná-las.

Dessa forma, a sociedade propaga o discurso da família unida, da moral e dos bons costumes, não aceitando imoralidades e subversão, mas na realidade acontece o oposto: os homens, que deveriam amar e cuidar de suas esposas com fidelidade, vão para bordéis e casas noturnas em busca de prazer e desfrutes carnis, muitos adquirem amásias e as exibem perante a família e a comunidade. Constrói-se, assim, uma sociedade pautada na hipocrisia, em que os discursos são propagados, mas não são postos em prática, ou seja, o pacto social é transgredido e as famílias vivem de aparências.

No que se refere à Tereza Batista, sua vida foi ditada por outros, ela não teve o direito de escolher seu destino. Sua vida, desde a morte de seus pais, foi traçada primeiro por sua tia, depois pelo capitão Justiniano Duarte da Rosa. Mas não satisfeita com essa situação, lutou para sair da condição de “escrava” do capitão, só se libertando após matá-lo.

Já nos braços do Dr, Emiliano Guedes, era amásia por gosto e prazer, já que em companhia deste conseguira esquecer todas as dores e aflições passadas na presença de Justo. Sempre sofreu discriminação por não ser a mulher legítima, recebendo todos os insultos e palavrões cabíveis a uma mulher que dorme com homem casado: “espertalhona, sem moral, sem coração” (AMADO, 2008, p. 248).

O adultério é crime que por muito tempo foi punido com a prisão do cônjuge adúltero, atualmente, a lei está mais branda e o adúltero pode pagar pelo crime sem que seja necessária a prisão. No ocidente, onde a grande maioria da população é cristã o adultério também é considerado um pecado como explica Denis de Rougemont (2003, p. 369):

Aos olhos da igreja, o adultério era ao mesmo tempo um sacrilégio, um crime contra a ordem natural e um crime contra a ordem social. Pois o casamento unia ao mesmo tempo duas almas fiéis, dois corpos aptos a procriar e duas pessoas jurídicas. Prestava-se a santificar os interesses fundamentais da espécie e os interesses da cidade. Aquele que infringia esse compromisso triplo não era considerado “interessante”, e sim, miserável e desprezível.

Dessa forma, o adultério é repudiado pela igreja e pela sociedade, quem o comete pode ser condenado por tal ato. No entanto, mesmo com as leis jurídicas e com a conscientização sacerdotal, observamos que o adultério é muito comum e quem o comete muitas vezes não recebe nenhuma punição. Recentemente foi aprovada a Lei nº 11.106, de 28 de março de 2005, e em seu art. 5, foi revogado o art. 240 do Código Penal, em que o adultério encontrava-se tipificado e, portanto, tal conduta deixou de ser crime passível de encarceramento. O adúltero poderá pagar a pena de outras maneiras.

Nessa perspectiva, percebemos que a sociedade vem mudando suas leis e favorecendo cada vez mais as pessoas que não cumprem com o contrato de casamento. O primeiro item para se construir um casamento é amar o cônjuge e ser fiel a ele por toda vida, no entanto, a infidelidade tem levado ao fim inúmeros casamentos.

Na literatura, há personagens que apresentam essa postura de traição, e a infidelidade aflora no subconsciente das pessoas, em seus desejos mais íntimos que, muitas vezes, não podem ser revelados publicamente. Na ficção tudo é possível, o autor deixa sua imaginação ir além, revelando sentimentos, criando personagens que explicitam a quebra de regras e de normas, como acontece com Tereza Batista.

Evidenciamos que as atitudes de Tereza Batista, sua conduta e trajetória pessoal abrem espaço para a reflexão sobre a condição da mulher na sociedade, notadamente a prostituta, que precisa enfrentar vários preconceitos para conseguir se desvencilhar das ideologias patriarcais.

Notamos que Jorge Amado, ao colocar uma prostituta na posição de heroína de um enredo, apresenta uma imagem de protagonista incomum para a sociedade de então. Com isso, proporciona aos leitores a oportunidade de ter o contato com outros estereótipos que não sejam os convencionais, dando

possibilidade aos marginalizados de serem observados e de acordo com o senso de cada indivíduo serem acatados ou não.

1.1-Tereza Batista: estereótipo da sensualidade da mulher brasileira.

Levando em consideração que Jorge Amado dedicou grande parte de sua obra a representar perfis femininos, de maneira especial mulheres bonitas, sensuais e, acima de tudo, guerreiras que lutam pela liberdade de expressão e principalmente pelo amor, a representação de Tereza Batista é exemplar. Encontramos nela uma menina que é vendida, violentada fisicamente e sexualmente, por um coronel que usa e abusa do poder para satisfazer suas vontades pessoais e destruir a vida de muitas adolescentes que são obrigadas a conviver com ele.

As obras de Jorge Amado contribuíram bastante para corroborar o estereótipo de tropicalidade, sensualidade e beleza da mulher brasileira, que até os dias atuais chamam atenção dos homens de todo o mundo, que vêm para o Brasil atraídos pela propaganda de beleza da mulher brasileira. Como afirma Abdala Junior (2002, p. 131):

[...] Atrizes que, ao serem veiculadas pela mídia, do romance para o cinema e a televisão, ajudaram a criar esse modelo tropicalizado de mulher. Uma mulher mestiça, que se afasta dos padrões eurocêntricos, impostos aos consumidores brasileiros desde o século XIX. Ao mesmo tempo, um produto de exportação, que inverte os fluxos tradicionais dos filmes dirigidos a um público mais amplo, contrapondo-se ao produzido sobretudo pela indústria cultural de Hollywood.

A mulher é descrita por uma ótica pautada em padrões patriarcais, que valorizam o desejo sexual dos homens, a cobiça pelo corpo feminino, a ênfase em saciar tanto visualmente quanto fisicamente os anseios masculinos. Por isso, Jorge Amado evidencia em suas personagens a rotina dos prostíbulos, dos cabarés de luxo, fazendo uma menção à 'mulher mulata' e 'boa de cama', prostituta, desprovendo-a da possibilidade de ser mãe e esposa, construindo a imagem de que a maternidade retiraria, da mulher, a sensualidade e, dos homens, o apetite sexual.

Afirma Abdala Junior (2002 p. 145,146):

Em Jorge Amado, a mulata vai aparecer sobretudo como objeto de desfrute – perspectiva em parte por ele problematizada nos anos 1960. Inicialmente uma Gabriela, mistura de esposa e prostituta, fica num espaço intermediário, a meio caminho entre o lar e o prostíbulo. Não se casa e nem tem filho. Dona Flor dá um salto social e será esposa legalmente constituída, mas também não tem filho. Seu erotismo se desenvolve a partir da evidência de que não se engravidará. [...] Se tivesse filhos, o risco seria reproduzir o padrão social e descartar o erotismo. Para Jorge Amado, esse erotismo só prospera pelas margens do sistema social. Nesse sentido, chega mesmo a idealizar os prostíbulos, que ele eleva à condição de “castelos”. O reino da liberdade, sonhado pelo autor, estaria nessa idealização da marginalidade – um espaço de conagração e festa, em sua óptica, mais vocacionado para encontros do que para conflitos.

Dessa forma, a imagem propagada pelas personagens de Jorge Amado dá ênfase ao erotismo e se desvencilha dos padrões sociais para criar o estereótipo da mulher sensual, contrariando, assim, a imagem ocidental da mulher que é vista como esposa, mãe e dona do lar. Nesse sentido, na obra amadiana, a mulher, para ser sensual, deve abdicar da maternidade, e muitas vezes do casamento, para manter seu erotismo.

Observamos que em Tereza Batista também se passa essa visão de erotismo e sensualidade encontradas em outras personagens de Jorge Amado. Além da sensualidade, a audácia e a garra também se destacam na protagonista.

Tornando-se mulher ainda menina, Tereza sente as agruras da vida e aprende tudo da forma mais difícil e dolorosa. Sozinha no mundo, conhece o amor e a decepção de não ser amada, logo após assassinar o seu algoz, capitão Justiniano, para salvar a si mesma e seu amado, Daniel. No entanto, é abandonada por este e, não acreditando mais no amor, passa a viver em cabaré até o doutor Emiliano trazê-la para sua companhia na condição de amásia. Quando este vem a falecer, volta a trabalhar no Cabaré Paris Alegre, em Aracaju, onde conhece seu grande amor Januário Gereba.

Tereza Batista é uma mulata que desperta a cobiça nos homens e inveja nas mulheres. Pois, em qualquer local que ela esteja, muitos homens admiram sua beleza e sua audácia diante das circunstâncias. Notamos que Jorge Amado, sob a influência de Gilberto Freyre, ao descrever a sensualidade da

bela mulata, valorizando a sua cor, sua pele e seu rebolado, valoriza o mito de que a mulher morena é boa de cama, como confirmamos em Gilberto Freyre (2003 p. 71,72):

Pode-se, entretanto, afirmar que a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico. Moda de mulher loura, limitada aliás às classes altas, terá sido antes a repercussão de influências exteriores do que a expressão de genuíno gosto nacional. Com relação ao Brasil, que o diga o ditado: “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar” ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, e a preferência sexual pela mulata.

Nessa perspectiva, desde a colonização portuguesa recebemos influências ideológicas e sociais as quais destinam um valor para cada mulher de acordo com sua raça, ficando para a mulher negra a posição mais inferior; para a branca a superioridade, advinda da valorização da raça do próprio colonizador; para a mulata, a sensualidade, o apetite sexual e a habilidade na cama.

A partir desse pressuposto de que a sensualidade da mulher morena foi fruto da mistura das etnias que aqui se instalaram, Gilberto Freyre (2003 p.66) afirma:

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural de um povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. A reinando mas sem governar; governando antes a África.

Logo observamos que a população brasileira foi criada a partir da mistura das etnias, das crenças e por esse fato, ainda hoje convive com o hibridismo cultural e étnico pautado de paradoxos e antagonismos. Como reforça Gilberto Freyre:

O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam, se equilibram ou se hostilizam. Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos (FREYRE, 2003, p.69).

Diante desse contexto de mestiçagem e antagonismos, podemos fazer um paralelo entre a descrição da beleza física de Tereza Batista, seus atributos pessoais e sua condição de prostituta e amante de vários homens, levando-nos a notar que, pelas características inerentes a sua etnia, Tereza Batista apresenta os atributos para ser cobiçada e desejada pelos homens, sendo assim, mais sujeita a exercer a função de prostituta.

Dessa forma, a sensualidade torna-se um fator positivo para que a ela possa exercer a profissão de prostituta e seduzir os homens, entretanto, do ponto de vista social, esse se torna um fator negativo, visto que, pelas ideologias vigentes, ela não poderia ser uma mulher bem vista na sociedade.

No entanto, mesmo tendo sido amásia e prostituta, Tereza Batista é tida como heroína, pois não se deteve diante das adversidades e lutou sempre em favor dos pobres, fracos e oprimidos. Como cita o próprio Jorge Amado em *O menino Grapiúna*:

Que outra coisa tenho sido senão um romancista de putas e vagabundos? Se alguma beleza existe no que escrevi, provém desses despossuídos, dessas mulheres marcadas com ferro e brasa, as que estão na fímbria da morte, no último escalão do abandono. Na literatura e na vida, sinto-me cada vez mais distante dos líderes e dos heróis, mais perto daqueles que todos os regimes e todas as sociedades desprezam, repelem e condenam (AMADO, 1981b: 57-58).

Dessa forma, podemos perceber o intuito de Jorge Amado ao descrever personagens marcadas pela dor, pelo sofrimento. Tereza tem em seu favor a beleza, a sensualidade, a garra e o caráter, atributos que fazem dela uma mulher deslumbrante e diferente das demais personagens. No trecho a seguir, ela está prestes a estrear como dançarina no cabaré Paris Alegre:

Para noite de estréia, Tereza está até muito do seu, um tiquinho nervosa mas tratando de não demonstrar. Sentada numa mesa discretamente situada a um lado da sala, aguarda a hora de mudar a roupa, conversando com Lulu Santos, a ouvir comentários maliciosos a propósito dos fregueses. [...] Apesar da meia-luz ambiente e da localização da mesa a formosura de Tereza não passou despercebida (AMADO, 2008, p. 18).

Apesar de o ambiente ser de pouca iluminação, a beleza de Tereza não passa despercebida aos olhos do poeta José Saraiva que convida a jovem moça para dançar: “- Para que tanto desperdício de beleza? Dá para fazer três beldades e ainda sobra graça e formosura. Vamos dançar minha divina?” (AMADO, 2008, p. 19).

A descrição do poeta José Saraiva mostra quão bela é Tereza Batista; sua ginga, seu rebolado atrai e seduz os homens. Tereza usava roupas coloridas, demonstrando com a mistura das cores, a mistura das raças, a expressão da alegria e da felicidade da mulher brasileira:

Tereza se alça de ouro e cobre, mulher completa, na força da idade e da beleza, vestida porém com os mesmos trajes do Paris Alegre: turbante de baiana, curta bata de cambraia sobre os seios soltos, o colorido saiote de babados, as pernas nuas, o reluzente coxame (AMADO, 2008, p. 25).

Notamos que a protagonista traz em suas roupas e em seu corpo a sensualidade da mulher brasileira, que, apesar de sofrer, batalha, enfrenta as adversidades da vida sempre com um sorriso nos lábios, como aconteceu com Tereza Batista:

Posso lhe afiançar, irmãozinho: para começo de vida o de Tereza Batista foi começo e tanto; as penas que em menina penou bem poucos no inferno penaram; órfã de pai e mãe, sozinha no mundo – sozinha contra Deus e o diabo, dela nem mesmo Deus teve lástima. Pois a danada da menina assim sozinha atravessou o pior mau pedaço o mais ruim dos ruins, e saiu sã e salva do outro lado, um riso na boca.[...] Difícil para Tereza foi aprender a chorar, pois nasceu para rir e alegre viver. Não quiseram deixar mas ela teimou, teimosa que nem um jegue essa tal de Tereza Batista. Mal comparando, seu moço, pois de jegue não tinha nada, afora de teimosa; nem mulher-macho, nem Paraíba, nem boca suja – ai, boca mais linda e perfumosa! – nem jararaca, nem desordeira, nem puxa-briga; se alguém assim lhe informou, ou quis lhe enganar ou não conheceu Tereza Batista (AMADO, 2008, p.16).

Nesse sentido, Tereza Batista é a representação da mulher brasileira, notadamente, a nordestina, muitas vezes, obrigada pelas circunstâncias a lutar contra o preconceito e contra a falta de dinheiro e a buscar sua liberdade, enfrentando dores, angústias e sofrimentos, como afirma Falci in Del Priore (2007, p. 241):

Mulheres ricas, mulheres pobres; cultas ou analfabetas; mulheres livres ou escravas do sertão. Não importa a categoria social: o feminino ultrapassa a barreira das classes. Ao nascerem, são chamadas “meninu fêmea”. A elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos, mas também viveram o seu tempo e o carregaram dentro delas.

Percebemos que a mulher nordestina é descrita como uma mulher forte. Ao ser chamada de “meninu fêmea”, percebemos que não importa se a sociedade a rotula como sexo frágil, pois ela desde criança aprende a enfrentar os problemas e a vencer os obstáculos da vida.

Tereza Batista era pobre, foi vendida a um coronel pela tia, além de ter sido obrigada a ser amante de Justiniano Duarte da Rosa, trabalhava na casa e no armazém de seu dono, como se fosse uma escrava. Viveu em um contexto semelhante ao das mulheres pobres do sertão nordestino, como observa Falci in Del Priore (2007, p. 250):

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras – estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher.

Notamos que a trajetória de Tereza Batista se iguala com a da mulher nordestina, pois ela enfrentou todas as dificuldades, fome, miséria, mas nunca desistiu de seus objetivos. Hoje, mesmo a sociedade adquirindo muitos avanços nos aspectos pessoal e profissional da mulher, ainda presenciamos fortes resquícios do patriarcalismo. Em se tratando da questão amorosa, familiar e sexual, os preceitos patriarcais ainda permanecem, ou seja, a mulher,

apesar de trabalhar, cuidar da família e ter certa estabilidade financeira ainda sofre preconceito.

1.2-Tereza Batista: da desconstrução à construção do mito do amor romântico

A sociedade patriarcal sempre incutiu e difundiu valores, preceitos, principalmente no que se refere às mulheres. Desde crianças, as meninas são educadas para serem o modelo de esposa, de mãe e de guardiã do lar. Os primeiros presentes são bonecas com as quais as meninas brincam de ser mãe, de casinha e de organizar o lar.

As crianças, antes de irem para escola, ouvem os pais contarem os contos de fadas nos quais a princesa é salva pelo príncipe, os dois “casam e serão felizes para sempre”, a citar, *Cinderela, Branca de Neve e os Sete Anões, A Bela Adormecida*, dentre outros.

Tais estórias ficam incutidas no subconsciente das meninas, que crescem esperando encontrar seu príncipe encantado para casar e “SER FELIZ PARA SEMPRE”. No entanto, a realidade difere do mundo dos sonhos e da fantasia. Nos contos de fada, os enamorados casam, entretanto, a vida depois do casamento não é mencionada, visto que a estória tem seu “FINAL FELIZ” no dia do casamento.

Vendo a perfeição de tais romances, as meninas-mulheres passam a desejar um amor perfeito como os dos contos de fadas e, conseqüentemente, deparam-se com a realidade humana, diferente das personagens, daí a frustração de não encontrarem um príncipe, nem viver a felicidade eterna.

Observamos que, no Brasil e no mundo, o casamento sempre esteve ligado a tradições religiosas, à moral e aos bons costumes. É uma herança dos povos portugueses que aqui chegaram, dominaram os índios, impuseram o cristianismo e a tradição católica, que preza a união indissolúvel do casal, o amor e a fidelidade até o fim de suas vidas, como podemos constatar no livro de Gênesis: “Por isso o homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne”. (BÍBLIA SAGRADA, 2000, p.50).

Além de questões religiosas o casamento também esteve ligado a questões econômicas, o amor fica em segundo plano e o mais importante passa a ser uma possível ascensão social.

Dessa forma, a mulher passa a ser objeto de um jogo social, sendo assim predestinada, em um grande período da história, a casar-se por conveniência, enquanto o casamento era tido como um sistema social. A moça, quando ficava noiva, passava a ser vigiada por pais, familiares, amigos, padres, enfim pela sociedade como um todo; muitas passavam a viver até mesmo um certo regime de clausura até a data do casamento, como forma de prevenir a perda da virgindade e, assim, não comprometer a transação comercial, ou seja, o casamento, compromisso no qual o pai colocou toda sua honra, e que se configura como uma relação de submissão da mulher ao homem, que marcou a sociedade patriarcal.

Conforme Koss (2000, p. 220):

A relação de submissão e dominância está na base da sociedade patriarcal. É sustentada pela religião que endossa e justifica a dominância do homem sobre todos os outros seres, incluindo a mulher. Entre as razões que se arrola para este domínio, figura a maior força física do homem, que o torna 'naturalmente' um protetor da mulher, tida como vulnerável e indefesa.

Logo, o casamento se constitui como a legitimação do sistema social que promulga a vida de homens e mulheres, fazendo com que estes vivam uma constante encenação para o bem da sociedade. A mercê dessa sociedade, encontra-se a mulher, que era desvalorizada, até mesmo trancafiada para cumprir um preceito que lhe era imposto. Sofrendo e não tendo como sair de tal situação, à mulher só restava habituar-se, conformar-se, desempenhar o seu papel de mãe, esposa, guardiã do lar e do esposo.

Entretanto, essa mesma sociedade que preza pelos bons costumes, aceita que os homens tenham outras mulheres em relacionamentos fora do casamento, e também marca a vida das amantes e prostitutas que, por falta de condições financeiras, acabam servindo de escravas sexuais para os homens.

Observando a narrativa de Tereza Batista, descobrimos que ela não teve escolha: o contexto social em que ela estava inserida não ofereceu a ela nenhuma possibilidade de ter uma vida de senhora, de esposa, de mãe de

família. Ainda menina, foi vendida e violentada sexualmente, saindo das garras do seu algoz apenas quando o matou, passando depois a exercer a profissão de prostituta nos cabarés, até ser levada por outro coronel para ser sua amásia.

Sem condições de ser uma senhora para a sociedade, por mais esforços que o coronel Emiliano Guedes fizesse para que isso acontecesse, pagando uma professora para dar-lhe aulas, pagando curso de corte e costura, trazendo-lhe roupas dos mais finos lugares por onde viajava, Tereza Batista não deixava de ser ‘a puta’ que dormia na cama do coronel e que as pessoas só a aceitavam para não se opor ao ilustre doutor, pois as senhoras de família nunca iam se misturar com uma amásia – rótulo que a perseguiria por toda vida.

Na companhia do doutor Emiliano Guedes, Tereza Batista ia se transformando:

Tereza deixara de ser a chucra menina do sertão, retirada da cadeia e do prostíbulo, corpo e coração marcados a ferro e fogo. As marcas foram desaparecendo, no trato do doutor ela cresceu em formosura, em elegância, em graça, em mulher no esplendor da juventude. Antes solitária, fez-se risonha e comunicativa; era trancada, abriu-se em alegria (AMADO, 2008, p. 295).

Tereza Batista ia se transformando, mas o amor que sentia por Emiliano Guedes era um amor permeado por gratidão, de um servo ao seu senhor, tanto que ela nunca deixou de chamá-lo de senhor, exceto nos momentos de prazer, quando ela o chamava de “meu amor”. Essa relação de gratidão era muito frequente na região e na época em que se passa a narrativa, favorecida pelas conjunturas sociais.

Com o capitão Justo, a servidão foi imposta “na taca e no couro cru”, já com Emiliano, a servidão existia por gratidão, amor, afeto. Tereza sentia que devia muito ao doutor Emiliano Guedes. Ela sabia de sua condição de amásia: ficar à espera do seu amado, aguardando a oportunidade de ter alguns minutos, alguns dias da atenção do coronel, para fazer desses dias os dias mais bonitos, mais abrasadores, como podemos constatar no seguinte trecho: “Sendo curto o tempo disponível do doutor, o tempo dedicado à Tereza, roubado à usina, ao banco, aos negócios, à família, gastavam-nos quase todo

a sós no escondido do chalé. Para o doutor era um repouso, uma pausa: para Tereza, a vida” (AMADO, 2008, p. 300).

Confirmamos a consciência de Tereza em sua condição de amásia e o conformismo, é claro, quando, em conversa com o doutor Emiliano, diz que não acha sua vida ruim, pois, quando ele não está, tem muito que fazer, e o doutor pergunta:

- Nem para pensar em mim?
- No doutor eu penso o dia inteiro. Se demora a chegar, aí sim eu fico triste. De ruim só tem isso em minha vida mas eu sei que não pode ser de outra maneira.
- Gostaria que eu ficasse para sempre, Tereza?
- Sei que não pode ficar, de que adianta querer? Não penso nisso, me contento com o que me cabe (AMADO, 2008, p. 304).

Dessa forma, Tereza denota em seu discurso total submissão ao doutor Emiliano, acatando seus desejos, suas vontades, sentindo-se bem em fazê-lo, já que é a primeira vez na vida que é tratada com amor e carinho. A dependência se dá por elos afetivos.

A relação de Tereza Batista com as senhoras de Estância é muito pouca, como observamos:

As senhoras de Estância, só de longe as conhece, de enxergá-las nas janelas a lhe espiarem o passo e os trajés. Os maridos de algumas delas, magistrados, autoridades, frequentam-lhe a casa em visitas ao doutor, de cortesia e adulação. Nas relações de Tereza, gente pobre da vizinhança, não se encontram senhoras, apenas mulheres labutando para criar os filhos com o ganho parco de seus homens. Ainda assim, certos laços se estabeleceram entre Tereza e as senhoras de Estância (AMADO, 2008, p. 306).

Nesse sentido, a relação entre Tereza e as senhoras da cidade de Estância não eram tão estreitas, entretanto a amásia do Dr. Emiliano passou a receber frequentes visitas de dona Fausta Lareta, uma das costureiras mais afamadas da cidade. Como Tereza possuía um dos figurinos mais elegantes de Estância, todas as senhoras passaram a invejar seus modelos e a querê-los para si. Sem outra opção, a costureira, atendendo ao pedido de Dona Leda, senhora do doutor Gervásio, fiscal do consumo, para copiar os modelos das roupas e também por ter curiosidade de conhecer um pouco da vida e da intimidade de Tereza, passa a visitar a casa do Dr. Emiliano corriqueiramente.

Levantou-se Tereza para ir ao quarto em busca do vestido. Temendo uma recusa, a costureira nem pediu licença para acompanhá-la, foi-lhe no rastro, a curiosidade explodindo em exclamações quando Tereza abriu as portas dos grandes guarda-roupas antigos. Que coisa! Oh! Deus do Céu! Enxoval assim, não há em Estância! Quis ver tudo de perto, tocar as fazendas, examinar os forros e as costuras, ler as etiquetas das lojas da Bahia. Num dos dois armários alguns ternos de homem; Fausta Lareta desviou os olhos pudicos, retornando aos trajés de Tereza:

- Ah! Esse tailleur é uma gracinha. Quando eu contar às minhas freguesas vão desmaiar de inveja...

Enquanto Tereza prepara o embrulho, a excitada costureira despeja o saco. Algumas senhoras mordiam-se de inveja ao ver Tereza passar ao lado do doutor, naqueles luxos e dengues; desatavam as línguas de trapo, umas enxeridas (AMADO, 2008, p. 307).

Como percebemos, a visita da costureira se deu por motivos de interesse e não porque quisesse algum contato de amizade com Tereza. As senhoras tinham inveja de suas roupas, de sua situação ao lado do doutor Emiliano. No trecho acima é notória a curiosidade e o surpresa da costureira ao ver o quarto, os armários, as roupas e todo o luxo que envolve Tereza naquele ambiente. Mesmo sabendo que não seria para sempre o caso com o doutor, elas tinham inveja e curiosidade em saber como era o quarto e a vida íntima casal.

No entanto, tais relações não poderiam ser consolidadas, pois as senhoras da cidade de Estância não iriam se rebaixar para serem amigas de uma mulher que vivia com um homem casado. Suportavam-na, na presença do doutor, para não perder as regalias que elas e seus maridos recebiam de Emiliano Guedes.

Sendo Tereza Batista a representação da paixão, da sensualidade, buscaremos observar que sua trajetória de vida parte da desconstrução à construção do mito do amor romântico. Para melhor entendimento definiremos “mito” a partir dos pressupostos de Denis de Rougemont (2003, p. 28):

Poderíamos dizer, de um modo geral, que um mito é uma história, uma fábula simbólica, simples e tocante, que resume um número infinito de situações mais ou menos análogas. O mito permite identificação imediata de determinados tipos de relações constantes, destacando-os de emaranhado das aparências cotidianas.

Num sentido mais restrito, os mitos traduzem as regras de conduta de um grupo social ou religioso. Eles têm origem, portanto, num elemento sagrado em torno do qual se constituiu o grupo. (narrativas

simbólicas da vida e da morte dos deuses, lendas que explicam os sacrifícios ou a origem dos tabus, etc.) já se observou com freqüência: um mito não tem autor. Sua origem deve ser obscura – até seu sentido o é, em parte. Ele se apresenta como a expressão inteiramente anônima de realidades coletivas ou, mais exatamente, comuns.

Nesse sentido, o mito não tem autoria pública, mas está ligado a tradições sociais, religiosas e pode influenciar a vida das pessoas, mesmo sem elas perceberem, como Rougemont (2003, p.29) afirma: “o caráter mais profundo do mito é o poder que exerce sobre nós, geralmente à nossa revelia” (grifos do autor). Logo, o mito exerce poder sobre as pessoas, pois atinge seus subconscientes, mostra situações que o indivíduo deseja para si, mas não consegue colocar em prática na sua vida.

Dessa forma, o mito do amor romântico, do casamento feliz sempre esteve presente nas sociedades ocidentais. Mesmo diante da crise do casamento, muitas pessoas querem e acreditam no que está processado no seu subconsciente desde sua infância e tentam transportar o mito para a realidade conjugal.

Observamos que a protagonista Tereza Batista não apresenta atributos sociais para ser uma “boa esposa, mãe e guardiã do lar”, visto que o ambiente em que foi criada e depois vendida não proporcionou a ela tal condição de se modelar de acordo com os parâmetros sociais, tornando-se, assim, o oposto do perfil de mulher esperado para o matrimônio.

Entretanto, sua beleza e sua sensualidade transportam-na para a condição de mulher desejada, cobiçada, refletindo e inflamando o mito da paixão que é, naturalmente, contrária ao casamento, pois casamento significa respeito às tradições religiosas, à moral e aos bons costumes, remete à estabilidade, enquanto a paixão é o oposto, leva-nos ao delírio, ao desejo, aos impulsos. Todos precisam desse mito para se sentirem vivos.

Mas precisamos de um mito para exprimir o fato obscuro e inconfessável de que a paixão está ligada à morte e leva a destruição a quem quer que se entregue completamente a ela. Isso porque desejamos salvar a paixão e adoramos essa infelicidade, ao passo que as morais oficiais e a nossa razão os condenam (ROUGEMONT, 2003, p. 31).

Sendo assim, a paixão instiga os prazeres carnavais, valoriza o desejo, mas é passageira e, por isso, contrapõe-se ao casamento. À medida que o tempo passa, o desejo também acaba e o apaixonado muda seu objeto de desejo e, conseqüentemente, seu par.

Na vida de Tereza Batista, o sofrimento foi sua companhia, ela não se envolvia amorosamente nas relações com seus clientes: “Tirana só em tratos de amor; Como já disse e reafirmo, nasceu para amar e no amor era estrita” (AMADO, 2008, p. 16). Nasceu para amar, mas antes de conhecer o verdadeiro amor, Tereza Batista sofreu todas as agruras que uma prostituta pode sofrer, mas não se rendeu aos pudores machistas.

Depois da morte do doutor Emiliano Guedes, sozinha no mundo, sem nada, Tereza volta aos prostíbulos para não ser sustentada por doutores ou por bacharéis, que a queriam manter para si, entregando-se ao ofício da cama. Tereza, em nenhum momento, sente prazer nas relações tidas com seus clientes, exercendo apenas o sacrificado ofício; não se deixa seduzir nem se rebaixa a esses homens.

Até conhecer o marinheiro Januário Gereba, no Cabaré Paris Alegre, em Aracaju, Tereza Batista ainda não conhecia o verdadeiro amor, pois com Daniel foi paixão, desejo. Aqui concebemos paixão a partir Denis de Rougemont (2003, p. 68): “paixão quer dizer sofrimento, coisa sofrida preponderância do destino sobre a pessoa livre e responsável”. Com Emiliano Guedes foi gratidão, carinho por ter sido bem tratada pela primeira vez na vida, mas com Januário foi amor sincero. De acordo com Platão in Costa (1998, p. 36) o verdadeiro amor “seria um sentimento único, inconfundível, universal e intrínseco a natureza humana”. A pele morena, o cheiro do marinheiro penetraram nos sentidos de Tereza, fazendo-a entender que estava diante do amor de sua vida.

Quando conhece Janu, Tereza, que sempre desdenhou os homens, que nunca se rendeu aos seus encantos, aos seus caprichos, não por falta de tentativas (houve muitos que quiseram dar de tudo, homens ricos que a desejaram e foram desprezados por ela), enfim, amou. Tereza foi se entregar ao amor de um marinheiro pobre, que não podia ficar com ela, apesar de

também a ter amado desde o primeiro momento, porque ele era casado e sua esposa, que estava doente, o esperava na Bahia.

O primeiro encontro entre Januário e Tereza se deu no dia em que esta ia estrear como dançarina no Cabaré Paris Alegre, mas, como musa da noite, não aceitava ver homem bater em mulher. No momento em que Tereza dançava com o poeta José Saraiva, ouve os gritos de dor de uma das dançarinas do cabaré, que estava sendo espancada pelo amante. Tão logo a protagonista se solta dos braços do poeta e diz:

- Homem que bate em mulher não é homem, é frouxo...

- ... e em frouxo eu não bato, cuspo na cara.

[...]

- Filha-da-puta!

- Se é homem venha bater em mim.

- É agora mesmo, siá-puta.

-Pois corra dentro.

Propôs mas não esperou que ele corresse dentro; manda-lhe um pontapé nos baixos visando os quibas mas novamente não alcança a meta, o sujeito tinha pernas de varapau. Tereza perde o equilíbrio; aproveita-se um dos acompanhantes do remelento e a segura por detrás prendendo-lhe os braços, expondo-lhe o rosto ao soco do outro. Não contente de dar em mulher, o tal Libório usa soqueira de ferro, o murro rompe a boca de Tereza (AMADO, 2008, p. 20, 21).

Percebemos que Tereza Batista não gosta de ver injustiça, principalmente, contra mulheres. Mesmo sabendo que não tem força física para neutralizar um homem, a guerreira não se dá por vencida e sai em defesa da companheira fragilizada. O discurso e as ações de Tereza Batista denotam resistência.

Após ser atingida pelo golpe, perdendo um dente da boca, a musa do salão, levanta-se e tenta atingir Libório novamente. Nesse momento, começa uma confusão incessante, homens e mulheres entram na briga e o marinheiro Januário Gereba, que passava pelo local, ao ver a pancadaria, entrou no estabelecimento, conseguiu tirar Tereza Batista e levá-la para um local seguro, distante de Libório e da pancadaria.

No escuro, viu-se Tereza suspensa da terra, por dois braços segura, e assim transportada escada abaixo e rua afora, dobrando esquinas, entrando em becos, saindo adiante, numa carreira silenciosa, no peito do gigante um cheiro salgado; finalmente posta de pé muitas quadras além, no sossego de um canto de rua. Diante dela, um caboclo a sorrir:

- Januário Gereba, a seu serviço. Na Bahia mais conhecido por mestre Gereba mas quem me quer bem me chama de Janu (AMADO, 2008, p. 28).

Tereza se viu transportada, segura pelos braços de Januário, braços que a envolveram, que a levaram para o mundo da segurança, do amor e do prazer. Desde o primeiro momento, Tereza sentiu o conforto e a segurança, tudo que ela sempre buscou na vida e agora no momento menos esperado, em meio a uma briga, uma confusão dentro de um cabaré, eis que surge “o grande amor” da vida de Tereza.

Tereza agradece em tom brando e sensível:

“- Obrigada, Janu – disse Tereza; bem-querer não se compra, não se vende, não se impõe com faca nos peitos nem se pode evitar: bem-querer acontece” (AMADO, 2008, p. 28).

Logo percebemos que Januário Gereba despertou em Tereza Batista um sentimento profundo, sublime, que a fez querer manter contato com o marinheiro, e os dois marcam um encontro, só que Janu não comparece no local marcado, e Tereza, tocada pela dor, deseja esquecê-lo:

Nem rastro do mestre Gereba, do gigante Janu. Voltar para casa é tudo quanto lhe resta fazer: tratar de esquecer, cobrir de cinza a brasa acesa, apagando-lhes as labaredas enquanto é tempo. Insensato coração! Exatamente quando ela se encontra em paz consigo mesma, tranqüila e alheia, disposta a colocar a vida nos eixos, apta para fazê-lo pois nada a perturba, o indócil coração dispara apaixonado. Gostar é fácil, acontece quando menos se espera um olhar, uma palavra, um gesto e o fogo lavra queimando peito e boca; difícil é esquecer, a saudade consome o vivente; amor não é espinho que se arranca, tumor que se rasga, é dor rebelde e pertinaz, matando por dentro (AMADO, 2008, p. 43,44).

Nesse momento, Tereza, sentindo-se rejeitada por Janu, deixa transparecer toda sua dor, insatisfação por ter amado o marinheiro, por achar que ele não a queria, mas na volta para casa encontra o mestre Caetano Gunzá, amigo de Janu, dizendo que seu amigo foi preso por causa da briga que houve no cabaré, quando ele a salvou.

Ao saber que Januário não a tinha esquecido, Tereza pede a seu amigo advogado Lulu Santos para ir tirar Janu da cadeia e, quando o vê, diz as seguintes palavras, tocada pela emoção:

Ah, Janu! Pensar que desejei te esquecer, cobrir de cinzas a brasa acendida, apagar as labaredas que ardem em meu peito! Nunca te esquecerei, mesmo quando a barçaça *Ventania* cruzar de volta a barra do mar, contigo ao leme ou junto da vela, nunca te esquecerei. Se não tomares da minha mão, tomarei eu da tua mão grande e tão leve a tocar em meu lábio. Se não me beijares, meus lábios buscarão tua ardida boca, o sal de teu peito; ai, mesmo que não me queiras... (AMADO, 2008, p. 45).

Observamos que o discurso de Tereza Batista nesse trecho é totalmente submisso, pois movida pelo amor, pelo desejo, ela se oferece ao seu amado, prometendo que nunca irá esquecê-lo mesmo que ele não a queira. Logo, seu discurso é contrário ao discurso que ela profere sobre Libório e sobre os outros homens que a desejam.

Dessa forma, tais evidências corroboram com o pressuposto de que o sujeito discursivo profere seu discurso de acordo com o contexto no qual está inserido e, levando em consideração o fator emocional, esse contexto é preponderante em todas as situações.

De acordo com a situação social e com o contexto no qual Tereza Batista está inserida, sendo prostituta e tendo se deitado na cama de homens casados, muitas vezes por dinheiro, ela não se rende aos caprichos de seus clientes, como confirmamos no trecho a seguir:

De uns e de outros, ria-se Tereza, gentil e penhorada por se ver em ronda de mimos e de madrigais, ela, sempre em busca de afeto verdadeiro, necessitada de calor humano. Mas não se dá fácil, talvez porque as únicas profissões que até então exercera tenham sido as de criada para todo serviço (não seria melhor dizer escrava?), de prostituta e de amásia, por ter deitado na cama com homens diversos, por medo primeiro, para ganhar a vida depois. Quando, aberto o corpo em desejo, se entrega febril e incontinente, ela o faz sempre e tão-só por amor, não bastando a simpatia (AMADO, 2008, p. 25).

Como vemos, Tereza só se entrega na relação sexual por amor, apenas simpatia não bastava. Quando assumia a profissão de prostituta não tinha nenhum contato sentimental com os clientes, só fazendo isso para sobreviver e não ser mais amásia de ninguém. Exercendo tal profissão, Tereza revela, de certa forma, a hipocrisia da sociedade brasileira, que dita uma norma de monogamia, mas aceita a poligamia realizada pelos homens, restando para as

mulheres a condição de subserviente dos caprichos e desejos da sociedade machista e patriarcal.

Segundo os moldes sociais apregoados, todo homem deve casar e viver em comunhão com sua mulher, mas o instinto carnal faz com que essa premissa não seja cumprida. Para Rougemont (2003, p. 372), o homem vive em conflito:

Eis as forças em conflito: de um lado, a moral da espécie e da sociedade em geral, mais ou menos impregnada de religião – é aquilo que se chama de moral burguesa; do outro lado, uma moral inspirada pelo meio cultural, literário, artístico – é a moral passional ou romanesca. Todos os adolescentes da burguesia ocidental são educados para o casamento, mas ao mesmo tempo vivem imersos numa atmosfera romântica proporcionada por suas leituras, pelos espetáculos e por mil referências quotidianas, cujo sentido subliminar é mais ou menos o seguinte: a paixão é a experiência suprema que todo homem deve um dia conhecer, e somente aqueles que “passarem por ela” poderão viver a vida em sua plenitude. Ora, a paixão e o casamento são por essência incompatíveis. Suas origens e objetivos são excludentes. Sua coexistência faz surgir incessantemente em nossas vidas problemas insolúveis, e esse conflito ameaça constantemente nossa “segurança” social.

Nesse sentido, Tereza Batista enquanto prostituta, dançarina de cabaré, amásia, traz consigo o símbolo da paixão que, por ventura, é o oposto do amor verdadeiro e do casamento, visto que este é pautado na estabilidade, na longevidade da vida, (casa-se para a vida toda). Por outro lado, a paixão arrebata, instiga, mas é passageira, o fogo logo passa, a chama apaga.

Compreendemos que Tereza Batista é a representação literária das mulheres que estão à margem da sociedade, que além da discriminação de gênero, sofrem a discriminação social, pois a mulher, na sociedade patriarcal e nas demais sociedades sempre foi tida como sexo frágil e dependente, como afirma Gilberto Freyre (2000, p. 93):

À exploração da mulher pelo homem, característica de outros tipos de sociedade ou de organização social, mais notadamente do tipo patriarcal-agrário – tal como o que dominou longo tempo no Brasil – convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por essa diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades do gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino.

De acordo com Freyre, dentro do regime patriarcal, o homem tinha todas as possibilidades para trair, sentir prazer e fazer o que quisesse, restando às mulheres a obrigação de saciar os maridos, procriar e cuidar dos filhos. Isso se tratando de senhoras com status social elevado, senhoras distintas, casadas. Quando se trata de prostitutas, amásias, mulheres da vida, a estas, nada de filhos, prazer, moral ou casa para morar.

Entretanto, Tereza Batista, mesmo sendo discriminada pela sociedade, sendo símbolo da paixão, andando errante e vencendo as agruras da vida, sente-se no paraíso ao ser transportada pelos braços do marinheiro Janu. Mas, infelizmente, Januário Gereba era casado, não podia ter nenhum compromisso com Tereza, por isso fugia, não a encarava, mas não conseguia resistir aos encantos da dançarina. Depois que ela perguntou por que ele não a queria e fugia dela, o marinheiro confessou:

Porque te quero e desejo, desde o instante primeiro em que te vi desatada em fúria, ali mesmo tombei vencido de amor; por isso me afasto e fujo, prendo minhas mãos, tranco minha boca e afogo o coração. Porque te quero para a vida e não por um momento – ah! se pudesse te levar comigo, para casa nossa, no dedo te colocar o anel de aliança, te levar de vez e para sempre! Ah! mas não pode ser (AMADO, 2008, p. 49).

Depois da declaração de Janu, Tereza pergunta “E por que não pode ser, mestre Januário Gereba? Com aliança ou sem aliança não me importa; em casa nossa e pra todo sempre, isso sim. De mim sou livre, nada me prende e não desejo outra coisa” (AMADO, 2008, p. 49). No discurso de Tereza observamos o maior contraste da sociedade ocidental, pois para viver para sempre um com o outro, de acordo com as tradições, leis os dois deveriam casar e colocar a aliança como símbolo do amor que não irá acabar.

Entretanto, o discurso de Tereza denota um paradoxo, sendo ela prostituta, não se importa com as leis e as convenções, nem com a hipocrisia da sociedade, visto que abre mão do casamento, mas quer para sua vida o princípio fundamental do casamento, o amor eterno, quer ficar com Januário Gereba para sempre. E, por estar amando, romper o contrato social, com os

ditames sociais, não vai mudar sua condição de vida, visto que ela já sofre os preconceitos sociais impostos a tais mulheres.

No entanto, ao declarar seu amor por Januário Gereba, Tereza mostra-se condizente aos preceitos ocidentais românticos do amor eterno, querendo superar todas as barreiras para ficar com seu amor, como Rougemont (2003, p. 392) afirma:

O americano acredita que o “amor” e o casamento são praticamente equivalentes; que, quando se “ama”, é preciso casar imediatamente; enfim, que o “amor” deve normalmente superar os obstáculos, como diariamente nos mostram os filmes, os romances e as histórias em quadrinhos.

Porém, no caso de Tereza Batista, o marinheiro Januário Gereba já era casado e não poderia romper o contrato que já fizera anteriormente, casando-se com outra mulher que está doente, à sua espera na Bahia. Diante da situação, com medo de perder seu amor, Tereza profere um discurso totalmente submisso:

Tu é direito, Januário Gereba, falou como um homem deve falar. Janu, meu Janu de grilhetas, que pena não possa ser de uma vez para sempre, em casa nossa até a morte. Mas, se não pode ser para sempre, que seja por um dia somente, uma hora, um minuto! Um dia, dois dias, menos de uma semana, para mim esse dia, esses dois dias, essa curta semana tem o tamanho da vida multiplicado pelos segundos, pelas horas pelos dias de amor, mesmo que depois eu me dane de saudade, de desejo, de solidão, e sonhe contigo todas as noites na danação do impossível. Mesmo assim paga a pena--- eu te quero [...] Mesmo para depois maldita sofrer assim te quero e vou te ter [...] (AMADO, 2008, p. 50).

Diante de tal discurso, Januário Gereba não consegue resistir, deixando-se levar pelos encantos sexuais de Tereza. Assim, os enamorados têm a primeira noite de amor em plena beira-mar:

Era o mar infinito, ora verde ora azul, verdeazul, ora claro ora escuro, claroescuro, de anil e celeste, de óleo e de orvalho e, como se não bastasse com o mar, Januário Gereba encomendara lua de ouro e prata, lanterna fincada no alto dos céus sobre os corpos embolados na ânsia do amor; eram dois ao chegar, são um só nas areias da praia encobertos por uma onda mais alta (AMADO, 2008, p. 50,51).

Observamos que o mar infinito, o orvalho, a lua de ouro e prata formaram o cenário perfeito para a noite de amor entre o casal, antes eram dois, agora são um só. Demonstrando que o amor tem o dom de unir os corpos e as almas fundindo-as para eternizar esse sentimento tão sublime. Entretanto, Januário Gereba, mesmo contra sua vontade, parte para Bahia, onde se encontra sua esposa enferma precisando de cuidados, mas, antes de partir, ele promete: “Um dia voltarei, nem que chova canivetes e o mar se transforme em deserto, virei nas patas dos caranguejos, andando para trás, virei em meio ao temporal [...]” (AMADO, 2008, p. 67).

Com a partida de Janu, Tereza, muito triste, decide que não vai voltar para o prostíbulo, nem vai ser amante de homem de idade para não acontecer o mesmo que com o Dr. Emiliano. Então, decide aceitar o convite do Dr. Oto Espinheira para uma excursão na cidade de Buquim, interior de Sergipe, mesmo sem sentir nenhuma atração pelo Doutor.

Ao chegar em Buquim houve uma grande epidemia de varíola (bexiga negra) o Dr. e sua enfermeira fugiram. Tereza, guerreira como sempre, ficou, ajudou as pessoas a enfrentarem a peste. Já que para ela a vida não tinha mais sentido sem Januário, ela buscou a morte, mas Tereza conseguiu, juntamente com as prostitutas da cidade, erradicar a epidemia e passou a ser vista pelos habitantes da cidade como uma verdadeira heroína.

Mesmo vitoriosa e aclamada pela cidade, no coração de Tereza ainda tinha uma cicatriz profunda deixada pela ausência de seu grande amor,

Januário Gereba. Profundamente abatida, sem ânimo, Tereza profere mais um discurso submisso, fortemente marcado pela emoção e pela tristeza em estar distante do seu amado; para ela a vida não tinha mais sentido: “Nem a morte me quis quando em desespero fui buscá-la no meio da bexiga negra-sem ti, Janu do bem-querer, de que me serve a vida?” AMADO, 2008, p. 236).

Acabada a epidemia, Tereza parte da cidade de Buquim na esperança de encontrar Januário Gereba. Passa a trabalhar em Salvador como dançarina e prostituta no bordel da Taviana: Flor de Lótus. Para Tereza, ser prostituta era apenas um meio de ganhar dinheiro, visto que ela não se entregava às relações, não sentia prazer e não tinha nenhum laço afetivo com os clientes, como percebemos no seguinte trecho: “[...] o frio a envolveu, aquela capa de

gelo a cobri-la em cama de prostituta, a mantê-la íntegra, distante do ato, vendendo apenas a beleza e a competência, nada mais” (AMADO, 2008, p. 212).

Em Salvador, Tereza mais uma vez assume o caráter imponente e guerreiro, quando uma empresa multinacional chega e tenta a qualquer custo mudar o local da zona de prostituição do centro da cidade para um local na periferia para, assim, poder construir um empreendimento gigantesco de lojas, restaurantes, etc. Ao saber de tal fato, Tereza se reúne com as outras prostitutas e instaura a greve do balaio fechado, ou seja, enquanto não decidirem deixar os prostíbulos no mesmo local, as prostitutas não trabalham, não exercem sua função.

Tal greve causou grande repercussão na cidade, a polícia foi acionada para resolver o problema. Mais uma vez, podemos notar um comportamento soberano de Tereza sobre os policiais, ao presenciar sua companheira Acácia ser levada para cadeia:

Peixe Cação, aos gritos, aponta-lhe a rapariga:

- Essa aí, Segura ela, não deixe escapar. Essa mesmo. Tereza roda os sapatos, atinge com os saltos as têmporas do guarda, passa adiante, quer chegar até Acácia, antes que a embarquem. Peixe Cação avança Tereza vê-se encurralada, entre ele e o policial de rosto ferido, a rugir, espumando de raiva:tu me paga puta miserável! Parte, porém um carro de presos, passa entre ela e o guarda? O tempo de Almério entrar num táxi, alcançar e arrastá-la para dentro. Ela protesta:

- Estão levando Acácia.

- Quer ir também?Está maluca?

Peixe Cação e o guarda buscam em vão, onde sumiu a desgraçada? (AMADO, p. 387-388).

Mesmo sendo presas, recebendo ordens da polícia, do exército, as prostitutas só voltaram a exercer a profissão quando as autoridades decidiram deixar os prostíbulos no mesmo local. Percebe-se então que a posição de resistência de Tereza e das demais prostitutas foi determinante para conseguirem conquistar o objetivo pretendido.

Depois de ter sido salva pelo viúvo Almério, pensando que Januário havia falecido num acidente marítimo, ela profere o seguinte discurso “Janu do bem-querer, morri em tua morte, me acabei de vez” (AMADO, 2008, p. 438). Profundamente abatida e desiludida, Tereza resolve aceitar o convite de

casamento feito por Almério, mas, no dia da cerimônia, Januário, que já estava viúvo, chega de viagem e vai à procura de sua amada. Tereza, que estava “morta”, ressuscita nos braços de seu amado.

Vela enfunada, o saveiro corta o mar da Bahia. A brisa sopra, noite alta, leve sobre o golfo. Tereza Batista respingada de água, sabendo a sal, odor de maresia, os negros cabelos soltos ao vento, ressuscitada aleluia! Achege-se ao peito de Januário Gereba.

[...]

Pôs a mão sobre a de mestre Januário Gereba, Janu do bem-querer, fazendo-o mover o leme, mudar o rumo do saveiro, dirigindo-se para a pequena enseada entre bambus, na margem do golfo, escondido remanso. Estende-se Tereza na polpa do saveiro:

- Venha e me faça um filho, Janu.

- Sou bom nisso como quê.

Ali, na barra da manhã, rio e mar (AMADO, 2008.p. 447,448).

Logo, Tereza Batista parte para sua nova vida de amor e felicidade ao lado do seu amor Januário Gereba cortando os mares para encontrar um lugar que possa abrigar o jovem casal que deseja constituir uma família feliz. Na barra da manhã onde rio e mar confundem-se, dois corpos, duas vidas e um sentimento.

Percebemos, então, que Tereza Batista, tanto nas suas atitudes quanto nos seus discursos, mostra ser uma mulher destemida, guerreira, exibindo sua força e determinação diante das adversidades da vida, (principalmente, por ser mulher e prostituta), entretanto, é notável que seu discurso muda de acordo com o contexto e com o interlocutor, tendo em vista que quando esta se encontra fortemente tocada pelos seus sentimentos, profere discursos submissos e tem atitudes de total subordinação ao seu amado, como vemos, ao analisar os discursos proferidos para Daniel, seu primeiro amor, para Dr. Emiliano Guedes e para Januário Gereba, seu verdadeiro amor.

Dessa forma, podemos entender que Tereza Batista profere discursos soberanos diante de pessoas com quem ela não tem nenhum vínculo afetivo, quando se sente ameaçada e injustiçada. Produz discursos submissos quando está sensivelmente tocada por fatores emocionais, o que se sobrepõe à estrutura da sociedade patriarcal e machista, pois a mulher nesse contexto, por influências ideológicas, apresenta-se totalmente submissa e passiva diante da sociedade.

Observamos que Tereza Batista, tendo sido amásia, prostituta e dançarina de cabaré, apresenta-se como a representação da mulher que rompe com as normas sociais, primeiro por não ceder aos caprichos dos homens por livre e espontânea vontade, em seguida por não se enquadrar dentro dos parâmetros ditados pela sociedade para que uma mulher seja respeitada e honrada. E mesmo vivendo sofrimentos, desilusões, no final do enredo, Tereza encontra seu grande amor e tem um final feliz romântico com Januário Gereba.

Dessa forma, Tereza Batista, cansada de guerra, representou literariamente uma mulher que não se conformou com seu destino, lutou com todas as forças para conseguir seus objetivos, desprendendo-se das amarras sociais, ajudando e lutando pelos menos favorecidos, principalmente pelas mulheres. Como o próprio narrador afirma, “Tereza Batista se parece com o povo e com mais ninguém. Com o povo brasileiro, tão sofrido, nunca derrotado. Quando o pensam morto, ele se levanta do caixão” (AMADO, 2008, p. 441).

2-NIKETCHE: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM MOÇAMBIQUE

*Corpo de mulher é magia. Força. Fraqueza. Salvação.
Perdição. O universo inteiro cabe nas curvas de uma
mulher.
Paulina Chiziane*

Na história da literatura, a figura feminina sempre esteve muito presente. A mulher é retratada em muitas culturas como ser inferior, principalmente nas culturas que legitimam e aceitam a poligamia como marca de força para os homens. Nesse sistema, obrigam-se as mulheres a sobreviverem dentro de um regime no qual não têm condição de gozar a liberdade. Escolhemos a obra *Niketché: uma história de poligamia*, da autora Paulina Chiziane para fazer uma análise do discurso da protagonista do referido romance, visando, posteriormente, a compará-la com a personagem da obra *Tereza Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado.

Vale ressaltar que Paulina Chiziane é uma autora de Moçambique, país onde a poligamia é um dos regimes de casamento adotados pela sociedade. Os costumes são repassados de geração para geração, propaga-se a ideologia de que o homem só tem *status*, poder, se tiver muitas mulheres, estas, por sua vez, são instruídas a aceitar e acatar tal situação como natural, acreditam que estão fazendo o bem em partilhar o marido com outras. Nessa obra, a autora consegue mostrar a deprimente situação das mulheres que são ensinadas, desde o nascimento, a seguir esse regime desumano e desigual.

Rami, a protagonista do romance, a princípio acredita ser a única mulher na vida do seu marido, um tenente de polícia chamado Tony. Com o decorrer do tempo, devido às longas ausências dele, ela descobre, depois de vinte anos de casamento, que seu esposo tem mais quatro mulheres e muitos outros filhos. A partir dessa descoberta, ela tenta com todas as forças resgatar sua dignidade e o amor de Tony.

Dessa forma, buscamos realizar a análise da representação literária do discurso da personagem Rami dentro de um contexto sociocultural conturbado, possibilitando caracterizar que, dependendo do momento em que o discurso é produzido, este assume um caráter soberano ou submisso, o que contribui

para confirmar um dos postulados da Análise do Discurso, ou seja, que a produção do discurso depende de uma série de fatores que estão intimamente interligados, e que o sujeito¹, notadamente a mulher, enquanto produtora de discursos, não dispõe de liberdade para produzi-los.

Para Bakhtin, a língua é um fato social, e sua existência nasce na necessidade de comunicação, valoriza a fala, a enunciação e o caráter social: “a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação social, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (Bakhtin, 2009, p. 14).

Logo, partimos desse pressuposto para fazer a análise do discurso de Rami, observando o contexto sócio-histórico e cultural e as estruturas sociais em que a obra foi escrita, a situação social da mulher, as condições de vida e sobrevivência impostas a ela pela sociedade para, assim, identificar como se dá a produção discursiva da protagonista.

Outro ponto a ser abordado é como Rami vai desconstruir a sua convicção do amor romântico, logo após a decepção sofrida ao descobrir que Tony tinha outras mulheres. Por essa razão, levamos em consideração que a protagonista, mesmo estando em meio a uma diversidade cultural bem complexa, contraiu o matrimônio no regime monogâmico o qual prega o amor mútuo entre os cônjuges até que a morte os separe. Entretanto, o casamento de Rami toma caminhos diferentes e, no percurso da busca de sua identidade e de sua verdadeira felicidade, ela desmistifica muitos mitos e ideologias, inclusive o de “SER FELIZ PARA SEMPRE” em seu casamento com Tony.

Para entendermos melhor o contexto em que a obra foi escrita, veremos alguns aspectos sobre a cultura de Moçambique e investigaremos como os homens e as mulheres são tratados dentro dessa sociedade.

Moçambique², é um país multicultural, está dividido em dez províncias, tendo por capital Maputo, com estatuto também de província. Tais províncias estão subdivididas e aglomeram os diferentes povos que compõem a sociedade moçambicana. Alguns desses povos sobrevivem do comércio, da

¹ Entende-se por sujeito o produtor do discurso.

² Os dados sobre Moçambique foram retirados da obra: *Moçambique: identidades, colonialismo e libertação*. De José Luís de Oliveira Cabaço.

pesca e da agricultura, que é forma tradicional de subsistência desses povos, que têm sua base de sustentação na agricultura.

Lá, prevalece a poligamia masculina. Os homens só são respeitados se tiverem várias mulheres; por exemplo, só podem participar dos conselhos sociais quem possuir, no mínimo, três mulheres. Vale ressaltar que em alguns povoados é cedido à mulher o direito de organizar o lar em circunstância da ausência do marido, entretanto, esta não poderá usufruir dos bens materiais, ficando responsável pela parte econômica um tio ou um irmão mais velho.

Observamos, então, que a desigualdade entre homens e mulheres em Moçambique é exercida em todas as esferas sociais. As mulheres não são capazes de participarem, na íntegra, do desenvolvimento político, social e econômico do país.

Atualmente o governo vem promovendo algumas políticas institucionais para desenvolvimento da igualdade entre os gêneros, proporcionando a possibilidade para mulheres exercerem cargos no governo, e em departamentos de apoio à mulher como: assistência social no desenvolvimento humano e na saúde e, também, medidas preventivas e informativas sobre os direitos da mulher, como também contra a violência doméstica. No entanto, mesmo com essas ações, a mulher ainda é muito discriminada e desvalorizada na sociedade moçambicana e em todo o mundo.

Para a francesa Simone de Beauvoir (2000, p.62), a condição feminina é criada e perpetuada pela sociedade, como esclarece a autora:

Não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres. Não existe nenhum destino biológico, psicológico ou econômico que determine o papel de que um ser humano desempenha na sociedade: o que produz esse ser indeterminado entre o homem e o eunuco, que se considera feminino é a civilização no seu conjunto.

Sendo assim, biologicamente, nascemos do sexo masculino ou feminino, mas o que nos torna homens ou mulheres é a sociedade, são as convenções sociais, através dos gestos e repetições que são repassados de geração para geração. Dessa forma, a mulher sempre foi tida como sexo frágil, vulnerável e que necessita de amparo, no entanto, as mulheres são fortes, audaciosas e

estão lutando para conseguir seus direitos dentro da sociedade discriminatória, machista e patriarcal.

Dentro desse contexto, observamos que a autora Paulina Chiziane escreve suas obras com o ponto de vista não utilizado por autores masculinos, principalmente por ser mulher e por sentir na pele as dificuldades e as discriminações impostas ao sexo feminino.

2.1-Poligamia: símbolo de opressão para as mulheres moçambicanas

Partindo do pressuposto de que o contexto sócio-histórico e cultural é preponderante para as ações e para as atitudes dos indivíduos, a protagonista Rami, diante das circunstâncias, sente a necessidade de mudar de posição e de atitude assumindo uma postura totalmente diferente da ditada pela sociedade, principalmente, daquela que ela mesma exerceu durante a maior parte de sua vida.

Para Bourdieu (2005, p. 31), é no campo da relação sexual que a dominação masculina impera, visto que o homem tem participação ativa e a mulher passiva:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação.

É dentro desse contexto que Rami vive seu casamento, pois é uma mulher decente, fiel e acredita ser a única na vida do seu marido Tony, um comandante de polícia. Mas como as ausências do marido são frequentes, é obrigada pelas circunstâncias, a decidir tudo em sua casa. É quando Bentinho, seu filho mais novo, quebra o vidro de um carro e, tendo que resolver o problema, Rami, fragilizada diante da situação, sentindo-se sozinha e desamparada, faz um desabafo:

Há momentos na vida que uma mulher se sente mais solta e desprotegida como um grão de poeira. Onde andas, meu Tony, que não te vejo? Onde andas, meu marido, para me protegeres, onde?

Sou uma mulher de bem, uma mulher casada. Uma revolta interior envenena todos os caminhos. Sinto vertigens. Muito fel na boca. Náuseas. Revolta. Impotência e desespero (CHIZIANE, 2004, p.10).

Ainda tocada e sensibilizada, Rami continua seu discurso, guiada pela dor e pela angústia:

[...] Onde anda esse homem que me deixa os filhos e a casa e não dá um sinal de vida? Um marido em casa é segurança, é proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca da outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio (CHIZIANE, 2004, p.11).

Dessa forma, mais uma vez Rami diz palavras que coadunam com as condutas sociais e machistas da época, as quais elucidam que um lar só tem respeito e prestígio quando houver a presença masculina, caso contrário, o lar não tem reconhecimento social.

Diante das circunstâncias Rami, ao se mostrar fragilizada, desprotegida, sentindo falta do amor, do carinho e da atenção do seu marido para com o lar e a família, torna-se exemplo da condição de submissão da mulher perpetuada pela sociedade. Quando ela fala que é uma mulher de bem, uma mulher casada, demonstra como se vê diante da sociedade, entretanto, como o marido não está presente no lar, Rami não é respeitada pelas vizinhas, que zombam dela por não ter o marido em casa.

Buscando liberdade, indo contra as ideologias transmitidas pela sociedade para que as mulheres sejam recatadas e subservientes, Kate Millet, in Bonnici (1977, p. 169), esclarece:

O ser feminino é subordinado ao masculino ou tratado como um masculino; o poder é exercido na vida civil e doméstica de modo a submeter à mulher, que, a despeito dos avanços democráticos, tendo continuado a ser dominada, desde muito cedo, por um sistema rígido de papéis sexuais. [...] Acredita que toda manifestação de poder exige o consentimento por parte do oprimido. No caso da mulher, tal consentimento é obtido através de instituições de socialização como a família, ou através de leis que punem o aborto ou a violência à esposa, afirmando, às avessas, o poder masculino.

Nessa perspectiva, o casamento tem um papel fundamental na propagação da subordinação feminina, principalmente quando se trata de casamento dentro do regime poligâmico. Segundo esse regime de casamento, o homem tem o direito de se casar com várias mulheres, e estas não podem se opor a tal fato, pois é lícito, culturalmente difundido que o homem pode contrair matrimônio com muitas mulheres, contanto que possa sustentá-las, tratá-las todas da mesma forma. A quantidade de mulheres é estabelecida no contrato de casamento.

No entanto, o que acontece com Rami é que seu marido Tony vive uma poligamia clandestina, pois os dois casaram-se no regime monogâmico, o qual prevê que ambos os cônjuges sejam fiéis e vivam um para o outro até o fim de suas vidas, ou seja, no contrato de casamento, ambos fizeram votos de fidelidade.

Para Denis de Rougemont (2003, p. 414):

A fidelidade dos esposos é o acolhimento da criatura, a vontade de aceitar o outro tal como ele é, em sua íntima singularidade. Insistindo: a fidelidade no casamento não pode ser essa atitude negativa que comumente se imagina; deve ser uma ação. Contentar-se em não enganar sua mulher seria uma prova de indigência e não de amor. A fidelidade exige mais: ela quer o bem do ser amado e, quando age em função desse bem, cria diante de si mesma o próximo. [...]. Assim a pessoa dos cônjuges é uma criação mútua, dupla realização do “amor-ação”.

Dessa forma, manter-se fiel a sua esposa é um ato de amor a si mesmo e ao próximo, é desejar que a pessoa amada seja feliz, fazer com que ela não sofra ao ser traída.

Entretanto, Rami, diante da realidade de sua vida, acreditando que seu voto de fidelidade seria recíproco, não suportando o sofrimento de ser traída por seu marido, assume uma postura sofredora, mostrando que na vida e no amor a mulher muitas vezes sente-se ferida e não tem que a ampare. Evidenciando sua dor ela afirma: “No amor, as mulheres são um exército derrotado, é preciso chorar. Depor das armas e aceitar a solidão. Escrever poemas e cantar ao vento para espantar as mágoas. O amor é fugaz como a gota de água na palma da mão” (CHIZIANE, 2004, p. 13).

Com essa postura, Rami, propaga a subserviência da mulher tanto no relacionamento amoroso quanto na sociedade em que está inserida, reforçando a ideia de que a mulher é frágil e deve ser subordinada ao marido e à sociedade em geral.

Rami, ao saber da verdade, toma a decisão de sair do seu recato, de sua passividade, resolve lutar pelo seu amor. A partir desse momento, percebemos uma modificação em sua postura, ela toma atitudes diante da situação, mostra ter uma posição diferente das demais mulheres de sua cultura. Quando profere as palavras a seguir, notamos essa mudança.

Sou um rio. Os rios contornam todos os obstáculos. Quero libertar a raiva de todos os anos de silêncio. Quero explodir com o vento e trazer de volta o fogo para meu leito, hoje quero existir. [...] Não é verdade que por amor se luta? Pois hoje quero lutar pelo meu. Vou empunhar todas as armas e defrontar o inimigo, para defender o meu amor. Quero tocar na alma de todas as pedras do meu caminho. Quero beijar de grão a grão a areia que tece o solo fecundo onde me aleito (CHIZIANE, 2004, p.19).

Nesse desabafo, Rami se compara a um rio que supera obstáculos, faz a travessia, leva à outra margem. A protagonista sente a necessidade de libertar toda raiva, amargura e silêncio vivenciados durante sua vida ao lado de Tony. Nesse momento surge a coragem e garra de lutar pelo seu amor e pela sua felicidade e ela começa querendo transformar cada pedra de seu caminho em sustentáculo para vencer seus medos e chegar à outra “margem do rio”, ou seja, ao seu destino: a felicidade. Segundo o Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier & Alain Gheerbrant (2009, p.780), “rio” significa:

O simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da *possibilidade universal* e do da *fluidez das formas* (F. Schuon), o da fertilidade, da morte e da renovação. O curso das águas é a da vida e da morte. Em relação ao rio, pode-se considerar: a descida da corrente em direção ao oceano, o retomar do curso das águas, ou a travessia de uma margem à outra. A descida para o oceano é o *ajuntamento das águas*, o retorno à diferenciação, o acesso ao **Nirvana**; o remontar das águas significa, evidentemente, o retorno à Nascente divina, ao princípio; e a travessia é a de um obstáculo que separa dois domínios, dois estados: o mundo fenomenal e o estado incondicionado, o mundo dos sentidos e o estado de *não-vinculação*.

Nesse sentido, ao comparar-se com o rio, Rami traz para si toda simbologia de força, garra, toda a vontade de vencer os obstáculos, de contornar as dificuldades sem esquecer seu objetivo de buscar sua liberdade, apesar das circunstâncias não serem favoráveis a ela. Com os problemas, com o sofrimento, ela consegue renovar-se, transformar seus pensamentos, suas atitudes e sua maneira de viver.

A partir desse momento Rami passa a atacar suas rivais, pondo nelas a culpa por ter perdido o amor do seu marido. Vai tomar satisfação com as amantes do seu Tony, mas acaba descobrindo que suas rivais são vítimas como ela, desse regime desleal, dessa cultura machista, que concede ao homem o poder de permanecer com várias mulheres, legalmente ou clandestinamente, ficando para as mulheres as dores, os sofrimentos e as agruras da vida.

Rami compreende que suas rivais precisam de apoio tanto quanto ela, e nesse momento profere um discurso equiparando-se às outras mulheres que sofrem do mesmo mal:

[...] Infelizmente muitas de nós, mulheres, agimos assim. Subimos ao alto do monte e só quando estamos no ar compreendemos que não temos asas para voar. Atiramo-nos do alto do céu para um poço sem luz nem fundo e quebramos o coração como um vaso de porcelana. Tenho pena da Julieta, que treme em violentas convulsões ao ritmo do choro. Abraço-a. Conheço a amargura deste choro e o calor desse fogo. Emociono-me. Solidarizo-me (CHIZIANE, 2004, p. 24).

No discurso supracitado, em que naturalmente Rami deveria tomar uma atitude vingativa para com a amante de Tony, ela, ao contrário, ao ver o sofrimento de Julieta, compadece-se e mostra que nesse sistema de valorização do homem, as mulheres são vítimas e muitas vezes não têm condições de expressar seu sofrimento, a não ser com outra mulher. Evidenciamos a ironia presente no trecho, visto que, naturalmente Rami seria a maior vítima desse contexto polígamo, entretanto, ela tem compaixão da amante de seu marido e solidariza-se com a dor feminina que é universal.

Dessa forma, mesmo proferindo um discurso que denota a submissão feminina em relação ao casamento e aos homens, Rami toma uma atitude

contrária ao que se espera de uma mulher traída, mostrando-se diferente das demais mulheres.

Ao tomar consciência da poligamia de Tony, Rami toma sua posição de mulher legítima, produzindo um discurso em que explicita a situação de cada mulher na vida do seu marido:

O coração do meu Tony é uma constelação de cinco pontos. Um pentágono. Eu, Rami, sou a primeira dama, a rainha mãe. Depois vem a Juliana, a enganada, ocupando o posto de segunda dama. Segue-se a Luísa, a desejada, no lugar de terceira dama. A Saly, a apetecida é a quarta. Finalmente a Mauá Sualé, a amada, a caçulinha, a recém-adquirida. O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso (CHIZIANE, 2004, p.58).

Notamos que cada uma das mulheres de Tony foi escolhida de forma diferente, umas enganadas, outras já sabiam que ele era casado, mas em cada uma a beleza física mostrou-se um fator preponderante para a escolha. Rami, por ser a primeira esposa, pela cultura poligâmica detinha o direito de organizar as demais, de fazer com que elas cumprissem suas obrigações de esposas. Mas isso geralmente se dá quando a poligamia é legalizada, quando a mulher tem conhecimento da existência das outras mulheres do marido, tendo a primeira esposa até o direito de escolher a nova esposa do marido, o que no caso de Rami não aconteceu.

Nesse sentido, Tony, ao encontrar outras companheiras depois de certo tempo de relacionamento, mostra uma postura transitória marcada pela paixão, pelos desejos carnis, repentinos. Sobre isso, Denis de Rougemont (2003, p. 380) afirma:

Eis o verdadeiro “casamento de amor” moderno: o casamento com a paixão! Mas logo o ambiente (ou o público) manifesta uma grande ansiedade: *depois de desposada* essa Isolda, o amante realizado continuará a amá-la? Essa nostalgia tão acalentada seria ainda desejável, uma vez satisfeita?

Pois Isolda é sempre a desconhecida, o próprio enigma da mulher, representa tudo que há de eternamente fluido, evanescente e quase hostil, ou seja, tudo que incita a perseguição e desperta a avidez da posse, a mais deliciosa das posses para o coração de um homem subjugado pelo mito. É a mulher- da-qual-estamos-separados: nós a perdemos quando a possuímos.

De acordo com Rougemont, quando o homem consegue possuir a mulher desejada, ela deixa de ser a musa dos seus sonhos, passando ao estado de normalidade, e conseqüentemente, deixando de ser amada. Por esse fato, o homem sente vontade de conquistar outras mulheres e assim continuar o ciclo da paixão insensata, fascinante e avassaladora.

Já a mulher, nesse contexto, fica à mercê das vontades, dos caprichos dos homens, como é o caso de Rami e das outras mulheres com as quais ele mantém relacionamentos extraconjugais.

Diante da situação Rami se revolta, pois não sabia da existência das amantes do marido, acreditava ser a única mulher do seu esposo. Não se conformando com tal situação, mostra toda sua fragilidade e sensibilidade de mulher sofredora, desabafando:

Eu sou aquela que tem o espelho como companhia no quarto frio. Que sonha com o que não há. Que tenta segurar o tempo e o vento. Só tenho o passado para sorrir e o presente para chorar. Não sirvo para nada. As pessoas olham para mim como uma mulher falhada. Que futuro espero eu? O marido torna-se turista dentro da própria casa. As mudanças correm rápidas neste lar. As mulheres aumentam os filhos. Os filhos nascem. A família monógama torna-se polígama. A unidade quebrou-se em mil, O Tony multiplicou-se. As amigas perguntam-se pelo Tony só para gozar comigo. As conformistas querem convencer-me de que o amor fez seu tempo (CHIZIANE, 2004, p.58).

Nesse discurso observamos toda dor de Rami ao ter que aceitar que seu marido já não é mais só seu, que tem outras mulheres, que o pacto monogâmico feito no dia do casamento desfez-se com o tempo. A família passou a ter mais filhos, mais esposas, deixando transparecer toda carga negativa que um casamento poligâmico traz para as mulheres e para os filhos dessas relações, pois não podem ter a presença do marido/pai sempre em seu lar, tendo em vista que o marido/pai é um só e não pode estar em vários lugares ao mesmo tempo para proporcionar o amor e o carinho que as esposas e os filhos necessitam.

Percebemos o discurso submisso produzido em meio à dor, à angústia, e à revolução de sentimentos que se instaurava no interior de Rami. Podemos também notar que nesse momento a personagem não utiliza o pronome possessivo “meu” para pronunciar nome do marido, a mesma se refere apenas

como “O Tony”. Mesmo proclamando um discurso submisso, Rami denota certo distanciamento ao não utilizar o referido pronome.

Como podemos constatar, em meio a tantas tribulações, Rami revolta-se, pois não sabia da existência das amantes do marido, acreditava ser a única mulher do seu esposo, toma uma atitude que irá mudar a vida de todos os envolvidos no hexágono amoroso. A protagonista tenta de todas as formas resistir à poligamia imposta pela sociedade e pelo seu marido.

Dessa forma, ela resolve se vingar de Tony, preparando-lhe uma surpresa no dia do aniversário de cinquenta anos: ela desmascara sua situação e o faz assumir publicamente todas as mulheres. Nessa ocasião, Rami tem a possibilidade de tirá-lo do pedestal, de fazer com que ele sinta vergonha de seus atos, de manter uma família polígama clandestinamente. E, na frente dos seus amigos, familiares e convidados que ela ironiza:

Neste dia, não quis que esta grande família permanecesse invisível. Neste dia queria que todos testemunhassem que o coração deste homem é fértil como o húmus. O Tony é um homem que ama a vida e por isso a multiplica. Ele não se acobarda mas empunha a sua espada e afirma-se através de cinco mulheres e dezesseis filhos (CHIZIANE, 2004, p. 109).

Notamos, nesse discurso de Rami, que mesmo com a desculpa de fazer a surpresa, o sarcasmo é explícito, visto que nem a família, nem os amigos tinham conhecimento da existência das demais mulheres e dos filhos. Logo, a surpresa passa a ser muito desagradável ao aniversariante, que não encontra maneira para se sair de tal situação.

Rami não se dá por satisfeita, continua com o discurso irônico e soberano sobre seu marido:

Querido Tony, feliz aniversário. Hoje, nós, tuas mulheres, decidimos fazer-te esta surpresa. Como prova do amor que temos por ti, decidimos juntar-nos, para que sintas o palpitar dos nossos corações. Decidimos unir as cinco mulheres numa só. Sabemos o que sofre por nos amares: um dia cá e outro lá. Decidimos todas, em uníssono, homenagear-te com a nossa presença neste teu grande dia (CHIZIANE, 2004, p. 110).

É perceptível nas palavras que desejam carinho e feliz aniversário a intencionalidade irônica que está presente. Implicitamente, há o desejo de unir

as mulheres, de desmascará-lo diante das pessoas presentes, de ver em seu rosto a dor de ser criticado por não fazer valer seus votos de amor eterno e fidelidade feitos no dia de seu casamento com Rami.

Rami comemora sua coragem e audácia junto às outras mulheres de seu marido:

Meninas! Convençam-se de uma vez. Este passo dado não volta atrás. Destruímos o Tony da invisibilidade, celebremos. Obrigámos o Tony a reconhecer publicamente o que fazia secretamente. [...] Não se assustem com o Tony. A ausência do rei não é fim da vida. Comamos à grande e bebamos à francesa (CHIZIANE, 2004, p. 110).

Com sua atitude audaciosa, Rami conseguiu se vingar de Tony, como ela mesma afirma: “Trazer estas mulheres para aqui foi uma autêntica dança, um ato de coragem, um triunfo instantâneo no jogo do amor. O Tony agrediu-me e retribuí o golpe, usando a sua própria arma” (CHIZIANE, 2004, p. 111).

Percebemos que, mesmo retirando as outras famílias da clandestinidade, Rami não conseguiu sua felicidade, pois seu marido jamais voltaria a ser como antes, mesmo cumprindo a poligamia como rege as leis, as famílias não teriam felicidade completa, Tony teria uma vida atribulada, dividido entre os cinco lares.

Dessa forma, compreendemos que a poligamia clandestina ou legitimada é um regime que privilegia os homens e subjuga as mulheres a assumirem uma vida dividida, solitária e angustiada, à espera de um marido que sabe que está com outra e que não poderá lhe dar um amor pleno.

2.2-Rami: da construção à desconstrução do mito do amor romântico

Na África, há uma diversidade de povos, culturas, especialmente nos países que foram dominados pelos europeus, notadamente em Moçambique, que foi colonizado pelos portugueses. A mistura das raças, das crenças deu origem a um país multicultural, onde convivem vários povos com muitas religiões e crenças.

Dentro dessa sociedade convivem pessoas de culturas distintas, habitando espaços territoriais muito próximos. Dessa mistura de crenças,

observamos muitos choques culturais, um dos quais é a poligamia, que no norte do país é privilegiada, mas no sul o regime adotado é o monogâmico.

A autora Paulina Chiziane, ao narrar a trajetória da personagem Rami, consegue mostrar, claramente, a condição feminina em seu país, tendo em vista que a mulher, estando ou não inserida no contexto social poligâmico, vivencia tal condição, por vezes clandestinamente, como no caso de Rami.

Notamos que Rami casou-se no regime monogâmico, acreditava na felicidade eterna do seu casamento com Tony, não consegue se conformar com a traição do marido, e muito menos com o fato de ter sido rejeitada, como ela mesma afirma:

Não consigo aceitar a ideia de ser rejeitada. Eu, Rami, mulher bela. Eu, mulher inteligente. Fui amada. Disputada por vários jovens do meu tempo. Causei paixões incendiárias. De todos os que me pretenderam escolhi o Tony, o pior de todos, que na altura julgava ser o melhor. Vivi apenas dois anos de felicidade completa num total de vinte e tantos anos de casamento (CHIZIANE, 2004, p.14).

Para Rami é muito doloroso lembrar como era bela, disputada por vários homens, entretanto, ela decidiu se casar com Tony, acreditando que seria o melhor para sua vida. Mas, ele não soube amá-la, nem valorizá-la como deveria. Ela dá sequência ao seu discurso, mostrando suas qualidades e enfatizando sua insatisfação por não conseguir prender a atenção do marido e mantê-lo ao seu lado.

Ninguém pode entender os homens. Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm. Modéstia a parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filho com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida. Por isso afirmo e reafirmo, mulher como eu, na sua vida, não há nenhuma! (CHIZIANE, 2004, p. 14).

Nesse trecho, a protagonista mostra que abdicou de seus sonhos e de suas vontades para satisfazer os desejos do marido, que com ela construiu um lar, com amor, afeto, filhos – uma família a qual ambos deveriam amar e da

qual deveriam cuidar. No entanto, ele faz justamente o contrário, principalmente quando consegue uma ascensão de cargo e de remuneração.

Na atualidade, os casamentos são mais instáveis, vulneráveis, pois as coisas passaram a ser transitórias, efêmeras, e o ser humano passou a buscar a felicidade nos bens materiais, não nos sentimentos, nas qualidades, no caráter de cada pessoa. Isso faz com que a felicidade seja buscada fora, e não dentro de cada um. Sobre esse aspecto, Rougemont (2004, p. 375, 376) afirma:

O casamento tem realmente por base uma ideia individual da felicidade, ideia que se supõe, na melhor das hipóteses, comum aos dois cônjuges [...]

A sua felicidade, apregoam incessantemente os anúncios, depende disto, exige aquilo – e isso ou aquilo, sempre alguma coisa que é preciso adquirir, em geral com dinheiro. Como resultado, essa propaganda nos deixa obsecados pela ideia de uma felicidade fácil, ao mesmo tempo em que nos tornam incapazes de atingi-la. Pois tudo que nos é oferecido, nos leva ao mundo das comparações onde não poderá haver felicidade enquanto o homem não for Deus. A felicidade é uma Eurídice: nós a perdemos a partir do momento em que pretendemos alcançá-la. A felicidade só pode existir na aceitação; quando a reivindicamos, ela deixa de existir, porque depende do ser e não do ter.

Nesse sentido, a busca da felicidade torna-se inútil, pois enquanto a procurarmos fora de nosso ser, não a encontraremos. Observamos a angústia de Rami que, ao procurar o afeto e o carinho em seu marido, questiona-se sobre sua condição de subalterna, de subserviente, como ela diz:

Desperto na vã esperança de receber uma mão cheia de carinho, mas o sol deixou-me e partiu. O meu amor é fugidio como a sombra do sol. Sou uma mulher derrotada, tenho as asas quebradas. Derrotada? Não. Nunca combati. Depois as armas muito antes de as empunhar. Sempre me entreguei nas mãos da vida. Do destino. Nunca mexi nenhum dedo para que as coisas corresse de acordo com os meus desejos. Mas será que algum dia tive desejos? (CHIZIANE, 2004, p. 18).

A partir do desabafo, Rami mostra que sua vida sempre esteve condicionada aos padrões sociais, ao seu marido e à organização do lar. Ao indagar-se se alguma vez sentiu desejo, sugere que nem ela mesma consegue mensurar até que ponto sua vida foi dominada e manipulada pelas ideologias que se penetram no subconsciente do ser humano, indicando como se deve

agir e como se comportar para ser considerado um cidadão exemplar. No caso de Rami, os desejos do marido e dos filhos sempre se sobrepuseram a sua vontade pessoal.

Nessa perspectiva, Rami é subalterna ao seu marido, seus desejos, suas vontades eram esquecidos em detrimento a satisfazer as vontades de Tony. Sobre o sujeito subalterno a autora Spivak (2010) esclarece: o sujeito subalterno, no contexto da produção pós-colonial, não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade, o que se fundamenta a partir da visão marxista. Com a industrialização e a globalização, a força do capital os países do Terceiro Mundo passaram a fornecer ainda mais ânimo de trabalho, a aglomerar o sujeito subalterno. Assim é marcada a divisão internacional do trabalho, reforçando a ideia da supremacia do Primeiro Mundo (Eu) em detrimento ao Terceiro Mundo (Outro). E esse fato implica na criação de fontes de resistência por parte das classes sociais mais baixas.

Dessa forma, a mulher, principalmente nos países de terceiro mundo, não tem voz, pois está subjugada aos ditames sociais que valorizam o poder masculino em detrimento do feminino, fazendo com que as mulheres aceitem as condições de subserviência como um fato natural.

Entretanto, Rami decide mudar de postura, lutar pelo seu amor, tentar resgatar sua dignidade, sua vontade de viver, e ela assume o comando de sua vida, quando profere:

Desperto inspirada. Hoje quero mudar o meu mundo. Hoje quero fazer o que fazem todas as mulheres desta terra. Não é verdade que pelo amor se luta? Pois hoje quero lutar pelo meu. Vou empunhar todas as armas e defrontar o inimigo, para defender o meu amor. Quero tocar na alma de todas as pedras do meu caminho. Quero beijar grão a grão a areia que tece o solo fecundo onde me aleito. Fecho os ouvidos ao mundo e apenas escuto o silêncio do meu percurso. Escuto o som intermitente da chuva miúda caindo na vidraça (CHIZIANE, 2004, p.19).

Rami, a partir desse momento, busca de todas as formas resgatar o amor de Tony. Parte da premissa de que se conseguir destruir a sua rival, irá ter o marido de volta, mas ao encontrar a primeira amante de seu marido e, após uma discussão, é Julieta quem lhe mostra uma triste realidade sobre a existência humana:

A Julieta revela-me uma verdade mais cáustica que uma taça de veneno. Ter é uma das muitas ilusões da existência, porque o ser humano nasce e morre de mãos vazias. Tudo o que julgamos ter, é-nos emprestado pela vida durante pouco tempo. Teu é o filho no ventre. Teu é o filho nos braços na hora da mamada. Mesmo o dinheiro que temos no banco, só o tocamos por pouco tempo. O beijo é um simples toque e o abraço dura apenas um minuto. O sol é teu, lá do alto. O mar é teu. A noite. As estrelas. Cada ser nasce só, no seu dia, na sua hora, e vem ao mundo de mãos vazias (CHIZIANE, 2004, p. 25).

Nesse sentido, as palavras de Julieta tocam no âmago de Rami, esta percebe que está lutando contra a pessoa errada, que sua “rival” é apenas mais uma vítima da sociedade, dos caprichos de seu marido. Ela compreende que a rival também foi enganada, que Tony a pediu em casamento e nunca cumpriu sua promessa, só após o nascimento do primeiro filho foi que descobriu que ele era casado.

Logo, a situação de subalternidade feminina é mais uma vez ratificada pelas ações e atitudes de Tony, que não dá importância aos sentimentos das mulheres, conquista várias para depois deixá-las com filhos nos braços, contribuindo apenas financeiramente para a subsistência do lar. Amor, ternura, afeto e tudo que se espera de um marido, essas mulheres não têm.

Nessa perspectiva, Rougemont (2003, p. 421) afirma:

O amor selvagem e natural se manifesta pela *violação*, prova de amor entre todos os bárbaros. Mas a violação, como a poligamia, revela que o homem ainda não é capaz de conceber a realidade da mulher como pessoa. O que equivale a dizer que ele ainda não sabe amar. Violação e a poligamia privam a mulher de sua qualidade de igual – reduzindo-a a seu sexo. O amor selvagem despersonaliza as relações humanas.

Nesse sentido, para Rougemont o homem polígamo ainda não conseguiu adentrar na alma feminina, nem perceber o amor e a sensibilidade que existe em seu ser. A mulher é como uma pedra preciosa, precisa ser cuidada, lapidada para que possa a cada dia brilhar e mostrar sua formosura. Nesse contexto polígamo a mulher nunca poderá ter um tratamento de igualdade em relação ao homem, pois este só prioriza seus próprios instintos, deixando-a reduzida à função de oferecer-lhe prazer.

Podemos observar isso no trecho a seguir, em que Rami se solidariza com Julieta e percebe que o sofrimento desta é bem pior que o seu:

Fico emocionada. Esta mulher tem uma angústia bem pior que a minha. Eu, pelo menos, conheci o sonho e o altar. Tive um marido sempre ao lado em cada um dos cinco filhos que pari. Ainda tive o prazer de insultá-lo e culpá-lo de todas as minhas dores na hora do parto. A Julieta foi enganada desde a primeira hora. Nada pior que uma eterna frustração.

- Aí é que te enganas. As mulheres são diferentes no nome e na cara. No resto, somos iguais. Vejamos. Ele enganou-te e enganou-me. Quando não está aqui, penso que está contigo e vice-versa. Disse-te que te amava. Disse-me que me amava. Estamos aqui como duas prisioneiras lutando pelo mesmo homem. Oh, meu Deus, como eram maravilhosas as coisas que ele me dizia. E qual foi o resultado? Encher-me de filhos e partir (CHIZIANE, 2004, p.26).

Observamos que Tony enganou Rami e Julieta sem ter a menor consideração com os sentimentos dessas mulheres, corroborando, assim, para confirmar o que a ideologia social incute sobre os seres humanos, que os homens têm o direito de usufruir da liberdade e de fazer o que têm vontade, até mesmo trair suas mulheres sem ter o mínimo de respeito e consideração para com o compromisso firmado no dia do casamento. Resta às mulheres o prêmio de consolação aceitar tais fatos como se fossem naturais.

Spivak (2010) reforça a situação da mulher que sofre muito mais a subalternidade: se você é pobre, negra e mulher está envolvida de três maneiras; se, no entanto, essa formulação é deslocada do contexto do Primeiro Mundo para o contexto pós-colonial (que não é idêntico ao do Terceiro Mundo), a condição de ser “negra” ou “de cor” perde o significado persuasivo.

A autora também mostra que a constituição do sujeito colonial da primeira fase imperialista a uma categoria de classe e de cor depende do local onde se verifica, pois, se é em um contexto onde se encontram só mulheres negras, o fator “cor” não vai interferir na subalternidade. Mostra que é necessário fazer uma alegoria e não comparar a mulher do Terceiro Mundo com a mulher do Primeiro Mundo. Enfatiza essa diferença, afirmando a consciência da mulher subalterna e evidenciando que esta continuará tão muda como sempre esteve.

Dessa forma, a mulher do terceiro mundo, de acordo com Spivak, sofre mais do que as mulheres do primeiro mundo, por não terem condições

financeiras para se opor às vontades masculinas. Com relação às mulheres da África, cor não vai consistir em mais um fator opressivo, pois há predominância nesse local da raça negra. Já no Brasil, a situação é diferente, visto que há um histórico de submissão negra desde os tempos da colonização.

No caso de Rami, sua cor não interfere na sua condição de subalternidade, pois todas as mulheres são negras, então, o fator raça fica neutro. Notamos ainda que a cultura moçambicana é cheia de crenças, mitos, os quais fazem as mulheres adotarem uma postura subserviente diante do marido, como destacamos no seguinte trecho:

Dos mitos que aproximam as meninas do trabalho doméstico e afastam os homens do pilão, do fogo e da cozinha para não apanharem doenças sexuais, como esterilidade e impotência. Os hábitos alimentares que obrigam as mulheres a servirem aos maridos os melhores nacos de carne, ficando para elas os ossos, as patas, as asas e o pescoço. Que culpam as mulheres de todos os infortúnios da natureza. Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas. Quando há pragas e doenças, a culpa é delas que sentaram no pilão, e abortaram às escondidas, que comeram o ovo e as moelas, que entraram nos campos nos momentos de impureza (CHIZIANE, 2004, p. 36).

Observamos que cabe às mulheres prover todo trabalho doméstico, fazendo com que o lar seja organizado. Entretanto mesmo cumprindo suas obrigações, não têm o direito a melhor parte da alimentação, ficando esta exclusiva para os homens. Logo, a sociedade propaga direitos aos homens e deveres às mulheres. No trecho a seguir, é evidente a distinção que a sociedade demonstra sobre a condição do homem e da mulher, e de que forma esta ainda está atrelada às ideologias patriarcais:

Homem é azagaia. Ponta de lança. Homem é uma linha reta sem fim. Homem é uma bala acesa ferindo o espaço na conquista do mundo. As rectas unem o céu e o chão até ao fim do horizonte. Deixa que o homem seja o fim porque tu és o princípio. Mulher é linha curva. Curvos são os movimentos do sol e da lua. Curvo é o movimento da colher de pau na panela de barro. Curva é a posição de repouso. Já reparaste que todos os animais se curvam ao dormir? Nós, mulheres, somos um rio de curvas superficiais e profundas em cada palmo do corpo. As curvas mechem as coisas em círculo. Homem e mulher se unem numa só curva no serpentear dos caminhos. Curvos são os lábios e os beijos. Curvo é o útero. Ovo. Abóbada celeste. As curvas encerram todos os segredos do mundo. Não ter amor não é sina, é desastre. Aprende bem esta minha lição. O amor é um investimento. Nasce, morre, renasce, como o ciclo do

sol. [...] Corpo de mulher é magia. Força. Fraqueza. Salvação. Perdição. O universo inteiro cabe nas curvas de uma mulher (CHIZIANE, 2004, p. 41, 42).

Nesse sentido, o homem é visto como um ser forte, destemido, intocável, que detém o poder e a sabedoria da terra. Sua vida, seus desejos e suas vontades são como uma pedra preciosa que não pode ser quebrada, nem sofrer nenhum dano. Já a vida das mulheres não é tanto valorizada, pois elas são tidas como frágeis, fáceis de quebrar e de se deixar levar pelas situações difíceis da vida.

Entretanto, vemos que a vida dos homens está nas mãos das mulheres, pois são elas que carregam a vida em seu ventre, que amamentam, educam seus filhos e estão ao seu lado sempre que necessário. A mulher pode levar um homem à felicidade e à ruína. Aos homens a força, a supremacia, a virilidade; Às mulheres o encanto, a doçura, a beleza e a magia do corpo feminino.

Apesar disso, nos últimos tempos, a condição feminina e de grupos marginalizados na sociedade pós-moderna evidencia-se, propiciando-lhes novos caminhos e aberturas para se firmarem na sociedade, como afirma Homi Bhabha (1998 p. 23,24):

A significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os 'limites' epistemológicos daquelas idéias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes e, até dissidentes— mulheres, colonizados, grupos minoritários, os portadores de sexualidade policiadas.

Nesse contexto, vale ressaltar que diante das mudanças sociais, a mulher sempre se manteve submissa ao homem, com medo de escolher entre seguir a tradição ou mudar de posicionamento e prosseguir sua vida buscando sua independência. Rami decidiu por dar continuidade a sua vida, olhar para seu passado e contornar os erros vividos ao lado de seu marido Tony.

Para melhor explicitar a condição social da transição entre a tradição e modernidade, recorreremos novamente a Homi Bhabha (1998 p. 20,21):

Os termos de embate cultural, seja através de antagonismos ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da

diferença não deve ser lida apressadamente como um reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscrito na lápide fixa da tradição. [...] o “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; Ele é alimentado pelo poder da tradição de se reescrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão na “minoria”.

Nessa perspectiva, o choque cultural entre a tradição e a modernidade é sentido pela população que vive nesse embate ideológico, entre seguir as regras tradicionais ou transgredi-las, criando uma nova maneira de seguir a vida de acordo com seus critérios.

Observamos que Rami não se conforma com sua situação e busca uma solução para seu sofrimento, mesmo estando presa às tradições, ela luta para desmistificar os preconceitos. Sobre essa luta, Fanon (2008, p. 186) afirma:

A esse respeito formularei uma observação que já encontrei em muitos autores: a alienação intelectual é uma criação da sociedade burguesa. E chamo de sociedade burguesa todas as que se esclerosam em formas determinadas, proibindo qualquer evolução, qualquer marcha adiante, qualquer progresso, qualquer descoberta. Chamo de sociedade burguesa uma sociedade fechada, onde não é bom viver, onde o ar é pútrido, as idéias e as pessoas em putrefação. E creio que um homem que toma posição contra esta morte é, em certo sentido, um revolucionário.

Dessa forma, Fanon coloca-se contra a sociedade burguesa que não aceita as mudanças sociais que vêm acontecendo nos últimos anos. Entretanto, tais mudanças vêm se fazendo presente nas sociedades, mesmo que de forma lenta e regrada. Referindo-se especificamente ao contexto africano e de países de terceiro mundo que aos poucos estão conseguindo sair um pouco da condição de subalternidade e conquistando espaço no âmbito global.

Dentro desse contexto, podemos citar Rami como uma mulher destemida, que teve coragem e audácia de tomar decisões contrárias aos dogmas, aos preceitos da sociedade em que estava inserida, buscando sua liberdade, seus direitos como ser humano e, sobretudo, como mulher.

Na luta pela sua liberdade, ela se depara com a situação das outras amantes de seu marido Tony e percebe a realidade que cerca a história de cada mulher envolvida com ele. Em conversa com Luisa, a terceira amante,

Rami vê que sua rival está nesse hexágono amoroso sem culpa, sem outra alternativa, pois, em sua região, a poligamia é disseminada naturalmente, como veremos no trecho a seguir:

- Eu venho de longe, minha senhora, sou da Zambézia – conta-me ela. – Venho de uma terra onde os homens novos imigram e não voltam mais. Na minha aldeia natal só há velhos e crianças. Tenho oito irmãos, cada um com o seu pai. A minha mãe nunca conseguiu um marido só pra ela. Do meu pai apenas ouvi falar. Desde cedo aprendi que o homem é pão e hóstia, fogueira no meio de fêmeas morrendo de frio. Na minha aldeia, poligamia é o mesmo que partilhar recursos escassos, pois deixar outras mulheres sem cobertura é crime que nem Deus perdoa (CHIZIANE, 2004, p. 55).

Notamos que no discurso de Luisa está implícito que a ideologia machista imprime no subconsciente das mulheres a poligamia como algo natural, e quem se opõe a tal regime comete um crime, até um pecado. Dessa forma, as mulheres ficam presas a esse pensamento e vivem como se o homem fosse um rei e elas simples servas a seu serviço esperando migalhas de carinho e atenção. Como Luisa afirma:

Este é o discurso típico das mulheres de minha terra, onde o homem é rei, senhor da vida e do mundo. Um mundo onde a mulher é couro. Couro de touro macio e muito bem curtido. Um mundo onde a mulher é gémea do tambor, pois ambas soltam acordes espirituais, quando esquecidas e matraqueadas por mãos vigorosas e rústicas (CHIZIANE, 2004, p. 55).

Observamos nesse contexto de dor e sofrimento impostos às mulheres pela poligamia, que Rami vai se desiludindo, desfazendo sua crença no amor eterno, e acreditando que seu casamento não será até que a morte os separe e, sim, até que a vida o faça, como afirma a própria Rami neste fragmento:

Acabei de aprender a lição da vida. História de um amor só, um amor imortal? Beleza! Uma canção de poetas. O amor solta-se do peito e corre perdido como uma pedra rolando no desfiladeiro. Amar uma vez na vida? Tretas. Só as mulheres, eternas palermas, engolem essa pastilha. Os homens amam todos os dias. Em cada sol partem a busca de novas paixões, novas emoções, enquanto nós ficamos a espera eternamente por um amor já caduco. Todos os homens são polígamos. O homem é uma espécie humana com vários corações, um para cada mulher (CHIZIANE, 2004, p. 69).

O discurso de Rami demonstra toda sua insatisfação com a situação a qual ela está vivendo, deixa claro que só as mulheres conseguem amar verdadeiramente. Os homens são por natureza polígamos e têm um coração para cada mulher. Sobre esse assunto, Denis Rougemont (2003, p. 381) descreve:

Uma extensa e enfadonha literatura romanesca descreve esse tipo de marido que teme a “insipidez”, a monotonia dos laços legítimos, na qual a mulher perde seu “atrativo” porque já não há obstáculos entre ela e ele. São vítimas lamentáveis de um mito cujo horizonte místico se perdeu de vista há muito tempo. Para Tristão, Isolda representava o símbolo do desejo luminoso: o seu outro mundo era a morte divinizante, libertadora dos liames terrestres. Portanto, era preciso que Isolda fosse impossível, pois todo amor possível nos prende a esses laços. Nos reduz aos limites do espaço e do tempo sem os quais não há “criaturas”.

Dessa forma, as palavras de Rougemont vêm corroborar com o discurso de Rami, mostrando que os homens não se conformam em ter apenas uma mulher, eles têm o desejo de querer sempre mais, de buscar o novo. Por isso, os casamentos não são mais duradouros, uma vez que com o passar do tempo o homem passa a querer conquistar outras mulheres, deixando sua esposa sozinha, sem o amor que merece.

Rami é convidada para um aniversário na casa de Luísa, sua rival, acaba indo é quando ela conhece Vito, o amante de Luísa e com o coração dilacerado pela dor, pela solidão. Ao tomar alguns copos de bebida, Rami acaba dormindo com ele. Ao cometer o adultério, Rami se sente suja por ainda estar atrelada aos padrões sociais que não dão abertura para que a mulher possa retribuir a traição na mesma forma. A protagonista desabafa:

Eu era uma pedra firme. Incorruptível. Sempre vivi acima das outras mulheres porque era a mulher de todas as virtudes. Feri a minha fidelidade, abri uma brecha, uma ferida que não cicatriza. Derrubei os pilares onde assentavam todos os valores. Não resisti à tentação. Queria tanto um detergente para esfregar essa mancha. Uma caverna profunda para esconder a arma do crime, mas a arma do crime é o meu corpo, ah, meu corpo, meu inimigo! Como podia eu resistir aos teus apelos? Carne maldita, o que fizeste da minha alma? É difícil ser fiel, quando se tem o corpo em chamas. É difícil esta abstinência forçada, meu Deus, é difícil ser mulher (CHIZIANE, 2004, p. 80, 81).

Observamos que Rami entra em conflito com suas ideologias, pois como ela sempre foi fiel a Tony e ao seu casamento, no seu subconsciente estava a sensação de que ela era uma mulher íntegra, que, mesmo sendo traída pelo marido, permanecia fiel e digna de merecer o amor de Tony só para ela. Ao cometer o adultério, ela se sente uma mulher fraca, que não teve capacidade de resistir à tentação e, de certa forma, acredita que não voltará a ser a mesma por não se achar digna.

Por outro lado, a situação em que Tony a deixou ofereceu subsídios para que Rami cometesse o adultério, visto que ela estava sozinha, carente, sentindo falta de carinho, afeto, atenção. Sentimentos como esses, Tony há muito tempo não tinha para com sua esposa. Sem condições de agir contra seus desejos, Rami rendeu-se aos carinhos recebidos, tão esperados e almejados.

Diante da situação, ela reflete sobre tudo o que aconteceu e chega à seguinte conclusão: “A vida é uma eterna metamorfose. Vejam só o meu caso. O meu lar cristão se tornou polígamo. Era uma esposa fiel que tornei-me adúltera – adúltera não, recorri apenas a um tipo de assistência conjugal, informal, tal como a poligamia dessa casa é informal” (CHIZIANE, 2004, p. 95).

Como a própria protagonista descreve, a “traição” ocorreu não por motivos sórdidos, mas por uma necessidade, como ela afirma, não há como se firmar, tal traição, levando em consideração o comportamento de seu marido. Observamos que no momento de dor, de solidão, Rami foi capaz de cometer um ato que não é digno de uma esposa de caráter, de acordo com a sociedade na qual estava inserida.

E Luísa ratifica o discurso de Rami sobre o adultério:

- Adultério? Há quanto tempo esperas por quem não vem? Vocês, mulheres do sul, perdem tempo com essas histórias e preconceitos. Renunciam à existência pode-se saber porquê? Fidelidade a quê, se ele já te deixou? Mesmo as viúvas aliviam o luto em algum momento. E tu não é viúva, o Tony está vivo, está feliz e anda a fazer das suas por aí (CHIZIANE, 2004, p. 82).

Observamos que Rami sente-se culpada por ter traído Tony, mesmo com as justificativas de Luísa tendo fundamento. A protagonista não consegue se desvencilhar dos preceitos ideológicos que estão presentes em seu

pensamento, fato esse que mostra a dificuldade enfrentada pelos indivíduos situados em zonas com embates culturais entre tradição e modernidade. Rami diz a Luisa: “– Sou uma mulher casada, Lu. Mesmo tu não devias traí-lo. Tens um compromisso com ele, não tens?” (CHIZIANE, 2004, p.83).

Para melhor explicitarmos essa perspectiva, recorremos a Homi Bhabha (1998, p. 21):

Os embates de fronteira a cerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; Podem confundir nossas definições de tradição, de modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso.

Dessa forma, o indivíduo fica preso entre seguir a tradição ou romper com os laços do passado e seguir um novo padrão de vida. Vimos isso explicitamente com a protagonista Rami, que, após trair seu marido Tony, desabafa e mostra sua dor em ver que está dentro de um contexto polígamo, profere:

Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com as mãos, amputar o coração. Drená-lo até se tornar sólido e seco como uma pedra, para matar o amor e extirpar a dor quando o teu homem dorme com outra, mesmo ao teu lado. Poligamia é uma procissão de esposas, cada uma com o seu petisco para alimentar o senhor (CHIZIANE, 2004, p. 91).

Diante da dor de ver seu marido ligado a tantas mulheres, de perceber que essas mulheres são reféns da situação porque precisam de dinheiro para manter a casa, cuidar dos filhos, Rami resolve ajudar suas rivais para que elas possam ter dinheiro e não depender de Tony para tudo, como ela mesma diz:

Aguntei com elas até onde pude, até lhes disse: Isto acontece porque não trabalham. Em cada sol têm que mendigar uma migalha. Se cada uma de nós tivesse uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livres dessa situação. É humilhante para uma mulher adulta pedir dinheiro para sal e carvão (CHIZIANE, 2004, p. 117).

A partir desse momento, as mulheres de Tony, sob o comando de Rami, passam a mudar suas vidas, a protagonista ajuda cada uma das amantes do

marido de forma diferente, empresta dinheiro, ajuda a buscar uma forma de sobrevivência sem precisar de Tony.

Logo, cada uma passou a exercer uma profissão diferente de acordo com suas habilidades, aos poucos foram ganhando espaço no comércio e dinheiro para comprar suas coisas e de seus filhos, como vemos a seguir:

Vendemos a roupa usada durante seis meses. Criámos capital. A Lu e eu, cada uma de nós abriu uma pequena loja para vender roupas novas e o negócio começou a correr melhor. A Saly construiu uma loja. Vende bebidas por grosso. Tem um café e um salão de chá. A Ju conseguiu fazer um pequeno armazém e já vende bebida por grosso. A Mauá abriu um salão de cabeleireiro no centro da cidade e continua a fazer trabalho na garagem de casa. Tem uma clientela que nunca mais se acaba (CHIZIANE, 2004, p. 122).

Com os comércios, cada uma foi ganhando sua independência financeira, o que, futuramente, corroboraria para sua independência afetiva em relação a Tony. Mas no início, mesmo estando se desvinculando financeiramente de Tony, Rami e as outras amantes resolvem seguir o que manda a poligamia oficial, fazer reuniões entre as mulheres, seguindo à risca o que manda o regime poligâmico oficial.

Primeiro fizeram Tony lobolar as mulheres e os filhos, ou seja, reconhecê-los oficialmente perante a sociedade e a família, depois repartir os bens entre todos que compõem o núcleo familiar polígamo. Como mostra o seguinte trecho:

- O meu Tony, ao lobolar cinco mulheres, subiu ao cimo do monte – diz a minha sogra. – Ele é a estrela que brilha no alto e como tal deve ser tratado. E tu, Rami, és a primeira. És o pilar desta família. Todas estas mulheres giram à tua volta e te devem obediência. Ordena-as. Castiga-as se for preciso. Tu é que deténs o trono e o ceptro Exerça o teu poder sobre elas, submeta-as ao teu comando. Tu és a rainha desta casa (CHIZIANE, 2004, p. 125, 126).

Entretanto, Rami não se conforma com essa condição e não se sente feliz em ter sob seu domínio essas mulheres que ela desejava não ter conhecido, que não queria nem que tivessem entrado em sua vida dessa forma tão desconfortável. Profere um discurso totalmente contra essa hierarquia impiedosa do regime polígamo, que trata as mulheres como seres inferiores. Ao sentir-se incapaz de maltratar as amantes de Tony, Rami desabafa com

dor: “Sinto-me promovida na hierarquia da tirania. Dão-me um chicote a que chamam de ceptro, para açoitar todas as infelizes que cruzarem a minha estrada. Mas não vou açoitar ninguém. Vou guardar este bastão num baú e atirá-lo bem para o fundo do mar” (CHIZIANE, 2004, p.126).

Depois do desabafo, Rami, em comum acordo com as outras mulheres de seu marido, decide fazer uma tabela conjugal para que todas tenham os mesmos direitos e saibam onde o marido está em cada semana, caso precisem encontrá-lo para alguma emergência.

Sob o comando apaziguador de Rami, elas decidem a tabela, como veremos a seguir:

-Façam uma escala conjugal. Uma semana em cada casa é quanto basta para conviver. Dormir e despertar no mesmo lugar é saudável. O homem não deve percorrer o perímetro da cidade em cada dia, porque é desgastante, pode morrer cedo. Tem muitas vantagens: em casos de aflição, todas saberão o lugar certo onde poderão procurar (CHIZIANE, 2004, p. 127).

Logo após a escala feita, Tony começa a seguir os critérios do regime poligâmico como suas mulheres determinaram em comum acordo. Cada semana ele passava na casa de uma, dando atenção, amor e carinho, mas com o passar do tempo, o “rei do lar” não consegue manter essa escala, quer partir para outros encontros amorosos com outras mulheres, pois o seu instinto deseja isso. Sentindo-se sufocado, Tony marca um conselho familiar para reclamar das esposas.

O Tony convocou um conselho de família, para se queixar da nossa má conduta, e faz um alarido imenso como se o tal problema fosse gigantesco. Ele precisa dessa reunião para colher ideias. Para ganhar testemunhas de sua desgraça e aliviar a consciência. Quer ganhar aliados para melhor segurar o seu rebanho, tios que vieram com pontualidade religiosa (CHIZIANE, 2004, p.127).

Dessa forma, percebemos que Tony não consegue se habituar ao ciclo da poligamia, visto que ele não se compromete com o regime, pois suas escolhas foram clandestinas, ele acredita que o homem pode fazer o que quiser e gostaria que a família o apoiasse em suas reivindicações para manter seu *status* dentro da sociedade, por isso, tenta culpar as mulheres para sair ileso da situação.

Após a reunião, as amantes ficaram indignadas porque estavam fazendo tudo que deveria ser feito para agradar Tony. Mesmo assim, este se acha no direito de reclamar e exigir sempre mais de suas mulheres. Mais uma vez, Rami desabafa: “Olho para o Tony, meu marido energúmeno, polígamo do século vinte e um. Que vai morrer cedo, na estrada, entre uma casa e outra sempre a correr para cá e para lá na gestão de seus amores” (CHIZIANE, 2004, p. 159).

Rami alegre suas companheiras e diz que a reunião mostra que Tony está vulnerável e não consegue sair da situação em que se envolveu. Além disso, ele dá provas de que o cumprimento do regime poligâmico tornou-se insuportável, por isso a reunião e o conselho em família.

Eu digo-lhe: meninas, exageramos! Mas a nossa vingança não falhou o alvo, pelo contrário, superou as expectativas. Foi uma descoberta fascinante que revelou segredos inimagináveis. Foi maravilhoso conhecer um Tony frouxo, um Tony louco, que chora como uma criança e pede socorro ao conselho de família assustado por um papão. Afinal acabamos de descobrir a poderosa arma secreta. Podemos usar a nossa nudez para assustá-lo, torturá-lo, arrepiá-lo até à medula e à medida da sua maldade (CHIZIANE, 2004, p. 159,160).

Observamos que Tony não se conforma em acatar a decisão forçada pelas mulheres para manter as famílias dentro da poligamia oficial dando respaldo a todas as mulheres, dividindo seu tempo só entre as cinco mulheres. Rami responde dizendo que o motivo da reunião é porque Tony está querendo ter outras mulheres e a divisão de tempo entre as amantes não está dando espaço para que ele possa procurar outros amores, outras paixões. A primeira esposa afirma:

Todas esboçamos um sorriso triste. Perguntamos umas às outras qual a razão de ser daquele encontro. Foi apenas para nos assustar. Criar mais espaço para os seus namoros, os homens gostam de variar, concluímos. Mas nós já somos uma variação, em línguas, em hábitos, em culturas. Somos uma amostra de norte a sul, o país inteiro nas mãos de um só homem. Em matéria de amor, o Tony simboliza a unidade nacional (CHIZIANE, 2004, p. 161).

Percebemos a ironia de Rami e das outras mulheres ao dizer que Tony quer outras mulheres, mas que na verdade, as cinco mulheres dele já

representam uma unidade nacional, juntas formam um quinteto vindo de todas as partes do país.

Tony não suporta a pressão e viaja com uma nova amante, mas, no dia de sua viagem, ocorre um acidente e os familiares de Tony acreditam que ele morreu. Então, iniciam-se os ritos para velório e enterro. Mas Eva, uma amante de Tony, diz a Rami que o homem acidentado não é seu marido, que ele viajou de férias para Paris com outra mulher, Gaby. Rami tenta avisar a sogra, entretanto a mãe de Tony não acredita nas palavras da nora como é possível observar no trecho a seguir:

Aproximo-me da minha sogra e sussurro-lhe ao ouvido: mãe, este não é o Tony. Ela oferece-me um sorriso triste e responde entre lágrimas: pobre filha minha. É duro aceitar a realidade. É sempre assim, sempre foi, eu sei. Coragem, minha menina. A velha não me leva a sério. Banha-me com um olhar de ternura, abraça-me, afaga-me, afoga-me. Desespero. Ó gente cega, gente surda, gente parva! Será que não tenho o direito de ser ouvida pelo menos uma vez na vida? Estou acusada de ser mulher. De suportar cada capricho. Ser estrangeira na minha própria casa. Estou cansada de ser sombra. Silhueta. Já que não me querem ouvir. A vingança será o meu silêncio. Não irei partilhar as minhas dúvidas. Vou deixar que esse morto se enterre (CHIZIANE, 2004, p. 203, 204).

Como ninguém acreditou nas palavras de Rami, o velório seguiu normalmente e esta teve que passar pelo ritual da *Kutchinga* no qual a viúva passa a ser mulher de um dos irmãos do morto. Rami, para não se opor às tradições da família, submete-se a participar do rito e tem sua primeira noite de amor com Levy, irmão de Tony.

Ai meu Deus, sinto uma leveza no meu corpo. Sinto um rio de mel correndo na minha boca. Meu Deus, o paraíso está dentro do meu corpo. Tenho fogo aceso no meu forno, eu ardo, eu enlouqueço, eu me afundo. Mergulhamos fundo na leveza das ondas. Sobre nós cai a chuva luminosa de estrelas-do-mar. Os peixes-voadores emprestam-nos as suas asas e vamos no profundo do oceano. A terra é um lugar amargo e distante. Sinto que vou morrer nos braços deste homem. Eu quero morrer nos braços deste homem. Amor de um instante? Que seja! Vale mais apenas ser amada um minuto que desprezada a vida inteira (CHIZIANE, 2004, p. 225).

Apesar de ter sido submetida ao ritual, Rami sente-se bem ao ser tocada pelo irmão de Tony, sente prazer em ser acariciada, tratada com respeito. Nesse momento ela vive sensações e devaneios que há muito tempo não

sentia, todo seu desejo é aflorado e ela se deixa levar, esquecendo por um instante, nos braços de outro homem, toda a dor e sofrimento causados pelo seu marido, que a deixava sozinha e ia viver suas paixões.

No dia seguinte ao ritual, Tony regressa da viagem e fica sabendo que foi confundido com um morto, ao chegar encontra sua residência vazia, sem móveis, Rami com a cabeça raspada, outra marca da tradição que as viúvas devem cumprir. Tony fica abismado, pergunta a Rami o que aconteceu e por que ela aceitou seguir o ritual, se sabia que ele estava vivo. Rami diz:

- Vi tua morte e fui ao teu funeral – desabafo. – Usei luto pesado. Os malvados da tua família até o meu cabelo raparam. Até o *Kutchinga*, cerimônia de purificação sexual aconteceu. [...]
- Quem foi?
- Foi o Levy
- Não reagiste, não resististe?
- Como? É a nossa tradição, não é? Não me maltratou, descansa. Foi até muito suave, muito gentil. É um cavalheiro, aquele teu irmão. Falo com muito prazer e ele sente a dor de marido traído. No meu peito explodem aplausos. Surpreendo-me. Sinto que endureci nas minhas atitudes. O meu desejo de vingança é superior a qualquer força deste mundo.
- És uma mulher de força, Rami. Uma mulher de princípios. Podias aceitar tudo, tudo menos o *kutchinga*.
- Ensinaste-me a obediência e a submissão. Sempre te obedeci a ti a todos os teus. Por que ia desobedecer agora? Não podia trair a tua memória (CHIZIANE, 2004, p. 227, 228).

Rami mais uma vez usa o sarcasmo e a ironia para atingir Tony, ao dizer que aceitou a tradição da família dele e que aceitou de boa vontade o ritual de purificação com Levy. A protagonista mostra toda sua indignação por ter sido traída e humilhada durante a maior parte de sua vida por Tony. Ela simplesmente disse que não podia ser desobediente a quem sempre a ensinou a sê-lo, e que não podia trair a memória do marido morto – e, assim, ela sabia que o ritual iria feri-lo com suas próprias tradições.

Outro fator que podemos evidenciar é o machismo de Tony, pois não queria que sua mulher tivesse cumprido o rito de purificação sexual, opondo-se à tradição, querendo que sua esposa quebrasse as regras para manter seu orgulho de homem viril.

Notamos que o discurso de Rami denota felicidade ao ver que seu marido estava se sentindo traído e humilhado, como muitas vezes ela se

sentiu. Tony tenta reparar seu erro, pede perdão a Rami, tenta abraçá-la, mas ela esquiva-se e não o deixa tocá-la. E prossegue:

- Eu sou viúva, Tony. E tu estás para além do túmulo. Não tenho a certeza de que tu és tu. Deves ser uma sombra má, um fantasma, deixa-me em paz, Tony.
Antes era eu que pedia abraços. Ele negava. Agora sou eu quem recusa, este nosso amor é doido, jogo de gato e rato. Consumi a vida inteira à procura desse instante, para tê-lo bem embalado nos meus braços. Ele está aqui à minha frente. Desprotegido. Maltratado. Carente. Já não o quero, nada mais apetece, tudo morreu para mim (CHIZIANE, 2004, p. 230).

O discurso de Rami vai se modificando, se transformando, na medida em que o tempo passa, e ela perde as esperanças de retomar seu casamento com Tony. É perceptível como ela muda e passa a tratar seu marido friamente, como ela despreza tudo que um dia mais desejou em relação a Tony.

Nesse momento, a protagonista já não sente mais vontade de se reconciliar com seu marido, pois os sofrimentos que já suportou a tornaram forte para não aceitar mais as maldades de Tony. Ela dá sequência a seu discurso soberano sobre seu marido: “Nada me interessa, nem tu, nem a casa, nem nada. Em cada compartimento vejo a imagem da tua morte. Não quero mais voltar a esta vida. Vou recomeçar. Tenho cabelo branco neste couro, mas na alma uma grande força. Vou recomeçar” (Chiziane, 2004 , p.233).

Rami está disposta a esquecer tudo e mudar de vida. Ela teve a coragem de proferir um discurso soberano sobre seu marido, o qual por quase toda sua vida teve o controle de seus gestos e seus atos.

Tony, insistentemente, pede perdão a Rami, mas é rejeitado: “Não peça perdão a mim. Peça-o a Deus e a ti próprio. Eu não sou nada. Quero que fiques bem com as tuas mulheres, amantes, concubinas. Desejo-te todas as mulheres do mundo, menos eu. Felicidades!” (Chiziane, 2004, p.233,234).

Dizendo que ele não é nada, Rami deixa claro que, a partir daquele momento, ele poderá ter todas as mulheres do mundo, menos ela. Assim, ela demonstra uma conduta que diverge das mulheres que são educadas pela sociedade para aceitar todas as vontades do marido.

Para ferir ainda mais Tony, a protagonista diz que está muito feliz, que seu irmão foi um homem maravilhoso com ela, tratando-a com carinho e oferecendo a atenção que ele nunca se dispôs a oferecer. Rami diz:

O meu tchingador violou-me o corpo e deixou uma isca de carícia no meu coração. Foi preciso o Tony ser dado como morto para eu descobrir que o amor tem outras cores e outros sabores. Eu rezei muito, eu rezei, para o Tony não regressar da morte, que de amores estou bem servida. Agora, neste momento, renovo a minha oração (CHIZIANE, 2004, p. 238).

Com esse discurso, Rami deixa Tony totalmente sem ação, pois ele nunca imaginava que sua esposa, que sempre fora submissa e acatara suas ordens, diria que não o quer mais, desejaria outro homem que não fosse ele, ou sentiria prazer em estar com outra pessoa.

Mais uma vez, tocada pelo sentimento de dor e de revolta, Rami profere um discurso cheio de melancolia, mas que reafirma sua vontade de não mais reatar o casamento com Tony:

Os homens são predadores de ar e vento. Voam pelo mundo e só regressam a casa quando as asas se quebram. Exigem que as mulheres se comportem como pedras, mesmo que por elas passem vendaval imenso. Vejam só o Tony. Ele pede-me para eu abrir os meus braços e acolhê-lo, quer voltar à dança antiga nos ramos mais profundos dos meus nervos. O amor é um murmúrio de coração para coração. Palmeira e brisa na mesma balsa. Abelha e pólen no mesmo mel. Mandioca e forno no mesmo calor. Ah, meu Tony, as nossas almas já não balançam no mesmo ritmo (CHIZIANE, 2004, p. 303).

A protagonista evidencia que os homens querem ter o domínio da situação, humilhar, desprezar, maltratar as mulheres e, depois que não encontram mais respaldo nas amantes, voltam para as esposas como se nada tivesse acontecido, querendo construir algo que foi destruído e que não tem volta.

Para Denis Rougemont (2003, p. 382), escolher uma mulher para esposa não é dizer que ela é perfeita, mas que quer construir uma vida ao seu lado:

Escolher uma mulher como esposa não dizer a senhorita x: “Você é o ideal dos meus sonhos, você preenche e supera todos os meus desejos, você é a Isolda tão bela e desejada – munida de um bom dote – da qual quero ser o teu Tristão”. Pois isso seria mentira e não se pode construir nada duradouro sobre uma mentira. Não há ninguém no mundo que me possa satisfazer plenamente: tão longe me satisfizesse, eu próprio mudaria! Escolher uma mulher como esposa é dizer a senhorita x: “quero viver com você assim como você é”. O que na verdade quer dizer: é você que estou escolhendo para compartilhar minha vida, e essa é a única *prova* de meu amor.

Entretanto, o que aconteceu com o casamento de Rami não foi como deveria ser: Tony seguiu seu destino errante, deixando sua esposa em casa sozinha, desamparada, transformando seu casamento num mar de amarguras, pois ao invés de apresentar-se como um marido amoroso, prestativo e fiel, Tony, com sua indiferença, fornece subsídios para que Rami se interesse por outros homens. O seguinte trecho é representativo nesse sentido:

Apetece-me perguntar-lhe: quem me faz desejar outros beijos que não os teus? Eu que era virgem e pura. Os meus sonhos tinham a brancura das nuvens vogando no céu, mas ficaram revoltos e negros como um dia de tornado. Apetece-me pergunta ainda: quem me faz a cama de espinhos e me obrigou a dormir nela? Quem vestiu de luto o meu coração rubro? Quem me serviu vinagre e fel e fez meus olhos chorar? Quem fez de mim viúva de marido vivo? Quem me obrigou a coabitar com rivais, como irmãs? (CHIZIANE, 2004, p. 303).

Nesse trecho, percebemos, claramente, a desconstrução do amor romântico, quando a personagem diz que foi seu próprio marido quem desfez seus sonhos, que, ao chegar à presença dele, quando casaram, ela tinha sonhos, anseios, mas, pelas atitudes e pela infidelidade do marido, esses sonhos se transformaram em pesadelo, em noites insones, solitárias, frias em que ela passou à espera de seu companheiro, sem saber se ele chegaria ou não.

Diante de tanta dor e sofrimento, Rami tenta sair da situação buscando um novo horizonte, que poderá levá-la à sua felicidade, ao seu bem-estar. Isso porque ela já constatou que ao lado de Tony não encontrará paz, que tudo que é quebrado não tem conserto, não volta a ser como antes, principalmente quando se trata de relacionamento amoroso e de fidelidade conjugal.

Sem saída, Tony se sente encurralado, vê que suas paixões só trouxeram desavenças e destruíram seu casamento com Rami. Preocupado, sentindo-se solitário, da mesma forma como sua esposa se sentiu inúmeras vezes, desabafa:

É desagradável ter que marcar audiências com as minhas próprias mulheres. Tenho que marcar as horas e os minutos para desfrutar da sua companhia. E o pior de tudo, Os meus filhos seguem o exemplo das mães, não me ligam. De tudo ter, acabei não tendo nada. As minhas esposas esvoaçam como pássaros numa gaiola aberta, e eu

fico a olhar, espantado, essas mulheres a quem amordaçava as asas e afinal sabem voar. Ontem, vendendeiras de esquina, eram submissas e me adoravam. Hoje, empresárias, já não me respeitam (CHIZIANE, 2004, p. 304).

Notamos que Tony se sente inseguro, desprotegido, pois tinha o domínio de suas mulheres e, agora que elas estão trabalhando, conseguindo seu próprio dinheiro, não têm mais necessidade do dinheiro dele. Rami, com sua audácia e perseverança, ajudou as amantes de seu marido a seguir suas vidas, trabalhando para não ficarem subjugadas às vontades de Tony.

Nesse sentido, houve uma grande mudança no que diz respeito à posição superior de Tony em relação às suas mulheres. Agora, elas é que estão no comando da situação, desprezam, fazem com que ele viva as mesmas experiências dolorosas que elas viveram em busca de seu amor, à espera de um olhar, de um gesto de carinho. Agora quem sofre é Tony:

- Hoje eu quero chorar, Rami, deixa-me chorar. Nunca te dei nada senão a mágoa das minhas paixões que te feriam a cada dia. Amo-te como ninguém. Eu sou esse mar revolto, a mancha negra e fria que te cobriu a vida inteira. Sou aquele que fechou os ouvidos na noite para tua canção de amor. Serei teu a vida inteira, porque sou o teu lamento, o teu sopro de fogo, a tua recordação amarga. Tatuei o teu corpo com espinhos de fogo. Quando a tua alma passeava, desolada, era a minha imagem que te surgia como um fantasma. Quando sentias a dor de abandono era por mim que suspiravas. Se um dia tiveres uma noite de amor verdadeiro, com outro alguém, é de mim que vais recordar na elegia do tempo perdido (CHIZIANE, 2004, p. 329).

O discurso de Tony denota o arrependimento de seus atos e a dor por estar perdendo Rami e as outras mulheres. Mesmo admitindo que sua esposa possa vir a ter outro homem, outro amor, Tony diz que ficará marcado para sempre na vida de Rami, mas não pela felicidade e sim pela dor e pelo tempo que ela perdeu amando-o e tentando resgatar seu casamento, que há muito tempo já havia desmoronado.

Tony assume seu erro, ao dizer:

- Fiz do amor um jogo suicida e os vossos choros me perseguem como fantasmas. Ter muitas mulheres não é ser macho, é ser pasto [...]
- Vocês todas juntas são leões soltas na arena. Derrubaram-me Rami. Acabaram comigo. (CHIZIANE, 2004, p. 331).

Rami, ao ver o sofrimento do marido, profere o seguinte discurso:

- Ah meu Tony, não podes sofrer assim. Tu és apenas um palco, onde o teatro da vida corre. És uma praça onde desfilam tradições, culturas, princípios, tiranias. A poligamia é um sistema com filosofia de harmonia. Uma mulher parte para o lar, sabendo que não será a única. Assinaste uma lei contrária aos teus desejos. Entraste neste sistema desconhecendo as normas, traindo-me a mim e a todas as outras. (CHIZIANE, 2004, p.331).

Com essas palavras, Rami, mesmo utilizando o pronome possessivo “meu” para se referir a Tony, mostra que ele foi cruel com ela e com todas as outras mulheres, pois eles haviam se casado no regime monogâmico. Mostra toda sua dor por ter sido traída.

Rami mostra a realidade atual da família polígama de Tony que se desfez, as amantes alçaram o voo e cada uma seguiu seu caminho, restando para o marido infiel buscar alento em sua primeira esposa, mas esta diz:

Ruínas de uma família. A Lu, a desejada, partiu para os braços de outro com véu e grinalda. A Ju, a enganada, está loucamente apaixonada por um velho português cheio de dinheiro. A Saly, a apetecida, enfeitiçou o padre italiano que até deixou a batina só por amor a ela. A Mauá, a amada, ama outro alguém. Só fiquei eu, a rainha, a principal para lhe salvar a honra de macho. Todas elas vieram e pousaram no meu tecto, uma a uma, como aves de rapina. Agora levantaram voo uma atrás da outra. [...] Agora está à beira do abismo. Treme, pede socorro. Tenho nas mãos a fórmula mágica. Dizer sim e resgatá-lo. Dizer não e perdê-lo. Mas eu o perdi muito antes de o encontrar. Ignorou-me muito antes de me conhecer (CHIZIANE, 2004, p. 332).

Observamos que Tony está totalmente nas mãos de Rami, sua vida está para ser decidida pela mulher que tanto o amou, que tanto lutou pelo seu amor, mas que foi humilhada, maltratada e ignorada durante a vida toda.

Tony pede para que Rami o salve, mas ela diz que não pode salvá-lo: “Não te posso salvar. Tento salvar-te mas não consigo, não tenho força, sou fraca, não existo, sou mulher. Os homens é quem salvam as mulheres e não o contrário.” (Chiziane, 2004 ,p. 331).

Percebemos que Rami utiliza o discurso que a iguala a todas as outras mulheres, um discurso social, no qual as outras vozes estão presentes, dizendo que as mulheres são fracas e não têm como salvar os homens. Fica clara a ironia de que salvá-lo seria o mesmo que destruir a vida dela.

Nesse momento, o filho mexe-se em seu ventre. Tony desesperado pede para que Rami confirme que o filho é seu, mas ela dá a cartada final e diz: “O filho é do Levy!” (Chiziane, 2004, p. 333).

Tony parte desconsolado por perder todas as mulheres, principalmente, a sua Rami, que ele acreditava que nunca iria deixá-lo. Rami mostrou ser uma mulher destemida e audaz, que não se deixou abater pelas adversidades e destacou-se entre as demais mulheres de sua sociedade.

Compreendemos que Rami é a representação de uma mulher que acreditava no amor verdadeiro, na felicidade eterna entre os cônjuges, entretanto, sua vida não tomou o curso do “felizes para sempre”: Tony rompeu o contrato de ser fiel e de fazer sua mulher feliz todos os dias de sua vida. Tony se direcionou para uma poligamia clandestina e tirana, maltratando sua esposa, seus filhos e todas as mulheres que ele manteve dentro de um hexágono amoroso.

Observamos que o contexto sócio-histórico e cultural e a posição do sujeito são fatores preponderantes na produção discursiva, a que o sujeito discursivo, neste caso, a mulher, não dispõe de liberdade para produzir seu discurso, visto que as ideologias e as convenções repassadas pela sociedade fazem com que ela seja submissa aos homens e às normas.

Entretanto, percebemos que a personagem Rami mesmo não tendo as convenções sociais ao seu lado, produz discursos que legitimam sua audácia e determinação para virar o jogo contra seu marido Tony e conseguir sua liberdade.

Outro fator que contribui para a submissão feminina em face à masculina são as misturas culturais, das tribos já existentes com povos colonizadores, nos países que sofreram dominação (no caso de Moçambique, portuguesa). Segundo Fale/Andrade in Cabaço (2007, p. 286), “Nunca houve, nos países tropicais sob dominação portuguesa, muito menos em África, um ato de casamento de duas culturas, um contato que seria, de resto, desejável, mas sim uma relação de cultura dominantes, culturas dominadas”.

Nessa perspectiva, não existe junção entre as culturas dos povos que são dominados e os dominadores, por isso há muitas crenças, tradições e costumes bastante distintos em um mesmo território. Vemos isso claramente

na obra em questão, quando são relatadas as tradições do norte e do sul de Moçambique, tão divergentes.

Entretanto, observamos que mesmo diante de espaços e tradições distintas, principalmente em relação à liberdade feminina, que é regrada, há mulheres que lutam contra as regras tradicionais, conseguem quebrar preceitos e alcançar seus objetivos. Rami foi a representação de uma mulher forte, destemida, que lutou contra a cultura e contra a sociedade para conseguir sua independência.

3.0- TEREZA BATISTA E RAMI: O FEMININO EM JORGE AMADO E PAULINA CHIZIANE

A literatura, por seu caráter universal, oferece a possibilidade de criar e recriar a sociedade por meio de obras que mostram, com seus personagens, traços de uma época, culturas e costumes de um povo.

Assim, analisaremos o texto literário, especificamente focado para a representação do feminino nas obras *Tereza Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado, e *Niketché: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, fazendo um estudo comparativo entre a representação literária do discurso feminino das personagens centrais das obras, respectivamente, Tereza Batista e Rami.

Por meio da perspectiva comparatista, observaremos a trajetória das personagens Tereza Batista e Rami, procurando evidenciar como suas ações e seus discursos vão levá-las por caminhos diferentes e como irão direcioná-las a desfechos distintos, entretanto conseguidos por causa da audácia e da coragem que elas tiveram em enfrentarem o destino e não aceitar o que lhes foi apresentado.

Levamos em consideração que, em ambas as obras, as protagonistas não se conformam com a situação imposta pela sociedade e tentam, por meio de seus discursos, ações, comportamentos e atitudes, interferir nas suas realidades, buscando resgatar a dignidade e a liberdade. Observamos que, até o momento, pouco foram comparadas obras de escritores brasileiros com moçambicanos, em especial, de Jorge Amado e Paulina Chiziane.

Dessa forma, o trabalho será de relevante importância para a ligação entre as literaturas africana e brasileira, especificamente no que se refere à representação da figura feminina em culturas tão diferentes.

Brasil e Moçambique são países que foram colonizados e cujos povos se originaram da união de várias raças. Ambos são países miscigenados e convivem com várias culturas em espaços fronteiriços, nos quais a cultura ocidental trazida e ditada pelos colonizadores entra em choque com as culturas locais já existentes. Esse fato gera confusão e desconforto para os habitantes

que são obrigados a conviver e assimilar todas as culturas, principalmente a determinada pelo colonizador que, por muito tempo, fora a principal.

Investigaremos como esses países periféricos tentam reconstruir suas bases indo contra o discurso hegemônico difundido pelo colonizador. Notadamente, evidenciaremos como as obras literárias tratam a mulher, como tais autores de países e ideologias distintas, mas, ao mesmo tempo, idênticas, por serem países em busca de reconhecimento mundial, representam a mulher nas obras em questão, e como a literatura pode criar um elo entre os países em pauta.

Nesse sentido, visamos a estabelecer um diálogo entre as literaturas de língua portuguesa não centradas nos discursos hegemônicos do ocidente, buscando comparar as duas obras literárias, tentando desmitificar os estereótipos produzidos ao longo do tempo nesses países.

Como a escritora Paulina Chiziane é um nome que vem se destacando na literatura moçambicana, principalmente no que diz respeito às novas tendências literárias pós-coloniais, faremos um breve relato sobre a sua condição dentro do contexto sócio-histórico de Moçambique, bem como da história literária em Moçambique.

Nos 500 anos em que pertenceu a Portugal, Moçambique reproduziu em suas obras literárias o mesmo padrão ocidental pautado nas ideologias vindas da metrópole europeia. A partir de 1930, a literatura escrita na África começou a se desenvolver – até então, a literatura oral predominava, pois a maioria da população era analfabeta e arte da oralidade ia sendo repassada de pai para filho.

Com o desenvolvimento da educação, a literatura escrita começou a ganhar espaço, como cita Mazrui:

O período transcorrido desde os anos 1930 e, incontestavelmente, aquele que conheceu o mais notável impulso da literatura escrita na África. O desenvolvimento da educação e a expansão da alfabetização, bem como o sensível aumento numérico dos africanos aos quais se abriram as portas para os estudos universitários, este novo quadro criou um ambiente instruído em razão do qual emergiram novos escritores e constituiu-se um público crescente de *leitores* e potenciais *auditores* de literatura africana (MAZRUI, WONDJI, 2010, p.663).

Nesse contexto, a literatura escrita vem crescendo cada vez mais. Primeiramente, a poesia foi quem ganhou espaço nessa literatura. Podemos destacar dois escritores que foram primordiais para o desenvolvimento da literatura africana: o martinicano Aimé Césaire e o senegalês Léopold Sédar Senghor, que contribuíram para a criação basilar do movimento de negritude.

Esse movimento buscava a valorização da cultura negra, servindo de fundo ideológico para a propagação de movimentos que viriam a criar sustentáculos para reivindicar a liberdade dos povos africanos, o fim da colonização.

Logo, a literatura na África passa a ter um cunho social, que busca a liberdade e mostra a aflição de um povo que não aceita mais ser dominado e que precisa se desvencilhar de seu algoz. Em Moçambique, a condição dos escritores é a mesma evidenciada no contexto geral da África: o sonho da liberdade passa a ser parte intrínseca dos literários. Esses artistas desejam um futuro melhor para seu povo e passam a abordar em suas obras seus anseios de verem seu país livre da colonização.

Em 1962, houve a união dos dois partidos existentes em Moçambique para fortalecer o movimento de libertação como observamos:

Os primeiros partidos moçambicanos foram a União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), dirigida por Adelino Gwambe e criada em 1960, na cidade de Salisbury (Harare), e a União Nacionalista Africana de Moçambique (MANU), fundada em 1961, na cidade de Mombasa (Quênia), e liderada por C. Mahal. Em junho de 1962, estes dois partidos fundiram-se para formar a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), sob a direção do Doutor Eduardo Chivanbo Mondlane. Após o banimento do CNA e do PAC, na África do Sul e, da ZAPU e da ZANU, na Rodésia, a formação destes partidos e dos seus homólogos em Angola marcaram a passagem do nacionalismo, dito “ortodoxo”, em direção a movimentos de libertação, nos quais a luta armada foi substituída pela ação militante (MAZRUI, WONDJI, 2010, p.315, 316).

Observamos que a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) obteve um importante papel que no que diz a libertação de Moçambique, vale ressaltar que a escritora Paulina Chiziane participou ativamente desse movimento em prol da libertação de seu país.

Logo após a libertação, que aconteceu em 1975, os escritores africanos, especificamente os moçambicanos, passaram a buscar uma identidade

nacional. Primeiramente, com a ruptura de Portugal, o país procurou se desligar da colônia e negar tudo o que lhes fora imposto durante os 500 anos de colonização. Mas, como isso era um desejo utópico, devido às circunstâncias reais da sociedade, buscou-se a originalidade por meio do resgate da cultura oral que, hoje em dia, está quase erradicada.

Os romances atuais, inclusive os de Paulina Chiziane, têm muita ligação com a literatura oral desenvolvida pelos povos autóctones de Moçambique e da África. Logo, a literatura volveu-se para outro viés que não o da militância política e social engajada na busca da libertação. Mia Couto, em 1983, foi o primeiro autor moçambicano que inseriu em seus contos novas temáticas, como a preocupação e as aflições do sujeito que agora, livre, está dividido entre o passado e o presente, entre a tradição e a modernidade.

Dessa forma, “A procura da moçambicanidade não consiste mais em negar as influências europeias, mas em interpretá-las, adaptá-las e transformá-las dum modo criativo” (Afonso, 2004, p. 78). Nesse sentido, a busca da identidade de Moçambique não tem como se desvencilhar dos anos de colonização, contudo, há de se construir uma identidade introduzindo na língua portuguesa palavras da língua chope e provérbios.

Observamos que a identidade de um país descolonizado não pode ser criada de maneira rápida, visto que a população necessita de certo tempo para se adaptar aos novos padrões de vida e, conseqüentemente, agregar novos valores. Essa adaptação ao novo traz aos indivíduos a problematização da dúvida, a insegurança. Por estarem situados num território de transição, sentem-se confusos e procuram a todo instante firmar-se e afirmar-se na sociedade.

A escrita de Paulina Chiziane, notadamente na obra em foco, mostra que a sociedade de Moçambique está dividida entre a vida moderna e a tradição, além disso, divide-se entre manter os costumes autóctones e os que surgiram no decorrer do tempo com os colonizadores que difundiram costumes do islamismo e, principalmente, do cristianismo.

Sobre isso, Paulina Chiziane se posiciona da seguinte maneira:

Em Moçambique temos dois mundos familiares distintos: por tradição, um mundo matriarcal no norte e um mundo patriarcal no sul. Contudo,

com a influência do islamismo no norte, este tornou-se patriarcal e poligâmico; e o sul, tradicionalmente poligâmico, viu essa prática ser proibida com o socialismo e contestada pelo catolicismo. Ora estes processos de mudança geram conflitos e tensões que perduram (GOMES in SZMIDT, 2010, p. 8).

Percebemos que houve uma mistura muito grande de culturas e tradições, a cultura do norte, matriarcal, passa a ser patriarcal e poligâmica e a do sul, que era patriarcal e poligâmica, passa a ser monogâmica, pautada nos valores do cristianismo. Dessa forma, os indivíduos ficam perdidos e confusos buscando uma identidade e tentando seguir preceitos que foram mudados radicalmente.

Na obra *Niketche: uma história de poligamia*, Paulina Chiziane deixa clara a insatisfação feminina em detrimento da poligamia, especialmente a que se desenvolve no enredo do romance, no qual a condição social é o fator preponderante para que a personagem Tony exerça uma poligamia clandestina e fuja da responsabilidade da fidelidade e do amor eterno para com sua esposa Rami.

Temáticas também abordadas na obra e que evidenciam a conduta machista e patriarcal referem-se aos ritos e costumes dos quais as mulheres participam no decorrer de suas vidas, a citar: Niketche é uma dança macua chamada de dança do amor. Este trecho contém informações sobre essa dança: “- uma dança do amor que as raparigas recém-iniciadas executam aos olhos do mundo, para afirmar: somos mulheres. Maduras como frutas. Estamos prontas pra vida!” (Chiziane, 2004, p. 160).

Outro costume apresentado na obra é o lobolo, um dote dado à mulher e aos filhos numa cerimônia formal, para legitimar a família. Tudo é notificado em papel almaço com timbre e datilografado para que não haja refutação dos dados.

O kutchinga, mais uma tradição citada no romance, é um ritual de purificação sexual para as viúvas. A mulher que perde o marido tem que passar por esse ritual, que consiste em raspar a cabeça da viúva, deixá-la sem nenhuma ornamentação e fazê-la pertencer a um dos irmãos do marido, para que esta não fique desamparada socialmente.

Tais rituais mostram como as mulheres são tratadas na sociedade moçambicana, que ainda não se desvencilhou de ideologias ancestrais que não condizem mais com a realidade da maioria dos países de tradição cristã.

Logo, percebemos que, dentre todos os aspectos abordados na obra em questão, a poligamia clandestina de Tony torna-se o pivô de toda narrativa. A própria autora, em uma de suas entrevistas, mostra sua opinião sobre tal regime:

Numa situação de poligamia, os filhos têm todos um lar, têm todos um pai, uma mãe, não são filhos desamparados – o que já não acontece nos dias de hoje. Bem, a sociedade moçambicana actual vem da poligamia e os homens ainda não estão habituados à ideia da monogamia. Então, oficialmente, para todo o mundo ver, são casados com uma mulher, mas têm sempre duas, três, quatro, e vão fazendo filhos por aí. (...) Os filhos estão por aí, perdidos, não conhecem o pai, não têm ligações com a família, enfim, não têm aquele afecto à comunidade. Ficam um bocadinho sem a tal identidade – o que numa família tradicional não acontece (FONSECA, 2002, in SZMIDT, 2010, p. 9).

Nesse sentido, a autora posiciona-se contra a poligamia da forma como esta vem sendo exercida em Moçambique, deixando as mulheres e os filhos sem ter o convívio familiar, que lhes é de direito. Os filhos dessas relações conflituosas muitas vezes permanecem em dilemas existenciais, sem encontrar a tão buscada identidade, sem referência de sua origem e de sua história.

Dessa forma, podemos entender que a escritora Paulina Chiziane enquadra-se no contexto dos escritores pós-coloniais que ainda estão construindo o processo de identidade de Moçambique. Em suas narrativas, por ser mulher, ela tenta, por meio de sua literatura, falar sobre a mulher, conversando com mulheres e buscando a valorização para o gênero feminino num país em que o homem tem poder soberano.

Para compreender melhor as obras, achamos por bem observar a relação autor/narrador, por se tratar de dois autores de sexos, países e ideologias diferentes. Em *Tereza Batista* temos um autor brasileiro, do sexo masculino, engajado em causas sociais e ligado à ideologia patriarcal que retrata a mulher pelo ponto de vista masculino. Já em *Niketche*, encontramos uma autora moçambicana, do sexo feminino, que participou efetivamente do grupo que ajudou na emancipação política e social do seu país, criando uma

personagem que vai enfrentar muitos obstáculos para encontrar consigo mesma.

No tocante aos narradores das obras em questão, em *Tereza Batista cansada de guerra* encontramos um narrador “Eu” como testemunha.

Esse foco narrativo caracteriza um narrador que narra de uma perspectiva menos exterior em relação ao fato narrado do que os anteriores. Faz uso da 1ª pessoa do discurso, mas ocupando uma posição secundária e/ou periférica em relação à história que narra. Isso, no entanto, não impede que possa “observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil” (FRIEDMAN, 1955 *apud* LEITE, 1985, p. 37). Seu ângulo de visão, entretanto, é necessariamente limitado. Por situar-se na periferia dos acontecimentos, esse narrador tem de restringir-se à sua condição de testemunha, ou seja, não sabe de fato senão aquilo que presenciou, limitando-se a fazer suposições, inferências, deduções etc. daquilo que lhe escapa. Pode utilizar tanto a cena como o sumário (FRANCO JUNIOR, in BONNICI *et al*, 2003, p.42).

Já na obra *Niketche: uma história de poligamia*, temos o narrador protagonista, visto que a história é apresentada por Rami, a personagem central. Como cita Arnaldo Franco Júnior, in Bonnici *et al* (2003, p. 42):

Esse foco narrativo caracteriza um narrador que narra necessariamente em primeira 1ª pessoa, limitando-se ao registro de seus pensamentos, percepções e sentimentos. Narra, portanto, de um centro fixo, vinculado necessariamente à sua própria existência, já que, como o próprio nome diz, é o protagonista da história narrada. Pode-se valer-se tanto da cena como do sumário, aproximando ou distanciando o leitor da história narrada;

Nesse sentido, o narrador em 1ª pessoa mostra a obra a partir do seu ponto de vista, apresentando seus sentimentos e emoções de acordo com sua sensibilidade, como é o caso da protagonista Rami, que narra sua história relatando sua vivência baseada em suas conjecturas.

Observamos que os dois autores pertencem a culturas e países diferentes, mas com uma marca em comum: destinaram-se a produzir uma literatura feminina. Como se trata de analisar a representação de perfis femininos através da literatura, várias possibilidades são aceitáveis e podem auxiliar no julgamento de como a mulher é vista e tratada na sociedade de acordo com tempo e a cultura. Podemos observar como cada momento cria e recria a figura feminina ao longo dos tempos na literatura.

A relação de poder entre homens e mulheres sempre foi um motor que impulsionou muitas discussões e militâncias, principalmente por parte das mulheres que, durante muito tempo, não tinham direito de usufruir da sua liberdade como cidadãs, para desenvolverem suas habilidades no mundo social e profissional, pois suas capacidades eram designadas apenas para o ambiente doméstico e familiar.

Entretanto, as mulheres não se conformaram com tal situação e reivindicaram seus direitos em militâncias e, aos poucos, foram conquistando espaço e reconhecimento na esfera social.

Assim, as discussões de poder permeiam as relações entre homens e mulheres, como cita Zolin, in Bonnici *et al* (2003, p. 162):

Estudos acerca de textos literários canônicos mostram inquestionáveis correspondências entre sexo e poder: as relações de poder entre casais espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral: a esfera privada acaba sendo uma extensão da esfera pública. Ambas são construídas sobre os alicerces da política, baseados nas relações de poder.

Como podemos observar, as relações de poder entre homem e mulher são marcadas pela relação de poder entre os casais. Nas obras em questão veremos como as protagonistas tentam sair dessa situação de dominação masculina e de que forma cada personagem vai enveredar para um desfecho satisfatório para ambas.

É de suma importância relatar a definição de representação, já que focamos a representação literária do discurso feminino, torna-se fundamental esclarecer esse conceito. Em sentido geral, representação constitui:

Despir um objeto do que lhe é acessório e conservar o que é essencial, de modo que ele possa corresponder a todos os objetos daquele tipo [...] toda representação passa por uma subjetividade; alguém determina o que é essencial e deve ser preservado e o que é acessório e pode ser descartado. Em uma sociedade em que a experiência masculina é valorizada e a experiência feminina é trivializada, o traço essencial a qualquer representação vai se prender à experiência masculina (SCHWANTES, 2006, p. 11).

Dessa forma, a representação passa por um viés de subjetividade e, levando em consideração que nas sociedades brasileira e moçambicana a

visão masculina é supervalorizada em detrimento a feminina, observamos que a representação do feminino fica à mercê da masculina.

Entretanto, com o crescimento da literatura de autoria feminina, a situação começou a mudar, visto que, como afirma Zolin, in Bonnici *et al* (2003, p.165):

[...] personagens femininas tradicionalmente construídas como submissas, dependentes, econômica e psicologicamente do homem, reduplicando o estereótipo patriarcal, passam, paulatinamente, a ser engendradas como sendo conscientes de sua condição de inferioridade e como capazes de empreender mudanças em relação a esse estado de objetificação. Ou, de outro lado, passam a ser inseridas em contextos que, de alguma forma, trazem à tona baila discussões acerca dessa problemática.

Logo, a escrita feminina sofreu muitas críticas por buscar novas perspectivas para abordar o papel da mulher na sociedade. Para Virgínia Woolf, a mulher precisa ter condições para escrever, ou seja, uma situação econômica que não a deixe subjugada ao poderio masculino. Essa autora afirma:

Para a maioria delas, ter um quarto próprio estava fora de questão; o mais comum era dividir conjugados de sala e quarto com toda família. O dinheiro para os “alfinetes” dependia da boa vontade do pai e mal dava para mantê-las vestidas. A não ser que se tratasse de filha de pais muito ricos ou muito nobres- raras exceções (WOOLF, in BONICCI *et al*, 2003, p. 166).

Percebemos que as condições femininas para a criação literária nos séculos anteriores ao XXI eram bastante adversas, pois as conjunturas social e econômica não lhes davam oportunidades para tal fato. Entretanto, muitas mulheres conseguiram escrever seus poemas e romances, mesmo em meio a tantas adversidades.

Hoje, no início do século XXI, a produção literária feminina tem crescido gradativamente, principalmente em países emergentes do 3º mundo. Uma prova disso são as escritoras dos países africanos, que há muito pouco tempo conseguiram sua liberdade política e social.

A escritora moçambicana Paulina Chiziane (2002), autora de uma das obras em questão, relata em uma entrevista o que é ser mulher e escritora num país que está iniciando sua criação literária:

Ser mulher é muito complicado, e ser escritora é uma ousadia. Como é uma ousadia a mulher sair de madrugada ir a praia comprar peixe para vir cozinhar. A mulher está circuns-crita num espaço e quando salta essa fronteira sofre represálias, há quem não as sinte de uma forma directa, mas a grande maioria... (MODERAZINDO, 2002, p.1).

Percebemos nas palavras de Paulina Chiziane que ainda hoje a mulher enfrenta dificuldades para escrever em Moçambique, pois a visão machista repassada pela cultura patriarcal, de que o lugar da mulher é na cozinha e cuidando dos filhos, ainda está no subconsciente das pessoas.

Nesse sentido, a mulher ainda precisa superar o estereótipo criado e convencionado durante muitos séculos e mostrar que é capaz de escrever e de revelar suas aptidões artísticas, criando personagens femininas, vistas e vivenciadas pela ótica da mulher.

Assim, as escritoras indicam uma visão diferente da difundida por personagens femininas criadas por homens, como afirmam Branco & Brandão (2004, p. 11): “A personagem Feminina, construída e produzida no registro masculino, não coincide com a mulher [...] É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiado que a ficção torna possível”.

Dessa forma, embora as autoras mencionadas mostrem uma visão geral sobre o feminino, suas considerações são importantes para, a partir destas, pensarmos a literatura feminina por um prisma que não seja o masculino. Nesse sentido, é que buscaremos comparar as trajetórias das personagens Tereza Batista e Rami, buscando desviar o olhar pré-estabelecido pela ótica masculina.

Levando em consideração que a criação literária parte de um ser social para a sociedade, Benjamin Abdala Júnior (2007, p. 44,45) afirma:

Ninguém cria do nada. Há a matéria da tradição literária que o escritor absorve e metamorfoseia nos processos endoculturativos, desde a apreensão “mais espontânea” dos pequenos “causos” populares, ditos populares, canções etc., da chamada oralitura (“literatura” oral) até os textos “mais auto-reflexivos” da literatura erudita. Ocorre, nesse sentido, uma apropriação “natural” das articulações literárias sem que o próprio futuro escritor se aperceba de sua situação de *ser social* e de “porta voz” de um patrimônio cultural coletivo.

Logo, o escritor cria sua obra através dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida em sociedade, sendo capaz de, com sua literatura, penetrar na alma e nos sentimentos de quem a lê, muitas vezes abordando, com suas personagens, fatos e situações que refletem a vida das pessoas em geral.

Para Antônio Cândido (2010, p. 31), o grau de criação artística varia de acordo com o aspecto considerado no processo que depende da posição social do artista, nos grupos receptores, na forma e conteúdo da obra e na transmissão futura como podemos observar tais aspectos:

Eles marcam, em todo caso, os quatro momentos da produção, pois:
a) o artista sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões de sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.

Dessa forma, o processo de criação se dá também por meio de fatores sociais e pessoais aos quais o escritor está ligado e por meio da escolha de temas que vão gerar discussões no meio em que a obra for apresentada.

Como a análise tem uma abordagem comparatista, recorreremos a Boniatti (2000, p. 31, 32) para explicitar melhor:

A comparação pode ser vista como um meio, como um recurso de análise e interpretação que, por seu caráter diacrônico, permite que se investiguem contextos culturais e literários variados, complexos e representativos de diferentes culturas. Essas realizações do fazer literário permitem avançar na compreensão dos princípios gerais comparatistas e processos de assimilação de culturas, suas absorções e transformações.

Levando em consideração que o foco da nossa abordagem está na comparação de literaturas de países que se encontram fora do eixo eurocêntrico, principalmente Moçambique, que há pouco tempo iniciou seu período de exportação de sua matéria literária, consideramos as palavras de Eduardo Coutinho (1996, p.69, 70):

O desvio do olhar operado no seio do comparatismo, como resultado da consciência do teor etnocêntrico que o dominara em fases anteriores, emprestou novo alento à disciplina, que atingiu enorme efervescência justamente naqueles locais até então situados à margem e agora tornados postos fundamentais no debate internacional. Nesses locais, onde não há nenhum senso de incompatibilidade entre Literaturas Nacionais e Literatura Comparada,

o modelo eurocêntrico até então tido como referência, vem sendo cada vez mais postos em xeque, e os paradigmas tradicionais cedem lugar a construções alternativas ricas e flexíveis, cuja principal preocupação reside na articulação da percepção dos produtos culturais locais em relação com os produtos de outras culturas, máxime daquelas com que a primeira havia mantido vínculos de subordinação.

Nesse sentido, iremos comparar as trajetórias das personagens que se desviam do padrão eurocêntrico, observando seus discursos, ações e comportamentos e seguindo o pressuposto de que as protagonistas constroem e desconstroem o mito do amor romântico ao logo de cada enredo.

3.1- Tereza Batista e Niketche: a representação do feminino em trajetórias marcadas pelo sofrimento

Os romances *Tereza Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado, e *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, narram as trajetórias de duas mulheres que pertencem a sociedades distintas, mas que têm como marca a valorização do masculino em detrimento do feminino.

Observamos que, na trajetória das protagonistas Tereza Batista e Rami, o sofrimento é um fator que une as personagens, impulsionando-as a enfrentar os obstáculos impostos pela sociedade para, assim, encontrarem a felicidade.

Tereza Batista, personagem criada por Jorge Amado, é brasileira, nordestina, e é no sertão nordestino, entre a Bahia e Sergipe, que se desenvolve o enredo do romance. Nesse local, a protagonista passa por inúmeros sofrimentos desde a orfandade, com a morte de seus pais em um acidente de marinete, sendo vendida por sua tia ao capitão Justiniano, que a maltratou fisicamente, até a prostituição nos cabarés, para então encontrar seu grande amor e culminar no final feliz com Januário Gereba.

O título da obra é enfático: *Tereza Batista cansada de guerra* mostra que a protagonista, a própria Tereza Batista, está cansada das lutas e batalhas enfrentadas no decorrer de sua vida.

Nesse sentido, percebemos que Tereza Batista traz a marca do sofrimento, da audácia e da determinação. No enredo, em muitos momentos, ela sofre violência física, principalmente quando esteve na presença do capitão

Justiniano Duarte da Rosa, no momento em que o capitão tenta tirar a virgindade de Tereza:

[...] Deita, diabo! Deita, antes que eu te arrebente. Arde o capitão em desejo, a resistência serviu para acender-lhe o apetite. Deita! Em lugar de obedecer, a desinfeliz tenta atingi-lo outra vez, o capitão recua. Corna desgraçada, tu vai ver! O soco ressoa no peito, beija-lhe o pescoço, o rosto, tenta alcançar a boca. Para ajeitá-la melhor, afrouxa o braço, Tereza rodopia, escapa, mete as unhas na cara gorda em sua frente, ah! por pouco não cega o bravo capitão. Quem está com medo, Sr. Capitão? Nos olhos de Tereza apenas ódio, mais nada (AMADO, 2001, p. 116).

No trecho acima, percebemos o embate entre Tereza e o capitão. A jovem menina conheceu o sofrimento muito cedo, sozinha no mundo, sentindo a dor de ter sido rejeitada pela própria tia e vendida a um carrasco que só queria usá-la para saciar seus desejos. Entretanto, mesmo em meio ao um ambiente adverso, Tereza revida, a cada soco recebido a menina busca forças para afrontar seu algoz.

Apesar de lutar bravamente, Tereza não conseguiu sair da situação de inferioridade e, após ter seus pés queimados por um ferro de brasa, a menina finalmente se rende ao capitão. A partir do momento em que é dominada, a protagonista passa a ser manipulada por Justiniano, que a coloca para morar em sua casa para ser sua amásia, mas é tratada como se fosse uma das empregadas, tendo que fazer os serviços domésticos e servir ao capitão como uma escrava, sem receber nenhum carinho.

Nem uma palavra de carinho, uma sombra de ternura, um agrado, uma carícia – apenas maior assiduidade, furor de posse. Acontecia-lhe nas horas mais extravagantes, fazer um sinal a Tereza – para a cama, depressa! -, suspender-lhe a saia, despejar-se, inadiável necessidade, mandá-la de volta ao trabalho (AMADO, 2001, p. 126).

Tereza Batista é obrigada a viver como se não tivesse vida própria, a satisfazer os desejos do capitão, como se não sentisse necessidade de carinho, atenção e amor. Sua rotina é trabalhar e cumprir os desejos do capitão como se fosse um objeto, um brinquedo que Justiniano usa para se saciar e depois joga fora.

Observamos como se dava essa relação em que a mulher, no caso, Tereza não é tratada com o mínimo de consideração que o ser humano precisa

para ter uma vida digna. Com esse tratamento Tereza sobrevive com amargura e dor, pois sente nojo toda vez que o capitão a leva para cama, pois a única intenção do capitão é mostrar sua virilidade afirmando sua masculinidade e seu poderio.

Tereza não nutria nenhum sentimento pelo capitão além do medo que nela ele imprimira, para fazê-la obedecer a todas as suas ordens:

Já os sentimentos de Tereza Batista não exigiam – nem mereceram – debates e análises, reduzidos exclusivamente ao medo.

De início, enquanto resistiu e se opôs com desespero, viveu e se fez forte no ódio ao capitão. Depois, apenas medo, mais nada. Durante o tempo em que habitou com Justiniano, Tereza Batista foi escrava submissa, no trabalho e na cama, atenta e diligente. Para o trabalho não aguardava ordens; ativa, rápida, cuidadosa, incansável, encarregada dos serviços mais sujos e pesados, a limpeza da casa, a roupa a lavar, a engomar, na labuta o dia inteiro (AMADO, 2001, p. 129, 130).

A protagonista era tratada como se fosse uma escrava dos serviços e ainda obrigada a satisfazê-lo na cama. Percebemos que os sentimentos de Tereza foram postos fora de análise, visto que a única coisa que a fazia permanecer cativa e submissa era o medo imposto pelo capitão com tanta violência.

Percebemos que Tereza Batista não tinha vez, nem voz. Suas vontades, seus desejos, eram sufocados pela ambição do capitão. E, apesar de desempenhar todo o trabalho pesado da luta diária da casa de Justiniano, como lavar, passar, engomar e cuidar da limpeza da casa, a amásia era ainda mais humilhada, sendo forçada a lavar os pés de Justiniano e a beijá-los como em um ato de adoração ao seu senhor.

Após o jantar, estando ele presente, trazia-lhe a bacia com água morna para os pés e os lavava com sabonete. [...] Para Tereza era tarefa insegura e arriscada; mil vezes preferível tratar a chaga fétida de Guga. Por lembrar-se de Dóris ou apenas de malvadez, às vezes o capitão empurrava-lhe o pé, derrubando-a no chão: por que não beija, não faz um agrado, peste? Outras melhores fizeram. Mandava-lhe o pé na cara: orgulhosa de merda! Empurrões e pontapés desnecessários, de pura ruindade; bastava o capitão mandar, Tereza engolia orgulho e repugnância, lambia-lhe os pés e o resto (AMADO, 2001, p. 131).

Nesse trecho, vemos a triste realidade de Tereza Batista: uma jovem menina sozinha no mundo, entregue nas mãos de um carrasco que a tratava como se fosse um animal, que não tinha sentimento algum. O sofrimento era no corpo e na alma, visto que Tereza era tão humilhada e maltratada que diante da situação rendia-se e, submissa, atendia às ordens do capitão.

O capitão queria ser bem cuidado, receber carinho, afago, entretanto, tratava Tereza como se não tivesse coração e como se ela não precisasse de atenção e amor. Vemos aí uma contradição, ele sente necessidade de amor, carinho, atenção e, em troca disso, ele devolve dor, mágoa e humilhação.

Na visão do capitão, a mulher não precisa de carinho e amor, acreditava que fazer sua vontade era a obrigação de Tereza, pois ele era o dono dela e usava seu poder de dominador para calar a amásia e fazer valer sua vontade.

Só após assassinar o capitão Justiniano, Tereza consegue sair do jugo de seu algoz. Vai para a cadeia, sendo libertada por outro coronel que a quer para ser sua amante. Com o coronel Emiliano, Tereza é bem tratada, passa a servi-lo com amor e admiração. Entretanto, também sofre as agruras de sua condição de amante, visto que fica grávida e é obrigada a abortar seu tão desejado filho porque o coronel não queria filhos fora do casamento.

Após a morte de Emiliano Guedes, Tereza vai ser prostituta no cabaré Paris Alegre, onde, no meio de uma confusão, conhece Januário Gereba, um marinheiro que a ajuda a sair de uma briga no bordel. A partir desse momento, Tereza vai lutar de todas as formas para ficar com seu amor. Contudo, passa por vários sofrimentos antes de conseguir encontrá-lo e ficar de vez com Januário.

Observamos que, nesse breve panorama da trajetória de Tereza Batista, o sofrimento sempre esteve presente. Por ser mulher e pertencer a uma sociedade regida por ideologias patriarcais, Tereza sentiu todas as dores e os preconceitos quando exercia a profissão de prostituta.

Já na trajetória da protagonista Rami, do romance *Niketché; uma história de poligamia*, da autora moçambicana Paulina Chiziane, o sofrimento também se fez presente, não na forma de violência física, mas na ideológica.

Após vinte anos de casamento, ela descobre que seu marido tem outras cinco mulheres e muitos outros filhos, além dos seus.

A partir dessa descoberta, ela sai em busca de sua própria identidade, passando por vários tipos de situações que a fazem sofrer a dor de ter sido traída e abandonada pelo seu marido. Rami deixa claro sua dor em ser rejeitada pelo marido e vê também a situação de tantas outras mulheres que passam pela mesma circunstância que ela. No seguinte trecho, notamos a dor e a angústia que cercam sua vida:

Olho para todas elas. Mulheres cansadas, usadas. Mulheres belas, mulheres feias. Mulheres novas, mulheres velhas. Mulheres vencidas na batalha do amor. Vivas por fora e mortas por dentro, eternas habitantes das trevas. Mas porque se foram embora os nossos maridos, porque nos abandonam depois de muitos anos de convivência? Por que nos largam como trouxas, como fardos, para perseguir novas primaveras e novas paixões? Por que é que já na velhice, criam novos apetites? Quem disse aos velhos que a mulher madura não precisa de carinho? Oh, meu Tony? Queria tanto que estivesse presente. Traz-me de novo a primavera. Onde andas tu, que não me ouves? (CHIZIANE, 2004, p. 12, 13).

Percebemos a profundidade do sofrimento de Rami tão bem expresso nas palavras acima, quando ela pergunta onde está o seu marido, por que ele não a ouve e não percebe que ela precisa de amor e de carinho. Com essa reflexão, Rami mostra uma visão machista da sociedade de que os homens, quando ficam velhos, saem em busca de mulheres mais novas e abandonam as suas que já estão mais experientes, banalizando, assim, o amor, que é um sentimento eterno.

Nas palavras de Tony, as ideologias machistas são reafirmadas, mostrando que a mulher é dependente dos conceitos sociais, das regras e da boa educação e que os homens são livres para fazerem o que bem entendem de suas vidas, sem o menor respeito aos sentimentos de suas mulheres:

- Traição é crime, Tony!
- Traição? Não me faça rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami. (CHIZIANE, 2004, p.29).

Observamos, nas palavras de Tony, todo o sarcasmo com que ele trata sua mulher. Ele é irônico e mostra claramente, sem dó nem piedade, que as

mulheres são inferiores aos homens, que ele tem o direito de fazer o que bem entender da vida, ter quantas mulheres quiser e a Rami só resta a alternativa de aceitar essa condição que é ditada pela sociedade.

Após perceber a cruel realidade em que se encontra, sendo vítima do desprezo de seu marido, Rami finge que aceita seu dilema e desabafa: “Ele não me escuta, ronca. Consegue dormir feliz e deixar-me nesse dilema. Sacana! Desgraçado! Insensível! Tirano! Saio da cama e me sento no sofá só para observá-lo. Sorri. Sonha” (Chiziane, 2004, p.29).

Toda a luta de Rami para tentar chamar a atenção de Tony é inútil, pois para ele a vida continua do mesmo jeito, ele irá sempre em busca de novas aventuras, de outras mulheres, e o sofrimento de Rami é insignificante em sua vida.

Rami casou-se com Tony no regime monogâmico, e, em Moçambique, onde os dois vivem, a poligamia é uma prática realizada em uma parte do país como resquício da influência árabe que dominou a região por algum tempo. Entretanto, a poligamia exige regras a se cumprir, e todos os envolvidos, homem e mulheres, conhecem-se mutuamente, dão e recebem consentimento para a realização de todas as uniões conjugais.

A tristeza e a falta de amor levam Rami a procurar soluções para seu destino e ela relata que sua vida:

É um rio morto. No meu rio as águas pararam no tempo e aguardam que o destino traga a força do vento. No meu rio, os antepassados não dançam batuques nas noites de lua. Sou um rio sem alma, não sei se a perdi e nem sei se alguma vez tive uma. Sou um ser perdido, encerrado na solidão mortal (CHIZIANE, 2004, p.18).

Rami mostra sua fragilidade diante da situação e assume que não sabe se perdeu sua alma ou se alguma vez já a teve consigo, pois tudo que ela acreditava se desfez em fração de segundos, no momento em que descobriu que seu casamento estava desmoronando, que seu marido tinha outras mulheres e que a vida que sempre teve tentando agradar e satisfazer Tony não teria mais sentido, já que ele não estava mais presente em seu lar.

Entendemos que, a partir do sofrimento sentido ao descobrir que sua vida ao lado de Tony fora destruída pelos relacionamentos extraconjugais

mantidos pelo marido, Rami decide buscar sua identidade já perdida no tempo, deixada de lado para assumir os papéis de esposa e mãe.

Dessa forma, compreendemos que, na vida das personagens Tereza Batista e Rami, o sofrimento foi um obstáculo que se fez presente em suas trajetórias, entretanto, não foi motivo forte o suficiente para impedir que essas mulheres desistissem de seguir suas vidas e buscar melhorias para seu bem estar, apesar da dor, da angústia e dos preconceitos suportados.

Logo percebemos que, mesmo se tratando de culturas distintas, a mulher sofre preconceitos e muitos deles se dão pela imposição ideológica patriarcal ainda presente na sociedade. Em Moçambique, observamos a poligamia e a monogamia na seguinte narrativa:

Poligamia é o destino de tantas mulheres neste mundo desde os tempos sem memória. Conheço um povo sem poligamia: o povo macua. Este povo deixou as suas raízes e apogalimou-se por influência da religião. Islamizou-se. Os homens deste povo aproveitaram a ocasião e converteram-se de imediato. Porque poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar. Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristalizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. Tinha o poder e renunciou. A prática mostrou que com uma poligamia tipo ilegal, informal sem cumprir os devidos mandamentos. Um dia dizem não aos costumes, sim ao cristianismo e à lei. No momento seguinte, dizem não onde disseram sim, ou sim onde disseram não (CHIZIANE, 2004, p.92).

Percebemos que, em Moçambique, devido à colonização de parte do país pelos povos árabes, a poligamia foi aceita no norte como regime democrático para o casamento, e no sul, estabeleceu-se o regime monogâmico. Entretanto, o que acontece é, na verdade, a não aceitação das regras, pois, no caso de Rami, seu marido não poderia ter relacionamentos com outras mulheres e, mesmo assim, exercia uma poligamia clandestina.

Se em Moçambique temos essa divisão entre norte e sul, no Brasil o regime adotado é o monogâmico, entretanto, presenciamos vários casos de bigamia e até mesmo de poligamia clandestina – trata-se do chamado “jeitinho brasileiro”, da malandragem, de se ter uma regra, mas não cumpri-la, distanciando-se da norma.

No Brasil existem as regras, entretanto estas não são cumpridas, fazendo com que haja uma disparidade entre o que está nas leis e o que realmente é efetivado na sociedade. Nesse sentido fica claro que a regra é dissociada da prática e que, no Brasil, sempre há um “jeitinho” para que se possa burlar as leis e realizar atos ilícitos diante da sociedade, que finge que não vê e aceita tais comportamentos como sendo normais e autênticos.

Dessa forma, a mulher mais uma vez fica à mercê dessa sociedade que moralmente impõe regras, mas, na realidade, elas são infringidas constantemente sem que haja punição para os infratores e, como a mulher é considerada o sexo frágil e muitas vezes ainda dependente do homem, sofre as consequências desse sistema hipócrita e desumano.

Observando os contextos sociais em que se inserem as duas personagens, é simples entender como o sofrimento é parte integrante na vida das personagens, visto que ambas são ideologicamente instruídas para servir aos homens, para saciar a vontade dos homens, abdicando de seus sonhos e desejos. Essas personagens conseguiram vencer os obstáculos e encontrar a felicidade.

3.2- Tereza Batista e Rami: confronto entre discursos e culturas, construção e desconstrução do mito do amor romântico

Analisando as narrativas das obras em questão, percebemos que as protagonistas seguem trajetórias diferentes. Enquanto Tereza Batista passa por vários sofrimentos e agruras até encontrar o seu verdadeiro amor Januário Gereba, a protagonista Rami casa-se no regime monogâmico com Tony acreditando no amor e no casamento para a vida toda. Entretanto, ao descobrir a traição de seu marido, Rami começa uma luta entre sua razão e sua emoção e, em consequência disso, vai desconstruir o mito do amor romântico ao logo do enredo.

Partindo desse pressuposto, notamos que Tereza Batista, a partir do momento em que foi vendida, ainda criança, para o coronel Justiniano Duarte da Rosa, o curso de sua vida foi afetado pela imposição de um poder

dominante do qual ela não teve condições de se livrar sem levar marcas desse abuso ao longo da vida.

Não tendo condições de defender-se do capitão, teve que se tornar uma de suas amantes, mas, logo após matá-lo, sem ter estudado e sem ter quem a ajudasse, torna-se amante de outro coronel e, após a morte do desse segundo, vai exercer a profissão de prostituta em um cabaré.

Dessa forma, as características de Tereza Batista não condiziam com padrão de mulher exigido pela sociedade para ser uma boa esposa, mãe e mantenedora do lar. Já que, sendo prostituta, não teria como ser tomada como esposa de um homem, pois, por ter sido amante de vários amantes e exercido a profissão de prostituta, os homens, em geral, só a queriam para satisfazer seus desejos carnis.

Tereza, tendo sofrido bastante, não acreditava no amor, tanto que rejeitou muitos que a desejavam, até conhecer o marinheiro Januário Gereba. A mulata o amou desde o primeiro instante e, mesmo tendo de enfrentar muitas dificuldades, ela não desistiu de buscar sua felicidade.

Com Rami ocorre o oposto do que acontece com Tereza Batista, Rami é uma mulher casada, decente, que vive para o lar cuidando dos filhos e do marido. O perfil de Rami é o adotado pela sociedade para que uma mulher seja feliz. Entretanto, a protagonista se sente a mulher mais triste do mundo quando descobre que seu casamento está acabando por causa das traições de Tony.

Observamos que há um confronto entre o que a sociedade dita como padrão social e o que acontece na realidade. Dentro do contexto social no qual Rami está inserida, esperava-se que ela fosse feliz em seu casamento com Tony, mas houve uma ruptura por parte do marido, a fidelidade prometida no momento do enlace matrimonial foi esquecida e a mulher foi vítima das traições do marido, que transformam sua vida completamente.

Como a própria Rami diz: “Sou a mulher mais infeliz do mundo. Desde que ele subiu de posto para comandante da polícia e o dinheiro começou a encher as algibeiras, a infelicidade entrou nesta casa” (Chiziane, 2004, p. 14).

A partir do relato de Rami podemos entender que, logo após Tony ter conseguido uma promoção para comandante de polícia, a infelicidade passou a fazer parte de seu lar. Podemos destacar que a condição econômica dos

homens favorece a poligamia clandestina, no contexto da obra em questão, pois a maioria das mulheres que tiveram relacionamentos com Tony só permaneciam com ele porque este provia o sustento da casa e dos filhos e, muitas vezes, para não passar necessidade, destinavam-se a ser amantes de homens com dinheiro.

Podemos confirmar isso quando Rami se questiona sobre por que tantas mulheres querem manter relação com o mesmo homem, e ela cita as palavras de Luísa, a terceira amante de seu marido:

O que querem as mulheres, à volta de um só homem?
Todas tememos a solidão e por isso suportamos o insuportável. Dizem que as mulheres são muitas – as estatísticas e os próprios homens - e os homens poucos. Para dizer a verdade – parafraseando a Lu, a terceira -, há homens em quantidade suficiente. Homens com poder e dinheiro é que são poucos. Na história da nossa terra, mulher nenhuma morreu virgem por falta de homem. Para todas estas mulheres o Tony é emprego, fonte de rendimento (CHIZIANE, 2004, p. 67).

Dessa forma, o poder econômico foi um fator preponderante para que Tony tivesse condições de exercer sua poligamia clandestina com cinco mulheres, visto que, no ambiente social em que o enredo se desenvolve, a maioria dos homens é pobre e não tem condições de oferecer a vida que as mulheres sonham, com casa, comida, conforto, roupas etc.

Logo, os poucos homens que estão em situação econômica privilegiada, como Tony, detêm o poder de adquirir várias mulheres, indo contra as normas do casamento monogâmico, ao qual Tony se propôs no dia em que contraiu matrimônio com Rami.

Confirmamos tais fatos com as palavras de Rami:

[...] Aguentei com elas até onde pude, até que lhes disse: Isso acontece porque não trabalham. Em cada sol têm que mendigar uma migalha. Se cada uma de nós tivesse uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livres dessa situação. É humilhante para uma mulher adulta pedir dinheiro para sal e carvão (CHIZIANE, 2004, p. 117).

As mulheres de Tony eram totalmente dependentes do dinheiro dele para sobreviver, fator esse que as fizeram aceitar as humilhações e os

sofrimentos por não ter um marido presente, amoroso, em troca de comida e vestimenta para elas e seus filhos.

Percebemos também que, a partir do momento em cada uma começou a trabalhar e a ter sua própria renda, a situação de suas vidas começou a mudar, pois com dinheiro e, sem precisar de Tony, cada uma conquistou sua independência e se separou dele para viver sem humilhação e desrespeito.

Em contrapartida, observando o contexto social em que se desenvolve o enredo da obra *Tereza Batista cansada de guerra*, percebemos que o fator econômico também foi decisivo para afetar negativamente a vida de Tereza Batista, pois, no início do enredo, a protagonista foi objeto de uma transação econômica, vendida a um coronel como se fosse uma mercadoria.

No Brasil, notadamente no nordeste, onde se desenvolve o enredo da obra, era comum os coronéis fazerem esses tipos de transações, visto que a população era muito pobre e os pais, muitas vezes, eram obrigados a vender suas filhas para não vê-las morrendo de fome.

Por sua vez, os coronéis que detinham grande influência econômica e política, frequentemente exercidas por meio da violência, impunham o medo e o respeito a ferro e fogo, fazendo com que as pessoas os servissem sem questionar suas ordens e desejos.

Para Vitor Leal Nunes (2012, p. 44):

O “coronelismo” é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil.

Dessa forma, compreendemos que os coronéis tinham o apoio político para desenvolver suas atividades ilícitas com a aprovação dos governantes, visto que se aliavam aos coronéis para ganhar votos e obter êxito nas eleições. A população em geral não consegue sobressair-se aos desmandos desse sistema e se submete as suas ordens.

Observamos que as narrativas abordam contextos sociais e épocas diferentes, Brasil e Moçambique, respectivamente 1975 e 2004. Entretanto,

notamos que um fator preponderante que trouxe sofrimentos e tristezas para as protagonistas foi o dinheiro. Em Tereza Batista, a interferência do dinheiro começa com sua venda ao capitão, depois, a falta de dinheiro para manter-se a fez ingressar no mundo dos prostíbulos e da prostituição, transformando-a numa mulher fora do padrão social.

No que diz respeito à protagonista Rami, a falta de dinheiro para as esposas e amantes e a abundância para Tony o fizeram um homem apto a desenvolver suas traições e a perpetuar sua condição social e sua virilidade por meio das muitas mulheres e dos inúmeros filhos. Esse fato corroborou a extrema infelicidade de Rami, que queria seu marido em casa, cuidando dos filhos e dando-lhe amor e carinho, como prometeu no dia do casamento.

Na narrativa de *Niketche: uma história de poligamia*, há uma reviravolta no desfecho do enredo, pois, com ajuda de Rami, as amantes de Tony conseguem independência econômica, o que vai contribuir para que cada uma siga seu destino e não se prenda ao comandante apenas pelo provimento da manutenção do lar.

Um ponto a ser destacado na comparação entre as personagens é que ambas pertencem a países que foram colonizados por portugueses, tendo Moçambique também recebido influência dos árabes, o que justifica o costume da poligamia no norte do país.

Para Benjamin Abdala Junior (2007, p. 35):

Quem inicia um estudo comparativo das literaturas dos países de língua oficial portuguesa depara-se, de imediato com uma tradição histórico-cultural comum, que permeia as suas produções artísticas. Qualquer texto literário em português parte de uma linguagem modelada desde a Idade Média européia, num processo contínuo de aproximações e diferenciações que motivou o contexto comunicativo que se estabeleceu a partir dos tempos coloniais.

Dessa forma, trabalhar com a comparação de literaturas em Língua Portuguesa é fundir diversidades e semelhanças a partir de um denominador comum, qual seja, a língua oficial de ambos os países, observando os resquícios do período colonial.

Em nossa análise, buscamos fugir das comparações focadas nos textos hegemônicos da Europa e apresentamos dois países colonizados por

portugueses, mas com histórias políticas e sociais bem distintas. Assim, levamos em consideração que o Brasil conseguiu sua independência de Portugal há muito tempo e Moçambique só conseguiu se libertar há menos de três décadas.

Outro elo entre os dois países é uma marca triste na história brasileira, pois muitos africanos foram trazidos para o país como escravos para servir aos portugueses que aqui se instalaram e, durante muito tempo, foram humilhados e maltratados pelos descendentes dos mesmos.

Na literatura brasileira, muitos foram os movimentos em prol de uma escrita genuinamente brasileira. Os românticos da primeira geração buscaram uma identidade nacional nos índios. Os modernistas buscaram uma identidade e foi criada a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, que tenta mostrar o caráter do brasileiro. *Macunaíma* é filho de uma índia, nasce negro depois fica branco, mostrando a miscigenação do nosso povo. Seu caráter duvidoso, sua preguiça e sua malandragem mostram uma identidade nacional pautada no “jeitinho brasileiro” já citado por Roberto DaMatta.

Já em Moçambique, a produção literária está surgindo recentemente, a escritora Paulina Chiziane foi a primeira mulher em seu país a publicar um livro. Sua escrita é poética e a própria autora diz ter inspiração para escrever através das histórias orais contadas por sua avó.

O tom feminista e o relato da condição da mulher em Moçambique é muito questionado pela crítica, que a chama de escritora feminista. Em uma entrevista ao pesquisador Patrik Chabal, a escritora indica por que escolheu falar sobre a mulher:

Falei com mulheres, mas também conheço histórias seculares. Esse problema da mulher se arrasta há muito tempo. As próprias mulheres, quando escrevem, muito poucas vezes se debruçam sobre seus problemas como mulheres. Em Moçambique, como em qualquer parte da África, a condição da mulher, a situação, o tipo de oportunidades que tem na sociedade, o estatuto que tem dentro da família, na sociedade, é algo que de facto merece ser visto. Porque as leis da tradição são muito pesadas para a mulher (CHIZIANE: 1994, p. 298).

Paulina Chiziane, com sua escrita, consegue transmitir uma mensagem de apoio às mulheres, tentando mostrar as tradições de seu país e a difícil

condição da mulher, mesmo em pleno século XXI. Mostra que alguns costumes de seu país tratam a mulher como se ainda estivéssemos no período colonial. Entre eles, podemos citar: a submissão e a subserviência ao marido; a aceitação da poligamia como fato natural, tanto a oficial quanto a clandestina; os desejos da mulher subjugados aos caprichos masculinos.

Partilhamos a escrita de Pauliza Chiziane com o que Spivak (2010) apresenta sobre as mulheres escritoras, notadamente as de países de terceiro mundo, ainda em desenvolvimento, mostrando que o subalterno não pode falar, principalmente a mulher.

Spivak afirma que o subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como item respeitoso nas listas de prioridades globais. Além disso, mostra que a sociedade trata o subalterno na base do silenciamento, não dando nenhuma possibilidade para ele se fazer ouvir. Quanto à mulher subalterna, ela não tem condições de sobressair-se, visto que sua posição ainda não foi definida como ser efetivamente atuante em todos os seguimentos sociais. Spivak toma para si e para as mulheres intelectuais a tarefa de criar espaços para serem ouvidas.

Dessa forma, Paulina Chiziane, com seus romances e suas personagens femininas, mostra as situações vivenciadas pelas mulheres em Moçambique e faz com que sua arte sirva de suporte reflexivo para deciframos um pouco do mundo feminino narrado por quem, por ser mulher, conhece tão bem a alma feminina.

Em contrapartida, em Jorge Amado, encontramos uma personagem feminina que se encontra dentro de um sistema no qual ela não tem condições de sobressair-se, entretanto, ela empunha a espada dos menos favorecidos, das prostitutas, enfrenta o preconceito da sociedade e consegue, mesmo contra as normas sociais, ter seu final feliz romântico ao lado de seu amado.

Observamos que Jorge Amado coloca Tereza Batista nas situações mais impróprias para uma heroína de romance. O padrão de protagonista é focado na mocinha que espera seu príncipe encantado desde o início do enredo e, no final, os dois conseguem ser felizes.

Com Tereza Batista, notamos uma fuga da regra padrão, tendo em vista que ela foi vendida, violentada, impedida pela sociedade de ser mãe, prostituiu-

se e teria tudo para não conseguir encontrar um homem que a considerasse como esposa e casasse com ela. Porém, apesar de todos os fatores negativos, Tereza encontra seu amor e tem um final feliz.

Dessa forma, as protagonistas têm perfis e destinos diferentes. Tereza Batista constrói o mito do amor romântico ao longo da narrativa e, apesar de todas as dificuldades enfrentadas e impostas pela sociedade, ela consegue encontrar o amor de sua vida e ser feliz com ele, mesmo tendo sido prostituta.

Já Rami vai desconstruir o mito do amor romântico no decorrer da narrativa. Ao descobrir que seu marido tem uma amante, ela sai em busca da mulher que conseguiu afastar seu marido do lar, entretanto, ao encontrá-la, Rami descobre uma segunda, amante, depois uma terceira, e assim sucessivamente, até chegar às quatro amantes de Tony.

Nessa busca pela história de seu marido, Rami passa por muitas dificuldades e conflitos consigo mesma. *A priori*, ela tenta resgatar o amor de seu marido agredindo suas rivais, mas logo descobre que as amantes de Tony são tão vítimas quanto ela desse sistema que privilegia os homens e maltrata as mulheres.

Então, ela tenta se vingar de Tony, fazendo-o assumir todas as mulheres diante da sociedade e formalizando o regime poligâmico entre os envolvidos no hexágono amoroso. Tony não consegue seguir as regras da poligamia, visto que ele foi criado nos costumes cristãos e dentro do regime monogâmico. Até então, sua poligamia se dava aleatoriamente, de acordo com sua vontade e desejo.

Logo, ele passa a seguir o que manda a poligamia oficial, cumprir todos os ritos, tratar todas as suas mulheres da mesma forma, seguir uma tabela conjugal a partir da qual todas poderão saber onde seu marido está em cada dia da semana, do mês etc. Cumprir tais regras tornou-se para Tony um martírio, visto que estava acostumado a fazer o que queria sem dar satisfação alguma para suas mulheres.

Com a personagem Rami, observamos como é grande o sofrimento de uma mulher, principalmente estando inserida em um contexto que a torna prisioneira, sem direito de agir de acordo com sua vontade, sem poder demonstrar seus sentimentos e emoções.

A autora Paulina Chiziane fala um pouco sobre a poligamia:

O problema da poligamia escondida, para mim, é também um grande problema. Eu prefiro aquele indivíduo que me mostra a sua verdadeira face do que aquele que me esconde. Porque é de fato o que se diz: a poligamia mudou de vestido. Porque esses homens têm quatro, cinco, dez mulheres em qualquer canto por aí. Têm filhos com duas, três, quatro mulheres todas juntas. São filhos que, porque crescem numa sociedade de monogamia, não se podem reconhecer. São crianças frutos de uma situação como a que vivemos hoje, uma situação de adultério. Mas numa sociedade de poligamia já não acontece isso, as coisas são mais abertas. A situação de adultério que vivemos hoje é muito pior do que a poligamia. (CHIZIANE, 1994, p. 299).

De acordo com a autora, a poligamia na atualidade é bem mais complicada porque está sendo vivenciada de maneira desordenada em culturas monogâmicas. Dessa forma, os envolvidos nesse tipo de situação não têm como reivindicar nenhum direito, pois suas relações não são consentidas legalmente pela sociedade.

Tais relacionamentos poligâmicos em culturas monogâmicas trazem consequências irreparáveis para os dois enredos: as protagonistas sofrem. Tereza Batista não pôde ter o filho que tanto desejou, pois este não seria amado nem reconhecido pelo pai, logo, uma vida inocente foi sacrificada para que as normas sociais prevalecessem. Rami, esposa legítima de Tony, casada na igreja com véu e grinalda, mantendo um pacto de amor e fidelidade para vida toda, sofre por criar seus filhos sozinha, sem o amor, carinho e atenção do pai e, também, por descobrir que é traída pelo homem que mais amou na vida e a quem tanto se dedicou.

Apesar de em Moçambique existir a poligamia como forma de casamento legal, existem muitas pessoas que vivem no regime monogâmico praticando a poligamia clandestina. Homens se esquecem do valor que cada mulher tem e transformam suas vidas em palcos de orgias e traições, não respeitando o sentimento e o amor que a mulher tem e não a considerando como deveriam.

Encontramos, nos dois romances, representações de mulheres que padecem a cada dia por serem tratadas como objetos, mas que encontraram uma forma para buscar sua dignidade e sua autoestima.

Dissemos que a personagem Tereza Batista construiu o mito do amor romântico no decorrer da narrativa, pois ela foi amante de dois coronéis, se prostituiu e, no fim do enredo, teve o final feliz romântico. Seu destino é diferente do de outras mulheres da literatura que, por fugirem do padrão social, acabaram sofrendo algum “castigo” por não serem fiéis às normas, a citar: Lúcia nome fictício da personagem Maria da Glória, da obra *Lucíola*, de José de Alencar, morre com o filho no ventre, a morte seria a punição por ter sido prostituta; Iracema, personagem da obra *Iracema*, de José de Alencar, também morre pouco depois de dar à luz o primeiro filho de uma relação entre um europeu e uma índia. Iracema quebra o ritual de sua tribo que consistia em ela permanecer virgem para salvar sua tribo.

Logo, observamos que Tereza Batista teve um desfecho não condizente com os finais das protagonistas que fugiram das normas sociais para seguir seus desejos e sentimentos. Apesar de todo sofrimento, seu desfecho foi feliz ao lado de seu grande amor.

Na trajetória de Rami, compreendemos que houve a desconstrução do mito do amor romântico, pois, de acordo com o padrão social, sua vida tinha tudo para ter um final feliz ao lado de seu marido e de seus filhos, no entanto, com todo sofrimento e angústia das traições de Tony, Rami desconstrói a ideia de que só se pode ser feliz dentro do casamento.

Como a protagonista esclarece em conversa com seu marido Tony:

Apetece-me perguntar-lhe: quem me fez desejar outros beijos que não os teus? Eu que era virgem e pura. Os meus sonhos tinham a brancura das nuvens vogando no céu, mas ficaram revoltos e negros como um dia de tornado. Apetece-me perguntar ainda: quem me fez a cama de espinhos e me obrigou a dormir nela? Quem vestiu de luto o meu coração rubro? Quem me serviu vinagre e fel e fez meus olhos chorar? Quem fez de mim viúva, de marido vivo? Quem me obrigou a coabitar com rivais, como irmãs? (CHIZIANE, 2004, p. 303).

Nesse trecho, percebemos claramente a raiva e a indignação de Rami ao dizer a Tony que ele destruiu seus sonhos, sua vida e pôs fim em tudo o que ela acreditava sobre amor e felicidade no matrimônio, pois se tornou refém das humilhações que o próprio marido lhe impôs, fazendo-a passar por situações desconfortáveis e dolorosas, tudo em nome dos caprichos e da honra machista de Tony.

Dessa forma, as duas personagens foram marcadas por uma vida de sofrimentos e amarguras, mas ambas tiveram coragem de ir em busca de melhores condições de vida, e cada uma a seu modo conseguiu mudar o rumo de suas histórias.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando os discursos e as trajetórias das personagens Tereza Batista, da obra *Tereza batista cansada de guerra*, de Jorge Amado, e de Rami, da obra *Niketché: uma história de poligamia*, da autora Paulina Chiziane, foi possível inferir que as referidas personagens, no tocante à condição social feminina, caracterizam-se como audaciosas e destemidas.

Ao se posicionarem de maneira audaciosa, distanciando-se do que, nas sociedades retratadas nas obras, era permitido à mulher exercer, uma vez que as mulheres, por não terem uma representação social efetiva, eram submissas aos maridos e dependentes, ao mudarem suas posturas, criam novas possibilidades de conquistas para a mulher.

Notamos que os contextos sociais de Brasil e Moçambique são distintos e a trajetória de vida das personagens é diferente, sendo que Tereza Batista, por circunstâncias sociais, torna-se prostituta e Rami, influenciada pela posição social do marido, é submetida a uma poligamia clandestina.

Dessa forma, observamos que o contexto sócio-histórico e cultural e a posição do sujeito são fatores preponderantes na produção discursiva e na posição feminina. A mulher não dispõe de liberdade para desenvolver suas potencialidades, visto que as ideologias e convenções repassadas pela sociedade fazem com que ela seja submissa aos homens e às normas, mas apesar disso, conquistam a liberdade.

Percebemos que Tereza Batista, no decorrer do enredo, passa por difíceis situações, como a violência física e o abuso sexual sofridos em companhia do coronel Justiniano Duarte da Rosa, o preconceito sofrido quando foi amásia do Dr. Emiliano Guedes e agruras sofridas quando exerceu a profissão de prostituta nos cabarés.

Todos esses fatores contribuem para que a protagonista e heroína do romance tenha uma postura pouco utilizada pelas mulheres de sua época. Pois no contexto social ao qual a personagem pertencia, a mulher para ser considerada uma dama deveria ser de família íntegra, ter bons modos, ser recatada e aceitar todas as ordens de seus pais e marido.

Nesse sentido, Tereza, por ser prostituta, conseqüentemente não se enquadraria no padrão social de mulher que pudesse contrair o matrimônio e formar uma família. Logo, observamos que, longe dos padrões sociais e compartilhando apenas do lado amargo da vida, Tereza é a representação da desconstrução do amor romântico. Entretanto, ao longo da narrativa, a protagonista constrói o mito e tem seu final feliz romântico.

No que se refere ao contexto social de Moçambique, onde se desenvolve a narrativa em que a protagonista Rami está inserida, acontece o inverso. Ela tinha uma vida decente, era casada no regime monogâmico e cristão e acreditava que seria feliz em seu casamento e viveria ao lado de seu marido por toda vida. No entanto, não foi o que aconteceu, pois seu marido Tony passou a ter relacionamentos extraconjugais com outras mulheres.

A partir do momento em que descobre a traição de Tony, Rami passa a desconstruir o mito do amor romântico, o que, no final da narrativa, culmina com a separação do casal e com o início de uma nova fase na vida da protagonista.

Observamos que as mulheres tanto no Brasil quanto em Moçambique ainda passam por vários momentos conflituosos em que têm que optar por seguir seus ideais ou ir ao encontro das normas ditadas pela sociedade. No que se refere às protagonistas em questão, fica claro que as duas heroínas, mesmo seguindo por caminhos diferentes, têm em comum a vontade de construir uma nova vida de acordo com as necessidades e opiniões de cada uma.

Notamos que a posição econômica foi um fator que interferiu de maneira decisiva na vida das duas personagens. Por falta de dinheiro e pela ambição da tia, Tereza foi vendida a Justiniano Duarte da Rosa que a maltratou e violentou até o dia de sua morte, por falta de dinheiro, ela passou a exercer a profissão de prostituta. No caso de Rami, a abundância de dinheiro do seu marido Tony proporcionou a ele o direito de se relacionar e constituir família com outras mulheres.

Nesse sentido, tanto no Brasil (década de 1970) quanto em Moçambique (2004), ainda em processo de afirmação da liberdade conseguida em 1975, a posição social e o status econômico interfere decisivamente na vida

das pessoas, notadamente, na das mulheres que, por não terem espaço na sociedade para se firmar profissionalmente, ficam à mercê dos homens que detém o poder social.

Sobre o contexto poligâmico e monogâmico, evidenciamos que em Moçambique, mais especificamente, por influência dos árabes, há a poligamia instaurada, legalizada. No sul do país, entretanto, há casos de poligamia clandestina, como é constatado com o personagem Tony, que se casou no regime monogâmico e enveredou-se numa poligamia clandestina, na qual só ele tinha direitos, restando às mulheres e aos filhos viverem sem a presença do marido e do pai. Dessa maneira, não se cumpre nem o regime monogâmico, nem o poligâmico oficial.

No Brasil há o mencionado “jeitinho brasileiro”, pois o regime oficial é o monogâmico, entretanto, há vários homens que mantêm relacionamentos extraconjugais com mais de uma mulher, relacionamentos vistos e admitidos perante a sociedade, que finge que não vê deixando tudo a critério de cada indivíduo.

Logo, percebemos que as protagonistas produzem discursos que oscilam durante os enredos. Quando se sentem ameaçadas e injustiçadas, proferem discursos que não condizem com o padrão exigido pela sociedade, mas quando estão tocadas e sensibilizadas, principalmente quando se trata de pessoas que elas amam, os discursos produzidos se equiparam aos das mulheres em geral.

Compreendemos que as obras retratam a representação de mulheres com discursos e atitudes pouco comuns para a época e para a sociedade em que cada personagem estava inserida. Foi a perseverança que fez com que cada uma conseguisse seu objetivo.

No caso de Tereza, que viveu o mito do amor romântico, apesar de não ter as características ditadas pela sociedade para ser esposa e mãe, conseguiu desmitificar esse estereótipo e teve o final feliz romântico com seu amado Januário Gereba.

No tocante a Rami, que desconstruiu o mito do amor romântico, mesmo tendo todas as características sociais para ser feliz ao lado de seu marido, ao descobrir as traições do mesmo, parte um busca de sua identidade,

desvencilhando-se do estereótipo ditado pela sociedade e separando-se de Tony para seguir uma nova etapa que irá trilhar somente com seus filhos.

Assim, vemos que as protagonistas, apesar de terem trajetórias e destinos diferentes, têm em comum a força, a determinação para não se deixarem abater com as dificuldades e para lutarem para alcançar suas metas.

Evidenciamos que, mesmo não tendo liberdade, há mulheres que lutam contra as regras impostas socialmente, conseguem quebrar preceitos e alcançar seus objetivos. Notamos que as protagonistas Tereza Batista e Rami foram a representação de mulheres fortes, destemidas que lutaram contra a cultura e a sociedade para conseguirem suas independências.

5- REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: SENAC, 2002.

_____. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

AFONSO, Maria Fernanda. *O Conto moçambicano. Escritas pós-coloniais*, Caminho, Lisboa, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

AMADO, Jorge. *O menino grapiúna*. Rio de Janeiro: Record; MPM, 1981b.

_____. Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. São Paulo. Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, M.(Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13 ed. Tradução de M.LAHUD; F.VIEIRA. São Paulo: Hucitec, 2009.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte:UFMG,1998.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Vol.II. Porto Alegre, L&PM, 2000.

BONNICI, Thomas, ZOOLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003.

BONIATTI, Ilva Maria Bertola. *Literatura comparada: memória e região*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRANCO, Lúcia Castello & BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro. Lamparina Editora, 2004.

CABAÇO, José Luís de Oliveira. *Moçambique: identidades, colonialismo e libertação*. São Paulo, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos da teoria e história literária*. 11 ed. Rio de Janeiro. Ouro sobre azul, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual*. Rio de Janeiro: Cielo Brasil, 1997.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 24ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CHIZIANE, Paulina. *Niketché: Uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Entrevista*. In: CHABAL, Patrick. *Vozes Moçambicanas. Literatura e Nacionalidade*. Lisboa; Veja, 1994, p. 292-301.

_____. *“Ser escritora é uma ousadia!!!”*. Entrevista ao Maderazindo. Disponível em <<http://www.maderazinco.tropical.co.mz>>, Acesso em 18 outubro de 2012.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura Comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n3, 1996, p. 69-70.

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UNB, 2001.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.

_____. *Sobrados e mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KOSS, Monika Von. *Feminino + maculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades*. São Paulo: Editora Escrituras, 2000.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAZRUI, Ali A. WONDJI, Christophe. *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília. UNESCO, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 2000.

ROUGEMONT, Denis. *A história do amor no ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003.

SAGRADA, Bíblia. Trad. Monges de Meredsous. São Paulo: Ave-Maria, 2000.

SCHWANTES, Cintia. “Dilemas da representação feminina”. In: OPSIS – Revista do NIESC. Vol. 6, 2006, p. 7 – Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/viewFile/9308/6400>. Acesso em: 16 out.2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SZMIDT, Renata Díaz. *O legado tradicional africano e as influências ocidentais: a formação da identidade e da moçambicanidade na literatura pós-colonial de Moçambique*. Literaturas africanas entre tradiciones y modernidades, CIEA7, 2010. Disponível em: http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/2322/1/CIEA7_21_D%C3%8DAZ-SZMIDT_O%20legado%20tradicional%20africano%20e%20as%20influ%C3%A4ncias%20ocidentais.pdf. Acesso em 05 out. 2012.